

PB tem 500 sítios arqueológicos já identificados

Segundo pesquisador, o estado é rico em áreas de estudo para a arqueologia e o número de locais históricos pode chegar a 3 mil. [Páginas 5 e 6](#)

Foto: Deivid Ribeiro/divulgação



Neste Carnaval, a folia é "de casa"

Com as limitações impostas pela pandemia, paraibanos reinventam a festa, como o fotógrafo que montou um "estúdio carnavalesco". [Página 3](#)

Colunas

// Com tantos contágios, tantos óbitos (...) tantas indefinições relacionadas à pandemia, qual o sentido de trocar álcool em gel por aguardente e cair na folia? [Página 2](#)

Editorial

// Nos momentos em que a desesperança insiste em querer prevalecer, é necessário que se evite ser contaminado pelo veneno do medo. [Página 2](#)

Rui Leitão

// Quem leu o romance 'The Dig', de John Preston, não vai achar muito diferente o roteiro do filme 'A Escavação', dirigido por Simon Stone. [Página 11](#)

Alex Santos

Almanaque

Foto: Arquivo A União



Carnavais dos tempos de outrora A folia não é mais a mesma, mas a memória guarda as melhores lembranças da festa. [Página 25](#)

Entrevista

Leonardo Trajano

"Trabalho remoto veio para ficar", afirma novo presidente do TRT-PB.

[Página 4](#)



Foto: Divulgação

Políticas

Após 32 anos, Constituição da Paraíba volta a ter sua capa original

Conheça a história da Carta Magna do estado, um compêndio de 310 páginas, com 44 emendas e muita polêmica. [Página 13](#)

Esportes



Foto: Reprodução

55 anos do hexa! Destaque do Campinense nos anos 1960, Zé Preto lembra a campanha que tornou a Raposa imbatível. [Página 21](#)

Economia

Comércio nas estradas retoma vendas após período difícil na pandemia

Ambulantes que negociam de frutas a artesanato às margens das rodovias voltam a ver os carros pararem para consumir produtos. [Página 17](#)

FEVEREIRO Laranja
Leucemia

FEVEREIRO Roxo
Fibromialgia
Alzheimer
e Lúpus

Apoie estas causas e ajude na prevenção e conscientização

Editorial

Alegoria

Este seria um domingo diferente, não fosse o contexto social contemporâneo, tanto do Brasil como do mundo, profundamente marcado pela pandemia do novo coronavírus. Em várias cidades, em números variados, dependendo das tradições culturais de cada localidade, haveria aglomerações de pessoas nas ruas, nas praias, nos bares, nos clubes, nos blocos, nas escolas de samba, enfim, nas várias modalidades de agremiação carnavalesca.

Carnaval é sinônimo de irreverência, criatividade e descontração. É a festa do ajuntamento popular por excelência. A maioria dos blocos carnavalescos, por exemplo, nasceu por iniciativas de vizinhos de rua, frequentadores de bares ou colegas de trabalho. Uma ideia compartilhada por muitos tem mais potencial para se tornar realidade. Carnaval soma, não divide. Daí as multidões que o fazem acontecer, em diversas cidades brasileiras.

Mas há tempo para tudo, inclusive para se adequar a circunstâncias inéditas impostas pela vida, que tem na mudança uma de suas leis não revogáveis pela vontade humana. O momento não está para brincadeiras. O Brasil, para ater-se aqui apenas à conjuntura nacional, está enredado em uma situação de emergência em saúde que tem ocasionado transtornos inimagináveis, a exemplo da morte diária de centenas de pessoas.

Deposita-se toda esperança nas vacinas contra o novo coronavírus, e aqui não se tem nada contra os antídotos e os processos de imunização, muito pelo contrário. No entanto, é forçoso reconhecer que ainda não se sabe, com o selo da precisão, quando e como vai terminar a pandemia de covid-19. O que se constata é que a vacina ainda é pouca - portanto, sua aplicação é lenta - e que o vírus é letal e tem grande capacidade de mutação.

Pois bem. Com tantos contágios, tantos óbitos, tantos sepultamentos e tantas internações hospitalares, acima de tudo, com tantas indefinições relacionadas à pandemia do novo coronavírus, qual o sentido, com o perdão da alegoria, de jogar as máscaras para cima, trocar álcool em gel por aguardente e cair na folia? A hora pede reflexão. Se alguma manifestação se faz necessária, esta deve ser de respeito aos mortos e à dor de seus familiares.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Porta estandarte da esperança

No carnaval deste ano, tão diferente de todos os que já vivi, quero ser um porta estandarte da esperança. Inspirado na canção do nosso conterrâneo Geraldo Vandré quando diz: "cantando a esperança sem fim" e "na certeza de que as dores e as tristezas um dia irão se findar". Diz ele ainda: "e não cantava se não fosse assim, deixando que a certeza se faça do povo a canção".

Ter a determinação de carregar a bandeira da resistência. Acreditar no amanhã, ainda que o hoje provoque instantes de desânimo. Não permitir jamais que os destemidos se sintam sozinhos nas lutas que abraçam por acreditarem nelas. Aqueles que se colocam dispostos a serem porta-estandartes, puxam os cordões da caminhada. E o fazem com o espírito energizado pela crença de que o melhor está por vir, compartilhando otimismo. É preciso mostrar-se um realista esperançoso.

Nos momentos em que a desesperança insiste em querer prevalecer, é necessário que se evite ser contaminado pelo veneno do medo. Só assim podemos construir o futuro que almejamos, tendo a convicção de que as tempestades não

duram para sempre. Não permitindo que as dores circunstanciais sejam maiores do que a esperança. Nunca é tarde demais para reescrever a história, oferecendo-lhe um novo sentido.

Lembremo-nos da exortação de Guilherme Arantes; "Amanhã, redobrada força, pra cima que não cessa, há de vingar/Amanhã a luminosidade, alheia a qualquer vontade, há de imperar/Amanhã, ódios aplacados, temores abrandados, será pleno". Ainda que não tenhamos blocos carnavalescos nas ruas, recusemo-nos a baixar os estandartes da esperança. Essa bandeira tem que se manter tremulando, de forma a entusiasmar os que a veem como símbolo da unidade e da resistência.

Nas ocasiões de crise o sentimento da esperança não pode ser individualizado. Ele tem que se espalhar coletivamente, contagiando a todos. Quem disse que neste carnaval os estandartes serão recolhidos? Pode não estarem visíveis nas ruas, mas estarão conduzidos nos corações e nas mentes dos que não desistem diante das contrariedades ocasionais.

/// Acreditar no amanhã, ainda que o hoje provoque instantes de desânimo ///

Foto: Reprodução



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A carroça do padre

- Ele pegou a carroça do padre. Essa frase definia uma situação muito grave. Só se pegava a carroça do padre para ir ao cemitério ou à indigência do hospital - um pavilhão que albergava umas poucas dezenas de leitos para os recém-operados ou os que estavam na vez de se operar. Os pacientes terminais eram levados para a cafua do padre, o porão da igreja, onde sala de espera da morte. Criticaram o padre porque estava conduzindo mortos e moribundos numa só carroça, e ele respondeu no rádio:

- Prezados, eu não estou transportando mortos e doentes numa só carroça; são duas, só que iguais. Não tenho ambulância para transportar meus doentes para os hospitais ou para fazer exames médicos. Quem tem carro, e está me criticando, não quer transportar pessoas doentes; o jeito é eu levar numa carroça puxada a burro.

O padre dizia isso no seu programa radiofônico "Meia-hora com Padre Zé". Era um tremendo programa, em que o padre Zé Coutinho, com uma narrativa de fazer inveja a Orson Wells, numa voz surrada como sua batina, interrompida pelo pigarro, descrevia a miséria da cidade e do estado que ele acudia:

"Prezados, umas estudantes de assistência social me criticaram porque viram meninos sujos, brincando na terra lá no meu abrigo. São meninos e meninas que não têm para onde ir, prezados. Porque essas moças não pegam as crianças e levam para suas casas? O que eu não posso fazer é deixar os meninos soltos na rua, morando debaixo dos arvoredos."

O padre assinava também uma crônica bissexta nos jornais da terra, em que prestava contas da assistência que prestava aos necessitados, mas ninguém ainda se lembrou de reuni-las em livro.

As carroças foram uma invenção do padre Zé Coutinho no começo dos anos cinquenta. Pode-se dizer, sem risco de maior erro, que as carroças eram modelo 1951, ou de duas cabeças, 50/51. Eram pintadas de branco, com uma cruz vermelha nos lados e atrás. Um veículo inspirado, talvez, nas ambulâncias da Primeira Guerra Mundial. Eram um pouco mais compridas que as carroças de carga, o suficiente para abrigar a maca em que se deitava o doente, ou o caixão em que se levava o defunto para a cova rasa.

Pareciam um pouco com as carroças do leite, também brancas, com seu caixote quadrado, em que se acomodavam, aquelas garrafas bojudas, de litro e meio-litro, do gargalo largo, tampadas com uma rodela de papelão. As garrafas do leite eram um modelo universal, como aqueles que a gente via no cinema e nas revistas de quadrinhos, sempre com um gato por perto. Mas as garrafas do leite sumiram, por que não sei; foram substituídas por garrafas e litros de todo tipo, de cerveja, de rum, vodka ou de gin, tampadas com rolhas ou sabugos. Parece que as garrafas do leite pegaram a carroça do padre. Não a carroça que ia para o campo das vacas, mas a que dobrava a esquina e descia a ladeira para o campo-santo, na última viagem, que levou o padre também.

/// As carroças foram uma invenção do padre Zé Coutinho no começo dos anos cinquenta. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA: 99143-6762

Carnaval para reinventar a alegria

Alugar fantasias, decorar a casa e dançar com a família são as dicas para a folia 2021

José Alves
zavieira2@gmail.com

Não é por que as grandes festas de carnaval foram suspensas, que não haverá espaço para alegria durante o período de carnaval deste ano. Entre muito a lamentar e uma pandemia ainda a vencer, o brasileiro reinventa a forma de celebrar sua festa mais popular na espera ansiosa pela vacina. As famílias se organizam para fazer a brincadeira que invadia as ruas, caber dentro das casas.

Com a suspensão do Carnaval, o paraibano que todos os anos "se joga", no Folia de Rua, ou nas festas das principais cidades do estado, este ano, terá que se contentar em brincar sem multidão e dentro de casa. Tudo isso, por causa da pandemia provocada pelo novo coronavírus, e porque a vacina ainda não chegou para todos. Por esses motivos, a folia será bem diferente, com os foliões colocando para fora a criatividade para manter o brilho da festa em casa. Uma das alternativas é curtir o Carnaval assistindo e dançando em casa, as inúmeras lives programadas para o período.

Para a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae -PB, Regina Amorim, Carnaval não é só folia. É uma das expressões culturais mais genuínas do Brasil. Por isso, o seu simbolismo não se apaga com as novas maneiras de espalhar alegria e arte, que vislumbrem o carnaval 2021.

Segundo a gestora, neste cenário atual de distanciamento social, certamente surgirão novas alternativas e negócios, na cadeia produtiva da economia do carnaval, em qualquer lugar do país, unindo os diferentes fatores criativos.

Um dos exemplos em João Pessoa, é o do fotógrafo Deivid Ribeiro. Para não diminuir os trabalhos neste período de Carnaval com poucos eventos, ele simplesmente montou um cenário carnavalesco em sua residência/estúdio, para fo-

tografar pessoas, famílias ou mesmo foliões, como se eles estivessem num grande baile, para que o Carnaval 2021 não ficasse sem registro.

Por causa da pandemia, Deivid explicou que transformou a casa inteira no estúdio. Ou seja, as pessoas que chegam para tirar as fotos temáticas, não precisam entrar num quarto fechado para serem fotografadas.

"As pessoas que desejam as fotos, entram na casa, estacionam o carro no quintal, e ali mesmo as fotografias começam a ser feitas. Nem precisam entrar em ambiente fechado e todas as fotos podem ser feitas em ambientes abertos e com luz natural, o que dá mais segurança a eles nesse período de pandemia", destacou Deivid.

Ele disse ainda, que enquanto os adultos posam para as fotos carnavalescas, existem alguns acessórios para quem vem ao local trazendo crianças. E elas ficam brincando enquanto as fotos são feitas. "Mas as fotos são abertas para todos,

adultos, idosos, famílias, crianças e até os bichinhos de estimação".

O fotógrafo comentou que 2021 será de um carnaval para ficar na memória, mesmo sem folia de rua, vai ficar na lembrança pelas belas fotografias. "Final, as fotos são tiradas ao som de um bom frevo para que as pessoas dançam e brinquem com se estivessem em um baile de carnaval, de forma bem espontânea. Quem já foi lá para marcar o Carnaval 2021, gostou da experiência e está recomendando aos amigos", conta Deivid.

Ainda segundo Regina Amorim, esse é um exemplo de criatividade para celebrar o Carnaval com responsabilidade. Ela dá algumas dicas de diversão: "alugue fantasias, vista-se durante os dias do Carnaval, ligue o som e dance com toda a família, decore um espaço na sua residência ou apartamento e contrate a sua maquiagem carnavalesca. Se você vai trabalhar nesses dias de carnaval, vá com sua fantasia de alegria".



Fotógrafo montou estúdio em casa e clientes poderão recordar o carnaval 2021 com fotos de uma festa diferente



Fundação promove "Folia de Casa" no período do Carnaval

Uma alternativa para aproveitar a folia em casa são as *lives* transmitidas pela internet. E a Fundação Casa de José Américo marcará os dias momecos com a realização do Carnaval virtual "Folia de Casa". O evento, que acontecerá amanhã e terça-feira, às 19h30, constará de atrações musicais, depoimentos, homenagens, resgates históricos e brindes.

O "Folia de Casa" será transmitido pelo canal oficial da FCJA, no YouTube. O grande homenageado do projeto é o carnavalesco, jornalista, crítico de cinema e escritor

Wills Leal, falecido no dia 7 de maio, do ano passado, aos 83 anos. As lives serão coordenadas pelo jornalista e professor Carmélio Reynaldo.

Na segunda-feira (15), a programação inicia com a exibição do vídeo do Governo do Estado "Meu corpo não é sua folia", seguido de um vídeo editado com 16 músicas de folia e fotos. O Carnaval Tradição de João Pessoa é o tema da live, iniciando com um documentário e debate com participação de vários carnavalescos: o folclorista Pedro Cândido e ex-presidentes do Folia de Rua, jornalista Walter Santos e

Ana Gondim. A homenagem a Wills Leal terá participação de sua irmã Ana Leal e do poeta Raniery Abrantes.

Na terça-feira (16), o "Folia de Casa" terá como

atrações na live o cantor e compositor Fuba, o maestro Chiquito, o historiador Rui Leitão (pesquisador de canções carnavalescas) e do jornalista Sílvio Osias.

Foto: Arquivo Pessoal - Deivid Ribeiro



Famílias poderão contar com a transmissão de eventos virtuais para animar os dias de festa adaptada dentro de suas casas

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

MDB DEVERÁ SE REUNIR "DAQUI A UNS DEZ DIAS" PARA DISCUTIR OS DESTINOS DO PARTIDO, AFIRMA VENEZIANO



Foto: Agência Senado

"Haveremos de assim fazer, respeitando a memória do senador José Maranhão, na próxima semana ou daqui a uns dez dias", afirmou o senador Veneziano Vital do Rêgo (foto) sobre a reunião que o MDB fará para discutir os encaminhamentos relativos à escolha do novo presidente do partido na Paraíba, assim como o reforço dos quadros partidários, inclusive com o convite para que agentes políticos retornem à legenda – o senador citou os nomes dos ex-deputado Ricardo Marcelo, que foi presidente da ALPB, e do ex-deputado Márcio Roberto que, segundo o senador, disputará novamente cadeira na ALPB. Com a morte do senador José Maranhão, que presidia o MDB no estado, o partido está sob a condução do vice-presidente, Roberto Paulino, que não vê obstáculos para que Veneziano assuma a direção partidária – "Se ele quiser ser presidente, não tem problema", declarou. Uma nova eleição interna na legenda está marcada para julho. Para Roberto Paulino, Veneziano e sua mãe, a senadora Nilda Gondim, terão "papel importante no soerguimento do MDB". Detalhe: na tarde de sexta-feira, Veneziano, Roberto e Raniery Paulino se reuniram, previamente, para definir uma pauta de ações relacionadas ao partido.

"MISERABILIDADE SEM PRECEDENTES"

Vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo (MDB) fez menção aos "níveis de miserabilidade sem precedentes" que atingiram a população em vulnerabilidade social, após a suspensão do auxílio emergencial do governo: "Três milhões de pessoas entraram na pobreza ou na extrema pobreza, quando sequer se tem alimento à mesa".

AINDA ESTE MÊS

Veneziano aposta que, ainda este mês, haverá um desfecho no Congresso quanto à aprovação da prorrogação do auxílio emergencial para a camada mais vulnerável da população: "Até o término de fevereiro, estaremos definindo a questão do auxílio. A prorrogação é um consenso no Congresso", disse.

INDEFINIÇÃO NA CMJP

Na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), continua a indefinição quanto à escolha dos membros das comissões permanentes – a Comissão de Constituição e Justiça é a mais cobiçada pela maioria dos vereadores. De acordo com o seu ex-presidente, Thiago Lucena (PRTB), haverá reunião "nos próximos dias" para discutir o tema.

ALIANÇA CONSOLIDADA

A aliança entre MDB e Cidadania, que se que se mantém no Senado – com Veneziano Vital do Rêgo e Nilda Gondim – e na ALPB – com Raniery Paulino – deverá se consolidar com a escolha do novo presidente do primeiro, com vistas a 2022. "Ainda não conversei com o MDB, mas espero contar com essas pessoas dentro do nosso projeto político", disse o governador João Azevêdo.

AUTONOMIA PARTIDÁRIA

Numa emissora de rádio, o governador João Azevêdo foi provocado a falar sobre a possibilidade de permanência da aliança entre o Cidadania e o Progressistas nas eleições que se avizinham: "O que aconteceu em João Pessoa poderá ser replicado em toda a Paraíba. Mas se isso não acontecer, tudo bem, cada partido tem a sua autonomia".

GOVERNADOR: "VAMOS DEIXAR PARA DISCUTIR 2022 EM 2022"

"Se vai ter dois, quatro ou vinte [candidatos ao governo], que tenha, isso é normal, faz parte do processo", continuou o governador na entrevista. Porém, o gestor estadual voltou a afirmar que as disputas políticas precisam estar em segundo plano neste momento em que o foco é o combate à pandemia: "Vamos deixar para discutir 2022 em 2022".

Leonardo José Videres Trajano,
presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (13ª Região)

“Modalidade do trabalho remoto veio para ficar no Estado”

Para juiz do TRT-PB, o trabalho remoto caminha para se tornar uma prática ainda mais comum em toda a nossa sociedade, e várias empresas já passaram a adotá-lo como regra

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Empossado em janeiro como presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (13ª Região), o desembargador Leonardo José Videres Trajano fala sobre as prioridades para 2021, os desafios em comandar o tribunal em um contexto ainda pandêmico, as reclamações mais demandadas, o perfil do

trabalhador paraibano, entre outros pontos. Em entrevista concedida ao Jornal A União, ele afirma que a modalidade do trabalho remoto veio para ficar no Estado. Porém, ressalta que aguarda este ano um incremento no número de ações trabalhistas, dado ao aumento do desemprego e ao conflito residual de toda legislação editada para a situação da pandemia. Veja a entrevista na íntegra.

Leonardo Trajano destaca que o Tribunal Regional do Trabalho vem se “agigantando” e conta com magistrados e servidores que sabem de suas responsabilidades

A entrevista

- O senhor assumiu recentemente o TRT e a pandemia da covid-19 continua. Isso torna a missão de comandar a Justiça do Trabalho ainda mais complexa? Por que?

■ Não hesito em afirmar que administrar o Tribunal no período da pandemia da covid-19 é muito mais complexo. É necessário muita criatividade e dedicação para que o Tribunal continue prestando os seus relevantes serviços à sociedade. A crise sanitária repercute no comportamento de todos nós. Atrai sensação de impotência e fundado receio de contágio pela moléstia. Nesse contexto, o Tribunal vem se agigantando e conta com magistrados e servidores abnegados e que bem sabem de suas responsabilidades. Logo, o desafio é continuar a nossa missão de atender o jurisdicionado da melhor forma possível.

- Quais são hoje os maiores desafios da Justiça do Trabalho no Brasil e na Paraíba? Por que?

■ O momento é muito desafiador. Continuamos com um problema de sempre, que é da acentuada dificuldade orçamentária, com impossibilidade de reposição dos nossos quadros e investimentos mais substanciais em tecnologia da informação. De outro lado, penso que os tribunais trabalhistas precisam se comunicar melhor com a sociedade, realçando a necessidade e importância da atuação da Justiça do Trabalho para regular as relações entre capital e trabalho, em um país com déficit social tão evidente, agora maximizado como nunca antes se viu.

- Qual é o papel da Justiça do Trabalho na proteção dos direitos do trabalhador?

■ Toda a construção do Direito do Trabalho, é direcionada à pessoa humana. Rememoro a lição de Octávio Bueno Magano: “A pessoa humana é a causa eficiente de toda a elaboração do Direito do Trabalho”. Logo, a atuação da Justiça do Trabalho volta-se para buscar o equilíbrio entre a atividade econômica e a proteção do trabalho humano. Lembremo-nos sempre que a valorização social do trabalho é princípio constitucional, tal como o da livre iniciativa. Fundamental, pois, equacionar a proteção do

trabalho humano, com a inovação e a liberdade econômica. A interdependência entre a vida social justa e o desenvolvimento da atividade econômica, parece-me o fim que todos nós devemos alcançar. Em outras palavras, deverá a justiça do trabalho velar pelo bom empregado e bom empregador.

- Quais suas prioridades no TRT em 2021? Algum projeto elaborado para ser implantado especificamente este ano?

■ O primeiro desejo é de continuidade administrativa. Destaco, no particular, que essa é uma prática real deste Tribunal. Por outro lado, pretendo aprovar o planejamento estratégico e o plano de logística sustentável do Tribunal para os

próximos 6 anos; Consolidar algo que já está arraigado na cultura da nossa Instituição, que é a inovação. Não custa rememorar que o nosso Tribunal foi o primeiro do país, de forma integral, a adotar o processo judicial eletrônico. Para tanto, no último dia 4, lançamos o Inova TRT-13, que terá como base um trabalho colaborativo e multidisciplinar, coordenado por um comitê de formação plural, com participação de magistrados e servidores. Como

/// Lançamos o Inova TRT-13, que terá como base um trabalho colaborativo e multidisciplinar, coordenado por um comitê de formação plural, com participação de magistrados e servidores ///

bem se sabe, o momento é de ruptura, com mudanças em setores conservadores, inclusive no Poder Judiciário. Desse modo, precisaremos dotar o Tribunal de condições para atender com a “velocidade” dos dias atuais, o princípio da eficiência do serviço público, de eficácia e efetividade da prestação jurisdicional, bem como de integrá-lo à agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

- Quais as reclamações mais demandadas pelo trabalhador no TRT da Paraíba e como o Tribunal tem se posicionado diante delas?

■ As demandas mais comuns no Tribunal envolvem pagamento de verbas rescisórias, vale dizer, de verbas que deveriam ser pagas ao término do contrato de trabalho. Evidente, pois, o longo caminho que ainda temos para chegar a um patamar civilizatório adequado, tam-

bém no âmbito das relações de trabalho.

6 - Como o senhor analisa as mudanças na legislação trabalhista ocorridas nos últimos anos?

■ Penso que não me cabe, como magistrado, tecer considerações a respeito de mudança na legislação trabalhista. Como pressuposto do Estado Democrático de Direito a lei deve ser cumprida. Sempre é de se lembrar a advertência de Rui Barbosa: “com a lei, pela lei e dentro da lei, porque fora da lei não há salvação”. Nesse contexto, cabe ao juiz aplicar a lei ao caso concreto, sendo certo que se houve conflito com a Carta Magna ou legislação de maior hierarquia, estas prevalecerão.

- O senhor já comentou, numa oportunidade, que a Justiça do Trabalho aguarda muitas ações movidas em virtude da pandemia e dos efeitos nas relações de trabalho, como por exemplo, o home office. Quais seriam essas demandas provenientes do trabalho remoto? O que o senhor pensa sobre esse assunto?

■ Penso que, neste ano de 2021, teremos um incremento no número de ações trabalhistas, dado ao aumento do desemprego e ao conflito residual de toda legislação editada para a situação da pandemia. Em relação as demandas oriundas do trabalho em home office, devem surgir, preponderantemente, ações que versem sobre jornada de trabalho e condições ergonômicas.

- Para o senhor, o trabalho remoto é uma prática que veio para ficar na Paraíba? Por que?

■ Sem dúvida, o trabalho remoto já é e será uma prática muito comum em toda a nossa sociedade. Várias empresas já passaram a adotá-la como regra, inclusive, como requisito de sustentabilidade.

- Como a Justiça do Trabalho tem se posicionado diante de categorias de trabalhadores que surgiram ao longo dos últimos anos e, especificamente, ao longo da pandemia, que ainda não têm legislação que as ampare?

■ Os fatos sempre chegam antes da edição de leis que os preveem. Portanto, não temos legislação própria, em tese, para os trabalhadores da era digital, tais como os das plataformas digitais. Portanto, a análise deve ser conduzida pelo princípio da primazia da realidade e com atenção aos direitos sociais previstos na Constituição, sempre caso a caso.

- A categoria do entregador, que tem crescido nesses tempos de crise, é vista por muitos especialistas como o maior exemplo da precarização do trabalho: sem vínculos, sem direitos garantidos, sem segurança, etc. Há algum entendimento da Justiça sobre esses trabalhadores? O que eles podem esperar do TRT no momento em que recorrerem à Justiça?

■ Atualmente, não há

regulação própria das relações de trabalho dos que se ativam na economia digital, em que pese o número exponencial de trabalhadores e com potencial de redundar em inúmeros conflitos, ante a situação de informalidade. Necessária, pois, atuação do Parlamento para editar legislação que contemple a subordinação algorítmica e todas as demais especificidades da economia digital, conferindo segurança a trabalhadores e empresas. En-

/// Penso que, neste ano de 2021, teremos um incremento no número de ações trabalhistas, dado ao aumento do desemprego e ao conflito residual de toda legislação editada para a situação da pandemia ///

quanto não há legislação própria, penso que as ações devem ser apreciadas sem se afastar dos direitos elencados no artigo 7º da Constituição Federal.

11 - Como o senhor avalia a postura dos trabalhadores paraibanos diante de seus direitos nas empresas em que atuam? Estão mais conscientes?

■ Penso que há um processo gradativo de maior formação, e, por consectário lógico, de consciência dos trabalhadores.

- O empregador na Paraíba ainda deixa de cumprir muitas regras trabalhistas? Como o senhor observa as atitudes da classe patronal no Estado?

■ Como já disse, a Justiça do Trabalho deve ter cautela especial com o bom empregado e com o bom empregador. Esse é o nosso papel, pacificar socialmente os conflitos oriundos da relação de trabalho.



PB tem cerca de 500 sítios arqueológicos registrados

UEPB é a única instituição no estado com autorização para fazer a guarda de achados de arqueologia e paleontologia

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A presença de civilizações antigas, animais e plantas que habitaram o planeta em tempos remotos, pode ser comprovada pela arqueologia e paleontologia. Se por um lado, esta primeira ciência tem o foco nas atividades humanas, a segunda busca resquícios de espécies da fauna e da flora. O estudo de ambas, consegue recriar como viviam nossos antepassados e como era a vida na Terra. Na Paraíba, especialistas garantem que é muito difícil quantificar os sítios arqueológicos que há no estado, devido sua riqueza nesse tipo de registro.

A cada escavação, pesquisa mais aprofundada, novos achados vão surgindo. Com 30 anos de experiência na profissão, o professor Juvandi de Souza Santos, arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo (estudo em cavernas) afirma que somente no banco de dados da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) há registros de aproximadamente 500 sítios arqueológicos. Mas o professor estima que esse número pode chegar a uns 3 mil sítios no estado. "Difícil é dizer onde não há registro de sítios arqueológicos na Paraíba. É uma riqueza fora do comum, guardada no subsolo, nos paredões rochosos, esperando mais apoio para as pesquisas. Praticamente, em cada cidade que estudamos, encontramos resquícios da nossa história", ressaltou. Ele afirma, que os sítios paleontológicos são em menor quantidade, mas também ainda não há como mensurar o número.

O professor Juvandi Santos coordena o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, atua ainda como curador do Museu de História Natural, em Campina Grande. Juntamente com alunos de graduação e pós-graduação, ele desenvolve pesquisas nessa área em vários municípios, principalmente no Seridó Oriental e Ocidental do estado, abrangendo cidades do Agreste, da Borborema, entre outras regiões. Uma das novidades do seu trabalho é o projeto que busca criar uma Área de Proteção Ambiental (APA), no Agreste, para tentar preservar as riquezas arqueológicas e paleontológicas do local.

Segundo eles, o Agreste resguarda inúmeros sítios arqueológicos de arte rupestre que remontam entre 3 mil a 6 mil anos aproximadamente. "Temos sítios na região do Seridó magníficos, que sem sombra de dúvida tem beleza cênica que se assemelha à Itacoatiara do Ingá", declarou.



Foto: Arquivo pessoal



Arte rupestre feita em rochas e catalogadas no interior paraibano

Foto: Arquivo pessoal



Professor Juvandi de Souza Santos durante pesquisas arqueológicas

Foto: Arquivo pessoal



Gravura rupestre encontrada em São Vicente do Seridó

Desvendando o mistério da Pedra de Retumba

Entre as descobertas no Agreste paraibano, o professor Juvandi de Souza Santos cita a Pedra de Retumba, em Pedra Lavrada. Segundo ele, a literatura conta que nos anos de 1886, a Pedra de Retumba foi citada por um engenheiro de minas chamado Francisco Retumba. Na época, esse engenheiro teria sido contratado pelo governo da então Província da Paraíba para realizar prospec-

ções de minerais pelo interior do estado e nesse trabalho Francisco Retumba havia se deparado com um sítio arqueológico rico em gravuras rupestres. "O engenheiro de minas fez um desenho desse sítio, que desapareceu ao longo do tempo", contou Juvandi.

A existência da Pedra de Retumba tornou-se um verdadeiro mistério nacional, mas foi redescoberto na Paraíba durante uma

das pesquisas do professor Juvandi Santos. "Existia sempre a pergunta se esse sítio existia ou não. No ano passado, conseguimos escavar o local e redescobrir o sítio, situado a beira de um rio, em Pedra Lavrada. Ele estava totalmente coberto por areia, por sedimentos. A Pedra de Retumba, que deu nome inclusive à cidade de Pedra Lavrada, era um mistério na arqueologia brasileira, e hoje é bastante visitado". Esse

trabalho contou com a participação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

O professor conta que já observou também no Seridó registros de sítios arqueológicos onde aparecem figuras humanas desenhadas, em movimento, gravadas em paredões rochosos e com tamanho entre em 10 cm ou 15 cm. "Por isso estamos lutando para criar essa APA", frisou.

O TRABALHO DESENVOLVIDO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

■ Nos anos de 1960 e 1970 várias instituições na Paraíba trabalhavam com arqueologia e paleontologia, inclusive guardando materiais resultantes de pesquisa nessa área. Segundo o professor e coordenador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, Juvandi de Souza Santos, com o passar dos anos, a legislação atrelada ao estudo dessas ciências sofreu alterações.

A Portaria 196/2016 do Iphan, não permite mais que algumas instituições se tornem guardiãs de material arqueológico e paleontológico. "Atualmente, somente universidades podem ser instituições de guarda. Na Paraíba, a UEPB é a única instituição de guarda do estado, ou seja, os achados arqueológicos e paleontológicos descobertos nos municípios paraibanos ficam guardados na UEPB", explicou Juvandi Santos.

Um dos acervos que foi transferido para a Universidade Estadual foi o da Fundação Casa de José Américo. "Formidável o acervo da Casa. Muito material arqueológico, tanto histórico como pré-histórico, e também paleontológico. Juntando tudo, deve ter entre 5 mil a 6 mil peças", enfocou o professor.

A UEPB ainda guarda o acervo de outras entidades como o da antiga Oficina Escola, que existia na Antiga Casa de Vinho Tito Silva, no Centro Histórico de João Pessoa.

O acervo está guardado no Museu de História Natural da UEPB, que fica situado na Rua Getúlio Vargas, centro de Campina Grande, na antiga Faculdade de Administração. O local tem uma sala de exposição, um laboratório e duas salas onde funcionam a reserva técnica.

SAIBA MAIS

■ As Itacoatiaras do Ingá, ou Pedra do Ingá, é um dos sítios arqueológicos mais visitados do estado. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tem valor histórico e beleza cênica inestimáveis. O professor Carlos Xavier de Azevedo Netto, coordenador do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que todos os sítios arqueológicos paraibanos são de extrema importância, já que permitem recuperar informações parciais dos grupos humanos que habitaram essa região do país. "Mas o sítio mais 'espetacular' no estado é o das Itacoatiaras do Ingá, que mostra uma sequência de gravações rupestres com uma relação muito estreita com a própria comunidade do município de Ingá", ressaltou.

Continua na página 6



TRISTEZA POR FAVOR VAI EMBORA QUERO VOLTAR AQUELA VIDA DE ALEGRIA QUERO DE NOVO CANTAR

Horácio Lobo / Miltoninho

Fique em casa com segurança e alegria. Escute a programação especial de carnaval da TABAJARA

Tabajara EPC

Indícios da presença de humanos no estado há mais de 7 mil anos

Estudos preliminares revelaram vestígios deixados por um grupo de indígenas, já extintos, chamados Tarairiu

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O coordenador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, Juvandi de Souza Santos, afirmou que os estudos arqueológicos e paleontológicos mostram que há muitos anos grupos humanos, assim como animais e plantas, existiram na Paraíba. Eles deixaram suas marcas há mais de 7 mil anos, registradas nas rochas, entre outros vestígios observados na Paraíba.

“Quando falamos do povoamento antigo, nos lembramos sempre dos portugueses para cá. É como se a história do Brasil, não apenas da Paraíba, só existisse desse período até hoje. Milhares de anos antes, eles já existiam”, frisou Juvandi Santos. Ele explicou que ainda está em estudo, nacionalmente, se esses povos antigos são da mesma família dos indígenas que aqui habitavam na época da chegada dos portugueses e holandeses ao Brasil.

Segundo ele, estudos preliminares apontam a presença de um grupo de indígena chamado Tarairiu, que tiveram contato com os portugueses e holandeses há 1.500 anos e foram extintos. Eles teriam vivido no Seridó paraibano e no Rio Grande do Norte. Acredita-se que o grupo Tarairiu seriam descendentes diretos de alguns grupos humanos que já moravam na Paraíba há mais de 7 mil anos. Mas esta teses ainda está em análise nacionalmente.

Um dado curioso é que não existem restos humanos dos Tarairius, uma vez que a tradição desses povos era se alimentar do corpo de seus familiares falecidos. “Eles praticavam o endocanibalismo, ou seja, acreditavam que o melhor lugar para enterrar os parentes mortos era voltar ao lugar onde foram gerados, dentro de seus parentes”.

Segundo o professor, outros resquícios mostram que no estado moravam povos mais antigos. “Há datações de que há 7.600 anos existiam grupos humanos na Paraíba, e não há como se limitar à chegada dos portugueses”, diz.

Juvandi Santos ressaltou que há outros dados que podem mudar informações da história tradicional paraibana. Enquanto os livros mostram que os indígenas da nação Tupi viviam no Litoral do Estado na época da colonização do Brasil, há evidências da presença deles no interior da Paraíba, em municípios como Serra Grande, Bananeiras, Cuité, Cachoeira dos Índios e Bernardinho Batista. Esse ano, a equipe pretende abrir duas grandes frentes de pesquisa no Sertão: em Itaporanga e no Vale de Sousa.

Pesquisadores fizeram datações da presença humana em território paraibano muito antes da chegada dos portugueses.

+ Referência paleontológica na América do Sul

Os achados paleontológicos na Paraíba são testemunhos da presença de plantas e animais de um passado remoto nos municípios paraibanos. O mais conhecido é o Vale dos Dinossauros em Sousa, pelo conjunto de evidências fósseis desses animais. O professor Carlos Xavier de Azevedo Netto, coordenador do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB, afirma que o vale se destaca não apenas nacionalmente, mas em toda América do Sul.

“Em termo de conjunto de evidências, o Vale dos Dinossauros é uma região de grande expressão na América do Sul, além disso, as ocorrências das pegadas dá um destaque ainda maior, já que permite a inferência das formas de movimentação desses animais pleistocênicos”, explicou Xavier.

O coordenador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, Juvandi de Souza Santos, declarou que o Vale dos Dinossauros tem relevância internacional e possui espécies de dinossauros que não se viu em outro canto do mundo. Um exemplo é sosossauro. “Tudo leva a crer que era endêmico daqui. Havia indício de que ele existia, mas cientistas de outros estados descobriram fragmentos do sosossauro na Paraíba há uns quatro anos”, revelou.

Era do Gelo

Os registros paleontológicos na Paraíba vão além do que traz a riqueza do Vale dos Dinossauros. O professor da UEPB, Juvandi Santos, afirmou que em todo o estado há tanques e lagoas naturais com fósseis da megafauna pleistocênica. “Quem já assistiu o filme ‘A Era do Gelo’, saiba que quase todos aqueles bichos existiram aqui. Tínhamos a preguiça gigante, o mastodonte, o cliptodonte”, exemplificou.

Em busca de parcerias

Em cada trabalho externo para pesquisa arqueológico e paleontológica, há gastos com transporte, estadia, alimentação, entre outros custos. Por isso, o professor da UEPB, Juvandi de Souza Santos, ressalta que é importante o incentivo de parceiros como entidades e prefeituras neste trabalho. “Se tivéssemos mais apoio, como para combustível e alimentação, já teríamos recriado a história da Paraíba”.

O professor Carlos Xavier de Azevedo Netto, coordenador do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB, destacou que o estado tem grande potencial nesta área, mas também enfocou a carência de estímulo financeiro. “É muito difícil fazer uma quantificação dos sítios arqueológicos na Paraíba. Existem exemplos pontuais por todo o estado, mas com certeza existem vários que ainda não foram localizados. Quanto ao mapeamento, atualmente as várias tecnologias possibilitam fazê-lo com grande precisão, carecendo somente de recursos para proceder essa atividade por todo o Estado ou em regiões específicas”, destacou.



Grupos promovem passeios por trilhas para visitar sítios arqueológicos e paleontológicos na Paraíba, como na região de Pedra Lavrada



Fósseis de megafauna encontrados em uma lagoa no município de Barra de Santana e a beleza natural na região de São Vicente do Seridó



Trilhas

Quem deseja conhecer um pouco mais da história dos antepassados na Paraíba, pode participar de algumas trilhas que possibilitam uma verdadeira viagem no tempo. São grupos independentes de moradores locais, outros atuam de forma coletiva, com ou sem parceria de universidade ou outras entidades.

Uma dessas trilhas é feita no município de Pedra Lavrada, pelo estudante de história da UEPB, Ian Cordeiro. Segundo ele, a atividade é realizada de forma independente e autônoma. A cidade é rica em resquícios arqueológicos. Segundo Ian, o visitante pode conhecer na cidade um dos mais importantes complexos arqueológicos do Brasil: o Complexo Arqueológico do Cantagalo. “Nele encontramos três grandes tradições da arte rupestre: Itacoatiara, Agreste e Nordeste. Composto também o Complexo, temos a Pedra de Retumba, que é um dos principais sítios arqueológicos do mundo, com mais de 300 figuras pictografadas”.

Ian Cordeiro conta que no

município, entre centenas de ocorrências arqueológicas presentes em sítios e marcas em geral, encontra-se a Serra das Flechas, que guarda resquícios de uma pré-história “recente”, a captura da Índia Aparecida - a última tapuia selvagem da Paraíba.

Além da riqueza arqueológica, a cidade é centro de uma riqueza paleontológica respeitável. “Encontra-se no museu em construção, uma presa completa de mastodonte, um primo antiquíssimo dos elefantes, e mamutes que viveram nesta região na última era glacial, há pelo menos 30 mil anos. O local ainda tem lagos pleistocênicos onde há fragmentos de fósseis da megafauna a exemplo do tigre dentes de sabre.

Os contatos para visita são o telefone 83 98125-8275 (falar com Ian Cordeiro ou Iraelson) e ou pelo Instagram nas páginas @iancordeiro e @uniaocaatinga).

Outra opção de passeionista busca ao passado ocorre na cidade de São Vicente do Seridó, na propriedade do agricultor e experientador, Claudino de Oliveira Castro. Ele organizou um grupo de

trilheiros que conta com a parceria da UEPB. “Nas trilhas encontramos sítios arqueológicos, paleontológicos, com gravuras de diversas formas e tamanhos, ossos de indígenas, plantas, animais, cavernas e pinturas”, contou Claudino. Além de conhecer a história dos ancestrais, fauna e flora local, o público ainda escuta os mitos e lendas da região. Os interessados podem telefonar para o próprio Claudino Castro (98662-3739).

CONHEÇA ALGUNS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA PARAÍBA

- Itacoatiara do Ingá, na cidade de Ingá;
- Sítio Kauã, em São Vicente;
- Cachoeira do Pedro, em Picuí;
- Complexo Arqueológico da Pimenta, em Picuí;
- Cemitério de Bexiguento, em Santa Luzia;
- Sítio Caldeirão do Pedro, em Picuí;
- Pedra de Retumba, em Pedra Lavrada.

Estigma da tuberculose ainda é alimentado pelo preconceito

Tal qual a covid-19, a alta transmissibilidade da chamada “peste branca” fez o mundo assistir as ruas se esvaziando

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.com.br

A tuberculose foi, por muitos anos, uma doença solitária. Assombrado pela morte, o estigma do doente gerou, na sociedade, a construção do preconceito em torno da pessoa e da doença. Comportamentos coletivos de higiene influenciavam diretamente na propagação da patologia. A trajetória descrita, até aqui, se assemelha muito com a construção da covid-19, mesmo se distinguindo entre vírus e bactéria. Assim como a tuberculose, descrita como a peste branca, o novo coronavírus é uma doença solitária, na maioria dos casos.

Devido ao caráter de alta transmissibilidade, o mundo assistiu as ruas se esvaziando, portas fechando e o isolamento crescendo. Os diagnosticados com a covid-19 hoje também se aproximam aos tuberculosos no início do século XIX, por exemplo. Os pacientes, sem conhecimento científico de eficácia sobre a doença, suficientes para o tratamento e cura, precisaram manter-se isolados para evitar a contaminação.

Ao longo da história, o empenho de cientistas, instituições, atuação estatal, de filantropia e privados, a tuberculose teve o seu impacto reduzido. Na atualidade, as pessoas que possuem o diagnóstico da doença não têm mais a morte tida como certa. Isto porque, com o tratamento, a cura é alcançada.

“A tuberculose é uma doença que desde os primórdios da humanidade acompanha o ser humano, desde



Foto: Ortilo Antonio

Na década de 1940, ocorreu a organização do Hospital Clementino Fraga que tinha a finalidade de prestar assistência aos doentes de tuberculose

a formação das primeiras comunidades coletivas sedentarizadas. No Brasil, essa doença configurava o quadro nosológico endêmico já na Colônia. Nesse tempo era conhecida como “mal dos bofes” ou “sangue pela boca”. No século XIX, com o crescimento das atividades produtivas e a urbanização das cidades, sobretudo, nos grandes centros urbanos, em decorrência das péssimas condições de higiene no trabalho e salubridade de habitação dos meios operários, a tuberculose se tornou uma epidemia”, afirmou Rafael Nóbrega Araújo, mestre em história das doenças.

Mesmo assim, a tuberculose segue sendo uma das

doenças que mais mata no mundo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), há cerca de 8,8 milhões de doentes e 1,1 milhões de mortes por ano no mundo. O número cresce porque a tuberculose é uma doença infectocontagiosa. Cada paciente com tuberculose pulmonar que não se trata, pode infectar em média de 10 a 15 pessoas por ano. A contaminação e transmissão ocorre quando o doente expela pequenas gotículas de saliva ao falar, espirrar ou tossir, que podem ser aspiradas por outro indivíduo, gerando o adoecimento.

A transmissão da doença para mais pessoas se dá, além do descuido pessoal, pelo

abandono do tratamento. De acordo com o Ministério da Saúde, no último Boletim da Tuberculose divulgado, em março de 2020, o Brasil registra cerca de 11,6% de abandono do tratamento da tuberculose pulmonar em 2018. A proporção é, segundo o levantamento, mais que duas vezes superior ao máximo de 5% recomendado pela OMS.

Para o pneumologista Sebastião Costa a doença segue com altos índices de novas infecções e mortes devido ao alinhamento entre o baixo teor nutricional da população em bairros periféricos, ao preconceito existente e ao abandono do tratamento.

“A tuberculose já matou

muita gente. Tem um tratamento muito prolongado e esse preconceito da sociedade com relação à tuberculose é bem antigo. Hoje reduziu bastante porque tem cura, mas ela segue sendo uma doença que atinge pessoas que têm o sistema nutritivo abaixo da média. Por exemplo, a maior concentração de casos está nas periferias das grandes cidades, porque é lá onde a alimentação é precária. Aqui em João Pessoa, por exemplo, raramente teremos casos de tuberculose no Cabo Branco, Bessa... O preconceito está em cima desses fatores e da vergonha e medo em admitir que está com tuberculose”, relatou o pneumologista.

Na Paraíba, foram diagnosticados 925 novos casos de tuberculose pulmonar, sendo 52 óbitos em decorrência do agravamento da doença em 2020. No ano anterior foram confirmados 1.037 casos e 63 falecimentos por tuberculose pulmonar.

A doença afeta principalmente os pulmões, mas também pode acometer os rins, ossos, meninges e membranas que envolvem o cérebro. Em 2020, o Brasil ocupou o 17º lugar no ranking entre os 22 países responsáveis por 82% do total de casos de tuberculose no mundo, com um número de mortes por ano de aproximadamente 4,7 mil pessoas. Mesmo com os números, a tuberculose é uma doença que pode ser prevenida, tratada e curada.

Além dos efeitos da patologia, a tuberculose afeta ainda o psicológico do paciente. Isto porque, carregado de preconceitos, o adoentado é marginalizado da sociedade devido aos aspectos sociais ligados à doença e também por conta da transmissibilidade.

A OMS se empenha, desde 2017, em campanha para superar a discriminação gerada pelo adoecimento da tuberculose. Para combater o estigma, a marginalização e as barreiras de acesso aos tratamentos contra a doença, a organização, governos e entidades buscam facilitar o acesso aos tratamentos, o incentivo aos estudos que buscam curas mais rápidas, eficientes e acessíveis e ampliar a consciência global sobre a doença, bem como o que a ignorância aos seus efeitos pode gerar.

+ Construção social da doença e do paciente

O empenho para desmistificar a doença, passa pela tentativa de desconstruir o preconceito gerado pelo medo de adoecer que gerou trajetórias próprias de uma época. A tuberculose, também chamada de peste ou dama branca, aterrorizava, mutilava e matava grande parcela da população acometida.

De acordo com o pesquisador Rafael Nóbrega Araújo, mestre em história e doutorando em história na Universidade Federal de Pernambuco, no começo do século XX, o tuberculoso era visto como uma ameaça para a sociedade.

“O tuberculoso era visto como uma ameaça para o corpo social, pois era potencialmente um transmissor do bacilo. Era visto com preconceito, uma pessoa proscrita, que deveria ser afastada do convívio social. Culpado pela doença que carregava e visto como uma ameaça social, pois estaria disseminando a doença. A tuberculose significava, como o câncer hoje em dia, praticamente uma sentença de morte. O doente que recebia o diagnóstico para tuberculose morria primeiro socialmente, uma morte em vida, pois precisava ser isolado, não se queria ter perto o convívio de um tuberculoso”, declarou o pesquisador.

Ainda segundo o especialista em história das doenças na Paraíba, o tuberculoso era excluído economicamente já que perdia o emprego e, consequentemente, sentenciava toda a família para o estado de vulnerabilidade social e fome. Há registros históricos também de que o doente era visto como uma pessoa sexualmente ativa e com muitos parceiros, contribuindo para o estigma da promiscuidade.

Bem como a covid-19, a tuberculose afetava a população pobre com maior

incidência. População esta que carecia de condições adequadas de vida e com um serviço sanitário precário.

Na Paraíba, o pesquisador que desenvolve a pesquisa de doutorado sobre a tuberculose na Paraíba, hoje João Pessoa, percebe que os primeiros registros da presença da doença no Estado datam de, pelo menos, a segunda metade do século XIX. A inexistência de serviços específicos de saúde para tratar o problema gerou surtos epidêmicos da tuberculose, contribuindo com o crescimento de novos casos, transmissibilidade e mortalidade.

“Somente em 1923 será criado o primeiro dispensário contra tuberculose. O serviço de vacinação pelo BCG foi instituído com regularidade somente em idos 1932. O dispensário Cardoso Fontes foi criado em 1934. Em 1937 ocorreu em João Pessoa, entre os dias 16 e 21 de agosto, a Semana da Tuberculose, um grande evento que reuniu médicos e membros da sociedade civil organizada para discutir a questão da tuberculose e educar a população contra esse nefasto flagelo social. O evento contou não somente com palestras em escolas e fábricas, mas com comunicações apresentadas na Rádio Tabajara, recém inaugurada. Como consequência surgiu daí a Liga Paraibana Contra a Tuberculose que recebia proventos do Estado para auxiliar no combate à moléstia”, ressaltou o historiador.

Ainda na década de 1940 ocorreu a organização do Hospital Clementino Fraga que na década de 1950 tinha a finalidade de prestar assistência às tuberculosas. Até hoje, o complexo hospitalar trata de doenças infecto contagiosas, incluindo a tuberculose.

Enfermidade ainda está fora de controle

“O Brasil é um dos países que ainda tem a tuberculose fora de controle. O nosso país é muito injusto do ponto de vista social. Uma parcela muito pequena da população concentra toda a riqueza e isso gera pobreza e miséria. Pobreza e miséria rima com tuberculose. Os segmentos sociais que habitam a base da pirâmide não tem uma renda adequada e, consequentemente, um padrão nutricional adequado. E também tem um nível de educação e informação muito baixo. O que acontece com isso é que as pessoas começam a tomar a medicação e, em um mês, os sintomas somem. Mesmo que os agentes de saúde expliquem, eles acham que já está bom e abandonam o tratamento. Infelizmente é uma coisa bem concreta dentro das estatísticas da tuberculose”, declarou Sebastião Costa.

O médico ainda explica que o abandono do tratamento acaba gerando um cenário ainda mais complicado para a doença por conta de novas cepas do bacilo.

“O bacilo do paciente que abandonou o tratamento vai sobreviver e adquire resistência aos medicamentos. O que torna a situação complicada já que a pessoa acha que está curado e transmite para os outros”, comentou o médico.

O Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza o exame para o diagnóstico, acompanhamento médico e medicamentos. O tratamento é feito com quatro remédios distintos e dura, em média, seis meses. Com 15 dias após iniciado, a pessoa já não transmite mais a doença, principalmente se o tratamento for

mantido. A vacina BCG é obrigatória para menores de um ano, pois protege as crianças contra as formas mais graves da doença.

A baciloscopia direta do escarro é o método principal no diagnóstico e para o controle de tratamento da tuberculose pulmonar, por permitir a descoberta das fontes de infecção, ou seja, os casos bacilíferos. É um método simples, rápido e seguro para elucidação diagnóstica da tuberculose, uma vez que permite a confirmação da presença do bacilo.

O paciente que estiver com os sintomas, deve se dirigir até uma unidade de saúde da família para preenchimento da ficha e receberá orientações sobre a coleta das amostras. Após o procedimento, o paciente terá 24 horas para receber o resultado.

A campanha de prevenção é mantida pelo SUS durante todo o ano. Isto porque a melhor forma de prevenir a transmissão da tuberculose é fazer o diagnóstico precoce e iniciar o tratamento adequado rapidamente.

Pessoas que apresentam tosse seca ou com secreção por mais de três semanas associados ao emagrecimento acentuado são sintomas graves para que a doença possa ser investigada. Outros sintomas são cansaço excessivo e prostração, febre baixa geralmente à tarde, suor noturno, falta de apetite e rouquidão. Alguns fatores contribuem para a disseminação da doença, tais como a pobreza e má distribuição de renda, a Aids, a desnutrição, as más condições sanitárias e a alta densidade populacional.



O belo visual do Açude Epitácio Pessoa, que abastece de água Boqueirão, Campina Grande e várias outros municípios da região



A cidade de Boqueirão tem pouco mais de 17 mil habitantes e foi emancipada em 30 de abril de 1959

Boqueirão é terra de cultura, turismo e porta para o Sertão

Município se destaca por ter um forte turismo de aventura, várias atividades culturais e um dos mais belos açudes do país

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Boqueirão, que o dicionário Aurélio define como Bocarra, está localizado na Região Metropolitana de Campina Grande. A cidade teve uma população estimada para 2020 em 17.870 habitantes, de acordo com levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município exerce uma forte influência na economia do Estado da Paraíba, em razão da existência do Açude Epitácio

Pessoa. Inaugurado no ano de 1957, ele é o responsável pelo abastecimento de mais de 20 cidades do Compartimento da Borborema.

Principalmente de Campina Grande, que supre do açude, a energia necessária para o desenvolvimento da atividade econômica industrial e agrícola, de boa parte da região. Desde 2009, a cidade vive em efervescência cultural com a criação Academia Boqueirãoense de Escritores. Também é lá que se realiza todos os anos a "Feira Literária de Boqueirão".

Boqueirão tem uma área de 425 km² e os habitantes se chamam boqueirãoenses. Tem limites com os municípios de Caturité, Barra de Santana e Cabaceiras. Fica a 29 km ao Sul-Oeste de Queimadas. Na opinião das pessoas que visualizam o pôr do sol, as margens do Açude Epitácio Pessoa, é um dos mais belos do país e que abastece o próprio município, Campina Grande e vários outros na região. "É um espetáculo bastante apreciado pela população local e pelos turistas que visitam a cidade", afirmou

Antônio dos Santos, um pessoense que já teve oportunidade de contemplar.

Através do Projeto Cooperar, o Governo do Estado tem investido há anos em Boqueirão, contemplando mais de 200 famílias com agroindústria. Com derivados de cactus, no Sítio Moita, com apoio ao artesanato no Sítio Tabuado; com sistema de abastecimento d'água singular no Sítio Tanques/Tanque Comprido e com sistema de abastecimento d'água singular nos sítios Olho d'água e Mineiro. Os investimentos também são

no apoio a caprinocultura nos Sítios Carcará/Urubu, e no diz respeito a eletrificação rural, toda a região foi beneficiada.

No tocante ao aspecto climático, verifica-se no município, o clima quente e seco, com temperatura máxima em torno de 37º e mínima de 16º. A temporada de chuvas se inicia no mês de março e se estende até o mês de julho. Considerando que tal projeção climática não fuja destas perspectivas meteorológicas, o clima da região acaba impulsionando uma economia de subsistência, no culti-

vo de uma agricultura rasteira e até a atividade pesqueira, que beneficia, principalmente, os moradores da zona rural.

Boqueirão também atrai visitantes e amantes da natureza. O Lajedo do Marinho possui trilhas com diversos níveis de dificuldade e tem ainda como atrativos geofórmias diversas (pedra da coxinha, do jacaré, do cachorro) e sítios arqueológicos com pinturas rupestres. O turismo já é consolidada no local, existindo, inclusive uma associação de condutores de turismo e de artesãos.

+ Importante centro literário

Em Boqueirão, há anos é realizado o Balaio Cultural, que teve sua primeira edição em 2005. Nos anos seguintes, as edições vêm se realizando com cerca de 140 artistas vindos de vários estados brasileiros, como Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. No Balaio Cultural, são realizados espetáculos de dança, música, teatro, congresso de violeiros, além de seminários, oficinas de artes, feira de artesanato e exposição fotográfica.

De acordo com a avaliação dos organizadores, mais de 2.500 pessoas prestigiam o acontecimento, com uma média de 500 participantes por noite, o que mostra a evolução cultural do município no cenário Paraibano e Nacional. O município também criou o evento Parede Poética e a Academia Boqueirãoense de Escri-

tores, em 2009, onde se realiza a Feira Literária da cidade.

Durante o mês de março, a efervescência literária boqueirãoense se concretiza na realização de palestras, oficinas literárias, exposição, divulgação e publicação de livros. Já passaram pela Feira Literária da cidade, nomes como Jessier Quirino (2010), Bráulio Tavares (2010 e 2011), Ronaldo Cunha Lima (2010) e Ariano Suassuna autor do "Auto da Compadecida", considerada sua obra prima que foi adaptada para o cinema e televisão.



Economia diversificada

O município apresenta uma estrutura comercial bastante diversificada, com micro e pequenos empresários que investem tanto no comércio de bens de consumo quanto nas construções e moradias. Lá, também existem os empresários do setor têxtil, tanto artesanal, quanto industrial, que comercializam muito bem a venda de tapetes

e redes, bem como a confecção de roupas em jeans.

No que diz respeito à produção artesanal de redes e cobertores, Boqueirão já foi conhecido como um dos municípios mais ativos na produção e comercialização destes produtos. No entanto, sofreu, durante um longo período, um decréscimo nesta atividade comercial.

Criação pecuária e caminho para o interior

A independência de Boqueirão, no seu aspecto administrativo, ocorreu em 1959, embasada pela Lei Nº 2.078 de 30 de abril, desmembrando-se da vizinha cidade de Cabaceiras e ficando formada por cinco distritos: Sede, Alcantil, Bodocongó, Caturité e Riacho Santo Antônio. O município de Cabaceiras serviu apenas como limite para o município de Boqueirão, que estava adquirindo sua emancipação administrativa, conseqüentemente, uma vida própria para alocar individualmente seus recursos.

Segundo historiadores, Boqueirão, foi fundada por volta de 1664, por Antônio

de Oliveira Lêdo. Ele foi um fazendeiro muito rico e dono de um grande rebanho de gado no sertão de Piranhas. Ledo faleceu em 1751. Porém, sua família teve um papel crucial e diferenciador nas entradas de gado no Sertão paraibano. Foram os Oliveira Lêdo, os primeiros a se situarem no interior da Paraíba, a uma distância superior a 80 quilômetros do mar.

A priori, se fixaram onde atualmente, está localizada a cidade de Boqueirão, antes denominada Carnoió, terra dos ferozes índios cariris, a fazenda dos Oliveira Lêdo, tornou-se na época, o centro irradiador

da ocupação do Sertão. O arraial de fundação do município, pouco tempo depois, serviu como ponto referencial para aqueles que procuravam passagens para explorar os sertões da Paraíba.

O nome "Boqueirão", que o Dicionário Aurélio define como Bocarra; ou Abertura em encosta marítima, rio ou canal, origina-se, justamente, de um grande corte que o rio Paraíba fez na serra de Cornoió. Desde o tempo de sua fundação, a cidade tornou-se célebre pela famosa missa de Natal, pelo simples fato de atrair centenas de pessoas para a liturgia.

Foto: Teresa Duarte



Lajedo do Marinho, uma das atrações turísticas do município de Boqueirão, que atrai inúmeros visitantes amantes da natureza

Tendo como cenário o apagão nos anos 1990, HQ 'Jogo de Sombras' desloca o gênero dos grandes centros urbanos para uma casa pequena do interior da Paraíba. [Página 12](#)



Imagem: Divulgação

FCJA leva a alegria do Carnaval para web

Amanhã, 'Folia em Casa' resgata as memórias dos festejos do Rei Momo

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

'Folia de Casa' é o tema do Carnaval virtual que a Fundação Casa de José Américo realizará amanhã e na terça-feira (dia 16), com o intuito de marcar os festejos dedicados ao Rei Momo. O evento, em formato remoto, vai ser transmitido e mediado pelo jornalista e professor Carmélio Reynaldo, sempre a partir das 19h30, por meio do canal da instituição no Youtube (/FCJAoficial), e com retransmissão pelo Portal Wscm (www.wscm.com.br).

Além de resgates históricos, através de fotografias, a programação do projeto incluirá depoimentos, atrações musicais, brindes e homenagens, a exemplo do carnavalesco, jornalista, crítico de cinema e escritor Wills Leal, que morreu aos 83 anos de idade, no dia 7 de maio do ano passado.

No primeiro dia, a programação será aberta com a exibição do vídeo da terceira edição da campanha 'Meu corpo não é sua folia', iniciativa da Rede de Proteção às Mulheres em Situação de Violência na Paraíba e que é realizada pelo Governo do Estado, com o objetivo de informar às mulheres e à população sobre os crimes de importunação sexual e violência de gênero. Na sequência, o público assistirá a um vídeo com 16 músicas no ritmo carnavalesco, bem como fotos que registram momentos da festa realizada

pela população paraibana, ao longo do tempo.

Em seguida, haverá uma transmissão ao vivo sobre o tema "Carnaval Tradição de João Pessoa", iniciando com um documentário e debate com participação de vários carnavalescos, a exemplo do folclorista Pedro Cândido, eleito na última sexta-feira (12) presidente da Liga Carnavalesca de João Pessoa, e dos ex-presidentes do projeto Folia de Rua, Walter Santos e Ana Gondim. Na ocasião, a homenagem a Wills Leal terá participação de sua irmã, Ana Leal, e do poeta Raniery Abrantes.

Já na próxima terça-feira, a programação do projeto 'Folia de Casa' terá mais uma *live*, na qual estarão participando o cantor e compositor Fuba, o maestro Chiquito, o historiador Rui Leitão, que é pesquisador de canções carnavalescas, e o jornalista Sílvio Osias.

"O Carnaval é uma festa popular tão enraizada no Brasil que a sua ausência, por causa da pandemia, nos deixa no vácuo", atestou o presidente da Fundação Casa de José Américo, Fernando Moura. "Com o projeto 'Folia de Casa', queremos mostrar aspectos da memória e lúdico da festa, com imagens e vídeos com cenas dos povos indígenas, orquestras de frevo e que, com a retransmissão pelo Portal Wscm, irá ampliar a audiência".

Moura acrescentou que tudo que será exposto, durante os dois dias do evento, resulta do próprio material pessoal que possui, mas prin-

Marca visual – em alusão a um estandarte – foi criada pelo ilustrador do Jornal 'A União', Tonio (Antônio Gonçalves de Sá)

cipalmente do que pertenceu a Wills Leal e foi doado pela família à FCJA, bem como do acervo da instituição.

O presidente da fundação justificou a homenagem para Leal pelo importante trabalho que o carnavalesco, crítico de cinema e escritor produziu, ao longo dos anos. "Ele lançou o livro *No tempo do lança perfume*, que resgata o Carnaval desde os primórdios. Além disso, a brincadeira do corso foi realizada em João Pessoa até os anos 1970 e, depois, deixou de existir. Ele retomou essa atividade por algum tempo, até os anos 2000. E ele tinha registros fotográficos peculiares, como o de gente usando lança perfume no Carnaval, produto que passou a ser proibido desde os anos 1960. E também registrou blocos, charangas e corsos", lembrou ele.

Presente e passado

Fernando Moura observou que o projeto 'Folia de Casa' deverá mostrar e debater não apenas o Carnaval do passado, mas também o da atualidade e as perspectivas de projeção dessa festa po-

pular para o futuro. "Se João Pessoa tem, ou não, Carnaval, é sempre um tema recorrente. Sabemos que prévia carnavalesca a cidade tem e o Folia de Rua é um exemplo. E, possivelmente, esses enfoques, como também o Carnaval Tradição e o Folia de Rua, poderão ser abordados durante a *live* com as participações dos carnavalescos, inclusive a perspectiva da folia para 2022, ano que marcará outros eventos, como o centenário da Semana de Arte Moderna, os 40 anos da Fundação Casa de José Américo e o centenário de Virgínius da Gama e Melo".

O gestor da FCJA observou que, durante o evento remoto, o tema música possivelmente será muito discutido. "O repertório carnavalesco é muito pulsante. Além do maestro Severino Araújo, da Orquestra Tabajara, a Paraíba tem Sivuca, que tem uma obra voltada para o frevo, Jackson do Pandeiro e Livardo Alves, um dos maiores compositores de marchinhas", elencou Fernando Moura.

Coordenador e mediador dos debates, o professor

Carmélio Reynaldo disse que pretende "provocar" os convidados para que falem sobre os temas que estarão sendo postos para discussão. O seu intuito, com isso, por exemplo, é suscitar lembranças aos entrevistados, para que relatem como era o Carnaval no passado e como a festa popular veio se transformando até chegar aos dias de hoje.

"Fernando Moura tem pensado em explorar muito a cultura e dar visibilidade ao acervo da Fundação Casa de José Américo. O Carnaval de João Pessoa tem dois historiadores que se debruçam sobre o assunto, que são o próprio Fernando Moura e Wills Leal", comentou Reynaldo.

Para o professor e mediador, o momento ainda é necessário tomar todas as medidas preventivas contra a pandemia, incluindo evitar aglomerações. "As *lives* do 'Folia de Casa' não são, propriamente, um chamado para a festa, mas acredito que seja como uma alternativa para as pessoas assistirem um evento virtual sobre o Carnaval".

Um dos convidados para o evento, o cantor e compositor Fuba confessou que será "uma honra" participar do deate virtual da FCJA. "É uma grande iniciativa da Fundação nesse momento que vivemos. Pelo menos, uma forma de deixar viva a memória dessa grande manifestação cultural brasileira", apontou o artista. "Na verdade, não vamos ter Carnaval. É uma situação de tristeza, mas, ao mesmo tempo, de responsabilidade e consciência. O que temos a fazer agora é exercitar a paciência e manter a serenidade, além de começar a planejar o ano de 2022, caso a vacina chegue para todos", afirmou o músico.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da FCJA no Youtube

Foto: Roberto Guedes

Fotos: Acervo FCJA



Na TV

Documentário 'Coração do Samba' vai ser exibido no canal Curta!

Amanhã, o canal Curta! quebra o silêncio da ausência dos desfiles das escolas de samba no Carnaval da pandemia com a exibição do documentário *Coração do Samba*. A proposta é provocar uma imersão nas baterias das agremiações, através de um áudio potente e cuidadoso e de imagens gravadas em suas apresentações, a partir do ponto de vista dos próprios ritmistas. A exibição é na *Segunda da Música*, a partir das 22h40.

Sob as lentes da diretora Theresa Jessouroun, o filme enfoca principalmente a bateria da Estação Primeira de Mangueira, contrapondo passado e presente, tradição e inovação, e a paixão pela escola de samba e pela música. O filme é narrado por Elmo dos Santos, filho do fundador da bateria da escola de samba verde-rosa.

Coração do Samba começou a ser filmado no ano de 2004 e foi concluído no Carnaval de 2011. Uma



Foto: Divulgação

Filme enfoca principalmente a bateria da Estação Primeira de Mangueira, contrapondo passado e presente, tradição e inovação

das curiosidades da bateria da Mangueira é como ela mantém uma característica própria no seu som: a batida única do surdo (todas as demais têm a batida de segunda e de terceira).

O documentário revela vários personagens da or-

questra, desde pessoas sem nenhuma formação musical, até os diferentes regentes, a comunicação entre eles durante as apresentações e ensaios, os diferentes naipes, a manutenção dos instrumentos ensinada de pai para filho, e a importância que esta

manifestação cultural tem nas suas vidas.

Há também momentos de tensão que vão além da apuração: em 2004, o presidente da bateria foi assassinado, supostamente porque a rainha da bateria eleita não era a candidata do tráfico.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A arte e os interesses vulgares

Wilhelm Richard Wagner (1813-1883) foi regente, compositor, diretor de teatro, ensaísta e poeta alemão. Ele valorizou a doutrina nórdica para fortalecer a identidade germânica. A poética épica alemã influenciou a estética wagneriana, de forma original, Wagner usou todos os recursos artísticos para construir o conceito de "grande arte". Ele priorizou a ópera a fim de apresentar toda expressão da "obra de arte total" através da poesia; da literatura; do teatro; da filosofia e da mitologia alemã. Suas teses defenderam a unidade entre os povos e a existência das forças inatas na natureza humana, que são responsáveis pela realização integral e estética do ser humano. Ele denunciou a maldade dos governantes diante do engessamento da liberdade do indivíduo e da nação; também culpou o aprisionamento da cultura e a vulgaridade do povo ao acusar os interesses da perversidade do poder religioso. Wagner arrancou dos povos os 'interesses vulgares' para com a arte. Ele influenciou a filosofia, literatura, artes visuais e teatro. Também conseguiu educar a humanidade ao gosto da "grande arte", e elevou a inteligência humana diante da beleza; da vida e da cultura erudita.

O pensamento musical de Wagner recebeu influência do alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), deste filósofo, um dos seus livros é *O Mundo Como Vontade e Representação* (1819). Schopenhauer define Representação sendo uma atividade dos nossos sentidos, que é gerada a partir do "mundo exterior". Ele afirmou que a essência do mundo é "irracional", e de que a Vontade é o mundo "fora de nossas representações cognitivas" - é o "mundo exterior". E quando a Vontade passa pelos sentidos e sofre os processos descritos na Representação, a Vontade se torna o mundo que vemos em nossa volta, e é criada a ilusão de que cada ser humano é uma Vontade particular em luta com outras Vontades. Isto é uma luta incessante que culmina sempre em sofrimento, e que cada indivíduo deve se libertar das amarras da sua Representação, porque a vida humana é apenas uma sequência de fenômenos representados, e que nada tem a ver com a essência do Ser. Wagner usa - de Schopenhauer - a tese de que só existe a redenção humana através do amor. O filósofo alemão



Foto: Divulgação

Compositor e poeta alemão Wilhelm Richard Wagner

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) também influenciou Wagner, uma das teses de Hegel é referente a "realidade objetiva transcendental". Wagner criou o estilo de compor próximo ao simbolismo, essa técnica produz uma imagem a fim de construir a ideia de "realidade objetiva". Em Hegel, o universo é a totalidade integrada que depende de um movimento gerado por contradições e conflitos, e nessa dialética, existe uma orientação para a finalidade última que é à "realização plena" da "essência espiritual". Um dos objetivos do filósofo Hegel era reduzir a realidade a "unidade sintética", dentro do sistema denominado "idealismo transcendental".

Wagner, para narrar a maldade humana, extraiu do teatro grego alguns temas da tragédia, que foram apresentados pelo filósofo grego Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.) - foi um dos criadores da tragédia grega. Wagner usou as teses referentes a culpa e maldição para descrever a crueldade humana. Nesse contexto wagneriano, pode-se concluir que antes de fazer o bem é necessário entender a maldade - mas, ao conhecer a maldade humana, não é permitido fazer o mal. E ao tentar superar a maldade, Wagner se referiu aos estados duráveis do homem, entre esses o "ethos": nesse estado se tem uma relação a "ser honesto e responsável". Também se referiu a linguagem "pathos": nesse estado é preciso perceber, "por intuição", uma força a fim de provocar, nas pessoas, emoções

e paixões por serem forças necessárias para levá-las a mudarem suas atitudes através da arte, diante dos dramas e tragédias no interior humano. Wagner apresentou a crença na "razão sadia" e que a humanidade encontrará o sistema ideal e definitivo, a fim de que a felicidade se estabeleça entre os povos e países.

O pensamento musical de Wagner conseguiu condensar a sua densidade intelectual através dum acorde e numa frase de abertura nas suas óperas. Ele descobriu maneiras de deslizar temas para tons mais distantes com grande efeito emocional. Ele descobriu novos timbres e combinações de sons nos instrumentos, isso permitiu criar a tuba wagneriana e outros instrumentos. De forma brilhante e genial, Wagner usou a voz humana para interpretações de grande escala e complexidade, que são apresentados com forte intensidade emocional e sedutora atração, que foram capazes de penetrarem nas texturas orquestrais mais densas. De forma tempestiva e ímpeto, ele aperfeiçoou o uso do cromatismo e a rápida mudança dos centros tonais, que muito influenciaram o desenvolvimento da música erudita europeia do século 19. A sua obra mais extensa foi *O Anel do Nibelungo* (1876), que expõe a mitologia germânica e recebe a explosiva expressão dramático-musical e dura 16 horas. Wagner escreveu essa obra, o libreto e a música durante 26 anos, de 1848 a 1874. Os dramas musicais que compõem o ciclo do Anel são: *Das Rheingold* (*O Ouro do Reno*); *Die Walküre* (*A Valquíria*); *Siegfried e Götterdämmerung* (*O Crepúsculo dos Deuses*).

Concluo com esta frase de Wagner: "Se tivéssemos uma verdadeira vida não teríamos necessidade de arte. A arte começa precisamente onde cessa a vida real, onde não há mais nada à nossa frente. Será que a arte não é mais do que uma confissão da nossa impotência?"

■ Na extensão desse texto, sintase convidado para a audição do 305 Domingo Sinfônico, deste dia 14, das 22h às 0h, na rádio tabajara FM 105.5 ou baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o regente e as peças do compositor erudito alemão Wilhelm Richard Wagner.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Cobertor curto do filósofo

Em outubro, o filósofo Clóvis de Barros Filho vai fazer 55 anos. Um cara bem jovem e bacana. Minha amiga Lourdes Freitas mandou um pequeno vídeo em que ele fala de como perdeu a visão, depois do descolamento de retina. Fiquei de olho bem aberto.

Na verdade, fiquei a imaginar um homem sensível, inteligente, cheio de conhecimentos, agora se reinventando no tato, no contanto, no ato, com os milhares de seguidores - não, os das redes sociais, mas aqueles que se sentam, escutam e aprendem com Clóvis.

Não sei organizar as coisas. Minha mulher sempre diz que se ficasse cega saberia onde estão todas as coisas da casa. Eu tiro uma casa de dentro da outra. De dentro de mim e carrego essa casa comigo da qual não me lembro mais.

Não sei organizar as coisas. São muitas, trabalho, livros, discos e poucos vislumbres. Eu e minha vida sozinha.

Clóvis de Barros já sabia e ainda mantém o cheiro que vem da cozinha, já conhecia o verde na janela, a cor entardecida das paredes, o perfume da mulher, os móveis, estantes, acho que até espaços em branco. Isso ajuda? Claro, perder a visão é depois do escuro. Deve ser cruel.

Clóvis segue seu trabalho, é o que percebemos nos inúmeros vídeos dele no Youtube.

Do chão que Clóvis nos tira, nosso salto é agigantado para que possamos nos transformar em outros, não outras pessoas, mais outros nós mesmos. E, quando isso acontece, Clóvis está a nos enxergar, não quando ali éramos só nós. Aliás, nada é nosso. Nunca deixamos de ser nômades.

O mundo mudou, mas sem novidades. Clóvis disse que "a cada segundo, o mundo é novo diante de nós. Mas qual parcela desta transformação está em nossas mãos?"

A questão apresentada por ele, não é tão simples assim, mas cada um que saia de seu mundinho para entender que Clóvis de Barros norteou uma forma bem inteligente de sairmos desse círculo. Você pode até estar na varanda da sua casa, na chuva ou na esquina. O lugar não importa, o que importa é sua visão do mundo.

Ele diz que a inveja é uma constante e me parece o caminho para o limbo.

Em entrevista ao blog *FaustoMag*, ao ser indagado se a inveja é controlável, Clóvis dá uma rasteira: "Ela mesma, como tudo que é do mundo das emoções, tem muito de descontrolado. O que é controlável é a comunicação da inveja: a inveja traduzida em gesto, palavra, ofensa, desabafo. De certa maneira - e falo também por mim - quase todas as minhas incidências de afeto invejoso foram criteriosamente confinadas no mundo intra subjetivo e não se deixaram comunicar de jeito nenhum, para que ninguém soubesse mesmo. A inveja é avassaladora e a comunicação da inveja é uma questão de autenticidade".

Isso dele dizer autenticidade é bem mais significativo, que a falta de comunicação dos invejosos, gente que tem inveja até da cor dos olhos dos outros, certamente, tal problema é resolvido com as lentes coloridas, os facks, mas Clóvis Barros tem o olhar seguro.

São milhares de imagens que passam pelos nossos olhos. Mas quem não tem ou simula ter, precisará se adaptar às exigências "fofas" de novos tempos, tempos onde o cliente tem sempre razão. O cliente aqui é outro.

Enfim, fiquei a pensar na cegueira de Clóvis de Barros, a lembrar dos desenhos, aquarelas e muitos de nossos "intelectuais" que, se ainda existem e só são capazes fazer a si mesmo felizes. Será que enxergam bem?

Se vivemos em um planeta dominado por um vírus, adolescentes voadores, tui de cantores sertanejos, astros pornô fora de órbita, nada mais natural do que besuntarmos de brigadeiros os cegos às avessas. Até domingo.

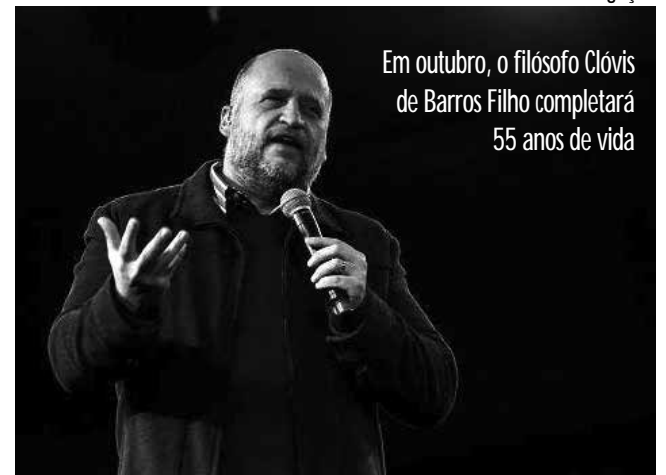
Kapetadas

1 - Quem fotografa o fotógrafo?

2 - Já dizia a Dilma, não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder?

3 - Som na caixa: "Sou cego de tanto vê-la, te tanto tê-la estrela / O que é uma coisa bela?", Caetano Veloso.

Foto: Divulgação



Em outubro, o filósofo Clóvis de Barros Filho completará 55 anos de vida

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação



Carey Mulligan (E) e Ralph Fiennes (D) em 'A Escavação', filme baseado no romance 'The Dig', de John Preston

Um marco histórico na realização de um filme

Quem leu o romance *The Dig*, de John Preston, publicado em 2007, não vai achar muito diferente o roteiro adaptado por Moira Buffini para o filme *A Escavação*, dirigido por Simon Stone, que vi recentemente no *streaming* da Netflix. Então, que diferença me fez a harmonização dos supostos fatos no filme narrados e o que realmente aconteceu às vésperas da reabertura da Segunda Grande Guerra?

A rigor, esse fato apocalíptico que mudaria grandemente a fisionomia do mundo todo não é explorado no filme de Stone. E o vimos só como referência, simplesmente porque ele serve como pano de fundo de uma época do final dos anos 1930, quando já haviam fortes expectativas da entrada dos alemães em territórios ingleses.

O que importa mesmo no filme é a trama construída, a bela localização cenográfica da comunidade de Sutton Hoo, nas proximidades da Costa Leste da Inglaterra, onde se desenvolve a ação. Além disso, lógico, a performance dos atores, formando um excelente elenco. Ralph Fiennes, importante ator, também diretor e produtor britânico – atuou em outra singular obra,

O Jardineiro Fiel, filme que aprecio muito – e Carey Mulligan fazendo o papel da Sra. Edith Pretty, dona da propriedade onde são descobertas as relíquias medievais. Atriz que teve de ser envelhecida para o papel, gerando muitas especulações conservadoras, sob alegações de que ela não tinha o perfil desejado para interpretar a personagem. Frivolidades de bastidores de produção, só isso...

Além desse lero-lero, de que os atores tenham sido providos do artifício de uma maior idade para se adequarem às personagens, o fato histórico e o próprio argumento abordado transcendem às picuinhas. E para se entender bem a obra literária de John Preston (*The Dig*) e, conseqüentemente, o filme *A Escavação*, de Simon Stone, é necessário que se tenha, pelo menos, uma noção mínima sobre o que motivaram as escavações nos sítios de Sutton Hoo.

A rigor, a história explica muito bem sobre as descobertas arqueológicas naquelas terras, no século passado. As escavações de Sutton Hoo revelaram uma câmara mortuária de uma fragata

enterrada com grande quantidade de ouro, que se presume ser de um guerreiro anglo-saxão. Bem, esse é o fundamento histórico em que se baseiam a novela e o filme.

Tanto na forma literária como na cinematográfica, a narrativa conduz todos os personagens à normalidade de uma situação típica a da viúva, Sra. Edith (Carey Mulligan), que herdara uma extensa e antiga propriedade, mas que enfrenta dificuldades com trabalhadores nas tarefas diferenciadas. Surge então o especialista Basil Brown (Ralph Fiennes), que passa a assisti-la e a comandar as escavações, enfrentando desacordos de um grupo político e de figuras ligadas ao museu de antiguidades da localidade.

O que permeia toda a narrativa é a discrição dos protagonistas sobre o rico achado. Embora tenha sido grande a repercussão do fato naquela época. É um filme interessante, principalmente para quem detém alguma curiosidade pela história e pelas sutilezas do cinema inglês. Mais “coisas de cinema”, acesse o blog: www.alexantos.com.br.



APC reúne sua diretoria

A Academia Paraibana de Cinema (APC), adotando as normas e protocolos sanitários de segurança, realizou recentemente, através de live, reunião com um grupo mínimo de diretores e conselheiros da entidade. O objetivo do encontro foi definir algumas metas da associação ainda este ano.

Entre as quais, estaria o preenchimento de uma vaga de conselheiro, sendo a outra questão a recondução da atriz Zezita Matos à titularidade da Academia, junto com toda sua diretoria. Assunto esse que deve ser decidido oportunamente, em Sessão Ordinária. O encontro contou com a participação virtual, além da presidente Zezita Matos, dos acadêmicos João de Lima, Alex Santos (no auxílio jurídico), e do fotógrafo Carlos Beltrão.

Em cartaz

PRÉ-ESTREIA

TOM E JERRY (EUA. Dir: Tim Story. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Adaptação do clássico desenho animado da Hanna-Barbera, retornando às origens da história e mostrando como Tom e Jerry se conheceram. Depois de anos vivendo na casa de um casal de idosos que o trata como um animal de estimação, Jerry precisa se virar para sobreviver quando descobre que existem novos locatários no local. E pior do que isso: eles trouxeram consigo um gato. CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h45 - 17h45 - 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h45 - 17h45 - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 15h30 - 18h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 16h15 - 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h15 - 17h45.

CONTINUAÇÃO

LEGADO EXPLOSIVO (Honest Thief, EUA. Dir: Mark Williams. Policial. 14 anos). Um ladrão de banco (Liam Neeson) resolve mudar de vida e se tornar uma pessoa honesta quando se apaixona por uma mulher que trabalha em uma instalação de armazenamento, um lugar onde ele esconde todo o dinheiro que rouba. Mas fica cada vez mais difícil limpar seu nome quando ele passa a ser investigado por um agente corrupto do FBI. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 20h15.

MULHER-MARAVILHA 1984 (Wonder Woman 1984, EUA. Dir: Patty Jenkins. Aventura e fantasia. 12 anos). Diana Prince/Mulher-Maravilha (Gal Gadot) está em 1984, durante a Guerra Fria, entrando em conflito com dois grandes inimigos: o empresário de mídia Maxwell Lord (Pedro Pascal) e a amiga que virou inimiga, Barbara Minerva/Cheer-

tah (Kristen Wiig). CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 17h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h10 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 16h - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h - 19h10.

PINÓQUIO (Pinocchio, Itália, França, Reino Unido. Dir: Matteo Garrone. Drama e fantasia. 10 anos). O solitário marceneiro Gepeto (Roberto Benigni) tem o grande desejo de ser pai, e deseja que Pinóquio (Federico Ielapi), o boneco de madeira que acabou de construir, ganhe vida. Seu pedido é atendido, mas a desobediência do jovem brinquedo faz com que ele se perca de casa e embarque em uma jornada repleta de mistérios e seres mágicos, que o levará a conhecer de fato os perigos do mundo. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h10 - 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h10 - 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (dub.): 14h15 (somente sáb. e dom.) - 17h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 - 18h30.

Serviço

• Funesco [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Poemas

Memória

*Depois de tudo
nada restará de mim.*

*Nem a infância
com seus brinquedos de vidro.*

*Nem as raízes da casa
nem os ácidos da terra.*

*Nem o brilho da água
que corta o teu corpo.*

*Nem o musgo da memória
restará de mim.*

*Toda memória é perda
e toda perda é sagração.*

Primeira canção agreste

*Nunca mais voltarei para ti.
estás comigo, contudo, na agave
que cobre e lacera minha memória.
Com teu corpo esquilado continuo
a sonhar, e os marmeleiros da noite
invadem os roçados da pasma solidão.
Nunca te banhavas com a chuva.
Tuas lágrimas eram secas, murchos
os teus seios amarelados na poeira.
Somente as pedras te fazem única
e inteira no avelós do tempo.
E no avelós do tempo te conservas,
porosa, intacta e nua, caligrafia
das léguas e da saudade.*

Constatação

*Já vais tarde,
com tuas certezas,
conta bancária, família,
indissolubilidade.*

*Afinal,
Se a vida se resolve,
A poesia acaba.*

(De *Caligrafia das léguas*, 1999)

Colunista colaborador

Destaque

Cenografia e expografia são temas de um curso on-line

Até o dia 23 deste mês permanecem abertas as inscrições para o curso *Entre a Caixa Preta e Cubo Branco - Panorama da cenografia e da expografia no Brasil*, realizado pelo Núcleo de Produção e Infraestrutura do Itaú Cultural. Elas devem ser feitas diretamente no endereço da escola da instituição (escola.itaucultural.org.br). Totalmente on-line e gratuitas, as 20 aulas – cinco delas abertas, sem necessidade de inscrição – acontecem entre 18 de março e 1 de julho, das 19h às 21h, em diferentes dias da semana.

Se tratando de um curso livre, não é necessária formação anterior. Podem se inscrever aqueles que, independentemente de sua área, desejem iniciar os estudos no campo da cenografia e da expografia. A lista com os selecionados será divulgada no mesmo endereço eletrônico, em 10 de março.

As aulas têm mediação dos arquitetos Carmela Rocha e Renato Bolelli Rebouças. Cada uma delas, conta com a participação de diferentes convidados, todos com trajetórias consolidadas nas áreas abordadas, como Daniela Thomas e Felipe Tassara. Esta é a terceira ação lançada, este ano, na plataforma do Itaú Cultural voltada para a formação. Até o fim do ano, outros cursos nas mais diversas áreas terão inscrições abertas.

Obra em quadrinhos de terror é ambientada no Brejo paraibano

'Jogo de Sombras' desloca o gênero dos grandes centros urbanos para uma casa pequena do interior do Estado

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Jogo de Sombras é uma história em quadrinhos do gênero de terror lançado pela escritora paraibana Isabor Quintiere e a quadrinista mato-grossense Gabriela Güllich, que assinam o roteiro e a arte, respectivamente. "A receptividade tem sido incrível! Não imaginávamos tanto público logo nos primeiros dias, estamos bem felizes", contou Gabriela Güllich, cuja pré-venda virtual da obra aconteceu recentemente. "Depois de enviados todos os livros, começaremos a venda normal, através de lojinha virtual", afirmou a quadrinista.

A história em quadrinhos é ambientada no Brejo da Paraíba e se passa nos anos 1990, em mais uma noite de apagão naquela região. No enredo, a menina Cícera sugere ao irmão mais novo e para a avó usar uma vela para fazer um jogo de sombras, no intuito de se distraírem, em meio ao escuro. Entre vultos e contornos na parede de taipa, a família terminará descobrindo que nem toda sombra é projeção.

A característica da HQ é deslocar o terror dos grandes centros urbanos para a claustrofobia de uma casa pequena do interior. "A ideia foi em conjunto. Sou amiga de Isabor há alguns anos e, no final de 2019, ela estava me ajudando a embalar encomendas de meu outro livro, a HQ-reportagem *São Francisco*. Enquanto conversávamos, surgiu a ideia de fazermos algo juntas. Nós duas gostamos muito de narrativas de terror e resolvemos trabalhar nisso. Ela escreveu o roteiro em formato de conto, e fomos montando a partir desse texto. Depois do roteiro pronto, fui adaptando as cenas para narrativa sequencial de quadrinhos", explicou Gabriela.

Güllich comentou que o livro foi feito antes da crise de saúde mundial. "Nós terminamos em fevereiro de 2020. A ideia era lançá-lo no FIQ, o Festival Internacional de Quadrinhos, em Belo Horizonte (MG). Mas aí o evento foi cancelado por conta da pandemia, e seguramos o lançamento", disse ela, acrescentando que, durante o isolamento, manteve-se atuando como jornalista e quadrinista freelancer. "Também sou colaboradora no site *Mina de HQ*, no

qual tenho a coluna mensal chamada *Entre Quadros*, que é um projeto de entrevistas ilustradas com quadrinistas de todo o mundo", afirmou a artista, que já está com um projeto inédito.

Na Paraíba, a cena para as histórias em quadrinhos de terror tem sido cada vez mais crescente e *Jogo de Sombras* é mais um elemento para compor esse quadro. É o que acreditam as duas autoras da obra. "O terror paraibano encontra espaço em produções como as do quadrinista Shiko e de autores como Braulio Tavares e Bruno Ribeiro, para citar apenas alguns dos nomes mais relevantes a nível nacional desse meio"

qual tenho a coluna mensal chamada *Entre Quadros*, que é um projeto de entrevistas ilustradas com quadrinistas de todo o mundo", afirmou a artista, que já está com um projeto inédito.

Na Paraíba, a cena para as histórias em quadrinhos de terror tem sido cada vez mais crescente e *Jogo de Sombras* é mais um elemento para compor esse quadro. É o que acreditam as duas autoras da obra. "O terror paraibano encontra espaço em produções como as do quadrinista Shiko e de autores como Braulio Tavares e Bruno Ribeiro, para citar apenas alguns dos nomes mais relevantes a nível nacional desse meio", ressaltou Isabor Quintiere, que em 2019 recebeu prêmio por um trabalho nesse gênero.

Já Gabriela Güllich disse que esse trabalho em coautoria com a amiga é sua primeira história em quadrinhos ficcional. "Até então, meu trabalho era focado apenas em jornalismo em quadrinhos e narrativas de não ficção", observou ela.

Para Quintiere, os olhos têm se voltado, cada vez mais, para o gênero de terror no Estado. "Agora, o resto do país e nosso próprio Estado passam a perceber a variedade do que oferecemos na literatura e nos quadrinhos, para além do regionalismo já consagrado dos clássicos. Na Paraíba, temos tudo: do terror ao drama, da comédia à ficção científica. Somos a terra onde se criou Augusto dos Anjos, com seus versos de beleza nefasta. A perspectiva é de que continuemos a expandir nesses territórios fantásticos".

Gabriela Güllich também confessou sua paixão pelo gênero. "Adoro ler terror. O que mais gosto, em leituras no geral, é a capacidade de instigar a imaginação do leitor e causar reações apenas com uma narrativa. Acho que a angústia de saber o que vai acontecer em seguida, a vontade de desvendar a trama, tudo isso ajuda a me prender na leitura, e o terror é uma das coisas que mais me provoca esses sentimentos", analisou ela.

Perfis

Natural da cidade de João Pessoa, Isabor Quintiere é graduada em Letras e Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestranda em Literatura. Autora do livro de contos *A cor humana*, publicado em 2018 pela Editora Escaleras, ela encontra inspiração para a sua prosa principalmente na literatura fantástica latino-americana e na ficção científica. Em 2019, recebeu o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica com o conto de terror *Madres*.

Gabriela Güllich é mato-grossense, mas foi criada na Paraíba. Contadora e desenhadora de histórias, é formada em Jornalismo pela UFPB. Ela é autora de *Quatro Cantos de um Todo*, HQ publicada pelo Sesc Paraíba em 2018, e *São Francisco*, livro-reportagem em quadrinhos produzido em parceria com João Velozo e que foi vencedor do Troféu HQMix e finalista do Prêmio Ângelo Agostini, ambos realizados em 2020.



Tendo como cenário o apagão nos anos 1990, HQ foi escrita pela paraibana Isabor Quintiere (foto acima) e desenhada pela mato-grossense radicada no Estado Gabriela Güllich (foto abaixo)



Imagens: Divulgação

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Por que somos chamados como três Américas?

Se Cristóvão Colombo colocou os pés no chão da ilha batizada de San Salvador (Bahamas) em 12 de outubro de 1492; se Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500, avistou o Monte Pascoal, a cerca de 60 quilômetros do local onde crescerá a cidade de Porto Seguro, para quatro dias depois ser celebrada a primeira missa na nova Terra de Santa Cruz; se depois de acharem o pau-brasil, em 1511, foi que passamos a ter o nome de Brasil; se entre as duas descobertas, os portugueses e espanhóis assinaram o Tratado de Tordesilhas com o objetivo de evitar a guerra pela posse de terras...

De quando os olhos são a soma de todas as cores

Os olhos não apenas falam mais que a boca. Enquanto a boca emite sons quase sempre concatenados - a não ser que haja um novo "explode coração" -, os olhos lançam raios sonoros que por vezes transformam o humano mortal numa semividência de um novo Olimpo, onde permite-se a circulação de celulares com cartões que têm músicas como 'Smoke gets in your eyes'. Os olhos dizem tudo.

Se com esses "ses" e outros conseqüentes, ficamos falando francês (não esqueçamos o Canadá), inglês, espanhol e português, e praticamente tornamos quase extintas as línguas indígenas originais, promovendo exterminios - holocaustos, mesmo - em nome da fé cristã, com a imoral cumplicidade entre Estado e Igreja, nunca entendi porque 12 de outubro não traz a resposta exata: Cristóvão Colombo descobriu a América ou as Américas?

Admite-se oficialmente como a América. Mas, porque somos chamados de América

Os olhos seduzem, rejeitam, transmitem horizontes, prendem livres paixões. Não importam as cores dos olhos, pois os sentimentos são a soma de todas as cores.

Por um segundo, a gente pode sentir a hora inteira de dois olhos. Como os olhos perspicazes, nunca ingênuos e sempre sinceros, de uma amiga, que vejo uma, duas, três vezes sempre em cada mês.

ca do Norte, América Central e América do Sul?

Cristóvão Colombo ainda lutou para que a nova terra recebesse o nome de Columbia. Américo Vespúcio, no entanto, tinha bem mais prestígio junto aos reis de Espanha e ganhou a honra.

Ficou difícil, a princípio, definir o território continental.

Não devemos esquecer, inclusive, a invasão dos EUA. Originalmente, todo o território do Texas era mexicano.

O sonho de uma homogênea e gigantesca



América Católica - como queriam o Vaticano, os reis de Espanha e Portugal - caiu quando o navio Mayflower, saído da Inglaterra, chegou a Cape Cod (no atual Estado de Massachusetts) em 1620.

O Mayflower transportou puritanos separatistas, em busca de liberdade religiosa, longe do poder da Igreja Anglicana.

Hoje, os EUA têm predominância evangélica. Enfim, não vejo sentido em três continentes com nomes iniciados por América.

Que fosse um só continente ou que os três tivessem nomes adequados a outras situações geopolíticas.

Eis-me em devaneios que são insights contínuos, acelerados em homenagem a todas as mulheres.

Faço a louvação das forças misteriosas espalhadas pelo infinito, que nos fazem capazes de escrever afetos em dias e noites de tantos desamores e violência por um mundo que estupidamente recusa seu encontro através de quem o forma: as pessoas. Que os olhos de todos nós vejam sempre mais.



Foto: Reprodução

Assembleia resgata texto e capa originais da Constituição

Nos últimos 32 anos, reedições descumpriram originalidade da carta, chegando a provocar dúvidas sobre o próprio conteúdo



Foto: Reprodução

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Na primeira semana deste mês, a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) abriu os trabalhos de 2021 e disponibilizou para a população paraibana – principalmente para os operadores do Direito – uma nova edição da Constituição do Estado da Paraíba, revisada e atualizada com base no texto aprovado em 1989 e com capa e formato também originais.

“Foi um trabalho que demandou tempo, mas que valeu a pena, porque nessas últimas décadas, apareceram edições com capas de tantas cores que, em termos estéticos e de conteúdo, caminhávamos para ficar sem saber qual era de fato a verdadeira Constituição do Estado”, afirma o presidente da Constituinte de 1989, o advogado e ex-deputado estadual João

Fernandes da Silva, ao mostrar exemplares de edições que, segundo ele, descumpriram tanto a originalidade do formato que chegaram a provocar dúvidas sobre o próprio conteúdo.

Ele disse que, quando foi convidado para se integrar ao grupo de trabalho no meio de 2019, para fazer a revisão da Constituição, pensou que o necessário seria somente a coleta e ajuntamento das emendas aprovadas nessas últimas três décadas, mas, devido a existência de tantas edições diferenciadas, foi preciso buscar e partir mesmo do autógrafo no Diário Oficial.

“Não sei quem foi e isso pouco interessa agora, mas não se podia fazer isso, inventar capas e cores diferentes para um documento como a Constituição”, lamenta Fernandes, ao lembrar que a brasileira já sofreu inúmeras emendas e já tem 33 anos,

mas sem perder seu formato original. “O mesmo deveria ter ocorrido com a nossa e ainda bem que a Assembleia tomou a iniciativa de fazer essa atualização, pois ela oportunizou também essa correção de formato na edição”.

A nova edição da Constituição foi concluída no ano passado, mas tudo começou na verdade em 2019 com um projeto inicialmente apresentado pelo deputado estadual Ricardo Barbosa (PSB), acolhido e encampado pelo presidente da Casa, Adriano Galdino (PSB). Uma solenidade comemorativa aos 30 anos e da atualização da Constituição da Paraíba chegou a ser marcada para dezembro de 2019, mas os compromissos de final de ano terminaram prejudicando o evento. Todavia, a edição foi finalizada e está pronta em papel e disponibilizada no site do Poder Legislativo.



O ex-deputado estadual João Fernandes, que foi presidente da Constituinte 1989, resgatou a capa original da Constituição do Estado da Paraíba



Fotos: Reprodução

Trabalho da Secretaria Legislativa

O secretário legislativo da Assembleia Legislativa, Guilherme Benício, informou, por sua vez, que apesar de não ter havido uma solenidade que marcasse mais ainda esse momento de agora, a Constituição está disponibilizada de forma mais completa no site do Poder Legislativo e que, bem mais que técnico, foi um trabalho de resgate histórico para o estado e para a população.

“Nós fomos buscar o autógrafo, o texto original aprovado lá em 1989, e seguimos de artigo em artigo e de emenda em emenda, remontando a Constituição” explicou ele, ao lembrar que,

logo depois que os deputados aprovaram e assinaram a atualização, toda uma equipe técnica passou a trabalhar diuturnamente nessa consolidação.

Segundo ele, havia muita coisa dispersa e, como representante dos constituintes de 1989, João Fernandes da Silva realmente foi muito importante na coleta e ajuntamento desses dados. “Na verdade, existiam versões com outras capas e precisamos juntar tudo isso. Como a Assembleia não havia investido nesse tipo de trabalho de consolidação ao longo dos anos, terminou existindo mesmo essas edições com

capas diferenciadas”, disse.

Ele frisou, no entanto, que a partir de agora, com essa atualização, a Constituição está, finalmente, consolidada num documento que seguiu os formatos da que foi lançada em 1989 e que pode ser mais facilmente manuseado pelo cidadão.

“Além do texto, até mesmo a capa original nós fomos resgatar”, afirmou ele, ao lembrar que a gráfica foi orientada no sentido de fazer um trabalho de restauração e, com isso, a Constituição pode ser finalizada com base no seu texto e no formato da sua edição original”, concluiu.

Polêmicas sem fim e 44 emendas

Atualizada e consolidada, com 310 páginas (114 a mais do que a do texto original), a Constituição da Paraíba já carrega consigo um total de 44 emendas e um sem número de artigos polêmicos que surtiram efeito pra valer – como é o caso do que trata da proibição dos espigões na orla paraibana – e outros que foram atropelados nesses 32 anos.

Alguns desses artigos a bem da verdade, logo no nascedouro da carta e pelo próprio então governador Tarcísio Burity e pelo então presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Josias Pereira do Nascimento, que contrariados com a Constituinte de 1989, boicotaram a solenidade de promulgação.

“Foram duas cadeiras que, propositadamente, deixamos vazias durante toda a solenidade e este é um fato que a história ainda precisa fazer o resgate que merece”, afirma João Fernandes da Silva, ao lembrar que entre os feitos da Constituinte boicotados ou contestados pelo Governo do Estado e pelo Poder Judiciário estavam o que pedia plebiscito para a mudança do nome da capital, e os que tratavam da criação de municípios e do Conselho Estadual de Justiça (CEJ).

“Foram duas cadeiras que, propositadamente, deixamos vazias durante toda a solenidade e este é um fato que a história ainda precisa fazer o resgate que merece”

Para João Fernandes, Burity e Josias, como qualquer cidadão, podiam discordar de qualquer dispositivo da Constituição e não gostar da maioria dos constituintes, mas jamais deveriam deixar de cumprir o juramento. “Po-

diam participar e, depois, contestar o que achassem que deveria ser contestado”, completa.

E o caso da criação de municípios, por exemplo, João Fernandes questiona com uma indagação: “Se a Constituição Federal havia criado os estados do Tocantins e do Amapá, como a estadual não poderia criar municípios? E se a Assembleia pode fazer isso depois por atos normais, por que a Constituinte não podia?”.

No que se refere ao Conselho Estadual de Justiça, ele lembra que, tanto era legal e necessário que, dois anos depois, o Supremo Tribunal Federal (STF) criou o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). “O desejo de contrariar era tanto que a Constituinte ampliou o número de desembargadores em mais dois, mas o Tribunal de Justiça contestou e, depois, ele mesmo criou”, lembra Fernandes.

“O desejo de contrariar era tanto que a Constituinte ampliou o número de desembargadores em mais dois, mas o Tribunal de Justiça contestou e, depois, ele mesmo criou”

O ex-deputado, que presidiu a Constituinte de 1989, observa, no entanto, que esse trabalho de consolidação promovido pela atual legislatura foi importante, porque considerou, inclusive, a obra do artista Milton Nobrega (jornalista e publicitário já falecido) na capa original e que, “apesar dos pesares, valeu o sacrifício de todos os colegas deputados que participaram daquele momento histórico, assim também como o trabalho dos atuais parlamentares e servidores técnicos com quem dividimos essa atualização”, concluiu João Fernandes da Silva.

Foto: Valério Ayres

Fotos: Reprodução



Governador Tarcísio Burity se negou a jurar a Constituição; e Milton Nobrega, publicitário que criou a capa original

Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes

Pesquisa mostra que reprovação, abandono e distorção idade-série passaram a impactar ainda mais após a pandemia

ONU Brasil

Em 2019, 2,1 milhões de estudantes foram reprovados no Brasil, mais de 620 mil abandonaram a escola e mais de 6 milhões estavam em distorção idade-série. O perfil deles é bastante conhecido: concentram-se nas regiões Norte e Nordeste, são muitas vezes crianças e adolescentes negros e indígenas ou estudantes com deficiências. Com a pandemia da covid-19, foi esse, também, o grupo de estudantes que enfrentou as maiores dificuldades para se manter aprendendo – agravando as desigualdades no país. Mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes não tiveram atividades escolares em 2020. É o que revela o estudo “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar”, lançado pelo Unicef (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância), em parceria com o Instituto Claro, e produzido pelo Cenpec Educação.

Reprovação, abandono escolar e distorção idade-série são partes de um mesmo problema: o fracasso escolar. Ele começa com o estudante sendo reprovado uma vez. Seguem-se outras reprovações, abandono, tentativa de retorno às aulas, até que ele entra em uma situação de “distorção idade-série”, com dois ou mais anos de atraso. Sem oportunidades de aprender, o aluno vai ficando para trás, até ser forçado a deixar definitivamente a escola.

“Há, no Brasil, uma naturalização do fracasso escolar, fazendo com que a sociedade aceite que um perfil específico de estudante passe pela escola sem aprender, sendo reprovado diversas vezes até desistir. Essa situação já existia em 2019 e se agravou com a pandemia. Essa cultura do fracasso escolar acaba por excluir sempre os mesmos estudantes, que já sofrem outras violações de direitos dentro e fora da escola”, explica Ítalo Dutra, chefe de Educação do Unicef no Brasil.

Para reverter esse cenário, é preciso conhecê-lo em detalhes. É esse o objetivo do



Foto: Unicef-BRZ Ratão Diniz

Estima-se que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado em 2020

estudo, parte da estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar – iniciativa do Unicef, com apoio estratégico do Instituto Claro e parceiros. A publicação traz os principais dados de reprovação, abandono e distorção idade-série no país. As informações completas de estados, municípios e escolas podem ser acessadas em <https://trajetoriaescolar.org.br/>.

Aprendizagem

O cenário de desigualdades que já preocupava antes da pandemia da covid-19 se tornou ainda mais grave com ela. Em outubro de 2020, 3,8% das crianças e dos adolescentes de 6 a 17 anos (1,38 milhão) não frequentavam mais a escola no Brasil – remota ou presencial. O dado é superior à média nacional de 2019, que foi de 2%, segundo a Pnad Contínua. Além disso, 11,2% dos estudantes que diziam estar frequentando a escola não haviam recebido nenhuma atividade escolar, e não estavam em férias (4,12 milhões). Assim, estima-se que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado em 2020.

Os dados comprovam que o mesmo perfil de estudantes que já sofriam com a cultura do fracasso escolar não conseguiu se manter aprendendo com as escolas fechadas. Em relação às regiões: no Norte do País, o per-

centual de estudantes que não conseguiu frequentar atividades escolares na pandemia foi o dobro na média nacional. A população negra e indígena também teve menos acesso à aprendizagem na pandemia do que a branca.

“As opções de atividades para a continuidade das aprendizagens na pandemia não se deram de forma igual para todos os estudantes, excluindo os mais vulneráveis. A perspectiva que se anuncia para os próximos anos é de agravamento dos desafios para a educação pública. Nesse contexto, o enfrentamento da cultura do fracasso escolar é imprescindível”, afirma Ítalo Dutra.

Reprovação escolar

Antes da pandemia, em 2019, 2,1 milhões de estudantes foram reprovados no Brasil, o que corresponde a 7,6% do total de matriculados. As taxas de reprovação vinham apresentando uma pequena queda no país nos últimos anos, mas insuficiente para resolver o problema.

As taxas de reprovação são maiores na região Norte e menores no Sudeste. Elas incidem mais sobre as populações preta (10,8%) e indígena (10,9%), versus a branca (5,9%). Meninos são mais reprovados do que meninas. A reprovação de estudantes com deficiência também é expressiva em relação à média

nacional. Dos estudantes com deficiência, 11,5% foram reprovados em 2019.

Com relação à localização, embora as áreas urbanas concentrem o maior número de estudantes, proporcionalmente é na zona rural onde mais se reprova: 8,6%. A situação se agrava quando se trata das populações residentes em áreas de assentamentos (8,8%), de quilombos (10,6%) ou terras indígenas (10,8%).

Abandono escolar

Em 2019, 623 mil estudantes (2,2% do total) abandonaram a escola, a maioria deles no Ensino Médio e nos anos finais do Ensino Fundamental. A região Norte concentra as maiores taxas de abandono (4,4%), explicitando a necessidade de formulação e execução de políticas específicas para a região.

Assim como ocorre com a reprovação, o abandono escolar também incide mais sobre determinados grupos sociais ou sobre estudantes com características específicas. Crianças e adolescentes pardos (2,6%), pretos (2,9%) e indígenas (5,3%) apresentaram taxas maiores de abandono, versus brancos (1,4%). Além disso, são mais meninos do que meninas e, proporcionalmente, mais aqueles com deficiências.

Distorção idade-série

Em 2019, dois em cada

dez estudantes no Brasil estavam em distorção – cerca de 6 milhões de crianças e adolescentes (21%). Como nas demais taxas, elas são mais altas no Norte (29%) e Nordeste (27,6%). A distorção idade-série está associada, também, às desigualdades de cor/raça, de gênero e de deficiência. São indígenas os estudantes que mais sofrem com a distorção idade-série (40,2%), seguidos por pretos (29,6%) e pardos (23,9%). E a distorção é realidade para 46,8% dos estudantes com deficiência.

Como reverter

Para mudar essa realidade, recomenda-se que haja um esforço conjunto de governo, sociedade e comunidade escolar para conhecer a fundo o problema, debater as diversas visões e enfrentar a cultura do fracasso escolar. “A escola precisa ser um lugar onde se conhecem, se debatem, se constroem e se reconstruem conhecimentos sem ameaças. É preciso rever os currículos, a avaliação das aprendizagens e os cotidianos escolares, criando espaços inclusivos, em que todos tenham direito a trajetórias de sucesso escolar”, completa Ítalo.

Para contribuir com o enfrentamento desse problema, Unicef e Instituto Claro são parceiros em duas iniciativas. Por meio do Trajetórias de Sucesso Escolar, contribuem para a formulação de políticas educacionais voltadas a estudantes em distorção idade-série. E por meio da iniciativa

Um Milhão de Oportunidades, em parceria com outras organizações, unem esforços para gerar oportunidades de aprender e ter acesso ao mundo do trabalho para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade.

A estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar é uma iniciativa do Unicef, do Instituto Claro e outros parceiros para o enfrentamento da cultura de fracasso escolar no Brasil. O objetivo é facilitar um diagnóstico amplo sobre a distorção idade-série no país, e oferecer um conjunto de recomendações para o desenvolvimento de políticas educacionais que acesso à educação, permanência na escola e aprendizagem desses estudantes. Além de as taxas de distorção e índices de abandono e reprovação, o site da estratégia disponibiliza recortes por gênero, raça e localidade que mostram as relações entre o atraso escolar e as desigualdades brasileiras.

A iniciativa Um Milhão de Oportunidades é a maior articulação pela juventude do Brasil reunindo Unicef, OIT, empresas, sociedade civil e governos para gerar, nos próximos dois anos, um milhão de oportunidades de formação e acesso ao mundo do trabalho para adolescentes e jovens de 14 a 24 anos em situação de vulnerabilidade. Entre os principais pilares de atuação, está a garantia ao acesso à educação de qualidade para todos os adolescentes e jovens. Saiba mais em 1mio.com.br.

As opções de atividades para a continuidade das aprendizagens na pandemia não se deram de forma igual para todos os estudantes, excluindo os mais vulneráveis. A perspectiva que se anuncia para os próximos anos é de agravamento dos desafios para a educação pública. Nesse contexto, o enfrentamento da cultura do fracasso escolar é imprescindível.

Ítalo Dutra

Chefe de Educação do Unicef no Brasil

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Carta de uma amável e sincera leitora

Recebi mensagem de uma leitora do meu livro “Poemas malditos em prosa, verso, gesto e grito”. A pequena obra recebeu essa comprida denominação do poeta itabaianense André Ricardo Aguiar. No formato folheto, o livrinho comemora meus cinquenta anos de borra-papéis. Editei meu primeiro jornal em 1970, aos quinze anos. Este escrivinhador já cometeu, entre outros delitos literários, quatro livros de poemas, dois de crônicas, um livretinho de gracejos, uma história curta sobre o poeta Manoel Xudu, um libelo contra a ditadura da comunicação no Brasil e 38 folhetos de cordel.

Voltando à leitora distante. Ela teve a delicadeza de confessar que não aprecia a poesia complicada e quase impenetrável. Gosta mais da linguagem do cordel, simples e compreensível por qualquer pessoa que saiba ler. “Li seu livro duas vezes, para tentar entender algumas frases ou palavras”, revelou. Não recordo o nome do poeta que assegurava: “apenas duas ou três pessoas me conhecem bem. O resto sabe sobre mim o que eu quero que eles saibam. A não ser que consigam ler nas entrelinhas dos meus poemas”.

Mudou de roupa
liderou o fêretro
mudou de casa

O leitor com vocabulário escasso colide logo com o “fêretro”. Que tanto pode ser o caixão como o próprio funeral. No último verso, uma concessão à doutrina defensora da ideia de que o Ser subsiste à morte do corpo. Enfim, cada verso, curto ou não, pode ser um olhar lírico sobre a realidade ou um choque anafilático por hipersensibilidade ao jogo de metáforas. Poesia quer ser a comunicação do artista com seu leitor através de códigos que só as pessoas sensíveis e inteligentes conseguem decifrar. Encanto que também pode estar numa poesia dita popular, sem muito refinamento intelectual, mas que transmite beleza com ritmo e inventividade.

Um grande poeta espanhol, Federico Garcia Lorca, disse sobre essa arte: “A poesia é a união de duas palavras que ninguém poderia supor que se juntariam, e que formam algo como um mistério”. Poesia é você surpreender o leitor com uma ideia nova, unindo palavras e formando frases que sejam impactantes pela forma imaginosa com que você utilizou essas palavras. Enfim, poesia é criatividade em estado puro. Requer muita leitura do autor e leitor, não só de poesia. Precisa ler muito e ter sensibilidade para jogar esse jogo de palavras que encanta.

Poetas carregam a reputação de malucos ou palermas. Ultimamente, cresce o número dessas pessoas produzindo poesia de carregação. A maioria não é para ser levada a sério. Acontece esse fenômeno na literatura de cordel. Conta-se em centenas os cordelistas aqui na Paraíba, mostrando seus trabalhos na internet. O leitor que abrir o folheto de determinados poetas, talvez nunca mais tenha disposição de repetir o ato, diante de qualquer autor. Muitos são os chamados e poucos os escolhidos, disse o Profeta. Raro se ver um mestre dessa arte no papel de indutor de conceitos inovadores.

É como lamenta um amigo poeta: quanto mais se publica livros de poesia, menos se lê. Essa geração tem um estilo de vida baseado na dinâmica da internet. As ideias e imagens já chegam prontas, sem margem para mensagens que mais sugerem do que definem os conteúdos. Nossas condolências ao mundo futuro, porque a poesia será sempre o instrumento de enriquecer a mente. Li não sei onde que a poesia é a oração do ateu. O ateísmo e a secularização estão aumentando. A poesia, essa cai no esquecimento.

Projetos incentivam presença feminina na área da ciência

'Meninas na Física', 'It Girls' e 'Women in Engineering' apoiam estudantes de universidades e do Ensino Médio

Renato Félix e Márcia Dementshuk
Especial para A União

Apenas 28% dos pesquisadores em ciência no mundo são mulheres. O dado é da Unesco, referente a 2018. É uma amostra de que a presença feminina na ciência precisa não apenas ser incentivada desde cedo, como um cenário natural onde a mulher pode desenvolver uma carreira, como também instituições e laboratórios também precisam aumentar sua receptividade com relação a essas profissionais. Estas são algumas das razões pelas quais há um Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência - instituído em 2015 pela Unesco para ser comemorado em 11 de fevereiro - é importante.

Os dados locais também mostram essa discrepância. O Censo Escolar produzido pelo Inep em 2019 mostra que 59,04% dos alunos concluintes no Ensino Superior brasileiro foram mulheres. Já um levantamento da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq/PB) mostra que, dos 204 projetos em andamento, 94 são coordenados por mulheres. Quase a metade, sim, mas, destes, apenas 8% são de ciências exatas e da terra, contra 29% em ciências humanas e 20% em ciências da saúde.

Mas existem iniciativas que buscam reverter esse quadro e mostrar sobretudo para as próprias meninas que a ciência também é para elas. Há, por exemplo, perfis em redes sociais que se dedicam a divulgar as contribuições históricas e atuais das mulheres das pesquisas científicas (como o Mulheres na Ciência BR, @CienciaMulheres, no Twitter). Mas há também projetos que se dedicam ao trabalho de formiguinha com estudantes. Um deles é o Parents in Science (<https://www.parentscience.com>) que, na Paraíba, foi realizado no campus da UEPB em Araruna.

Alessandra Brandão, doutora em História e Filosofia da Ciência, é do Departamento de Física do campus e é membro do movimento que discute o papel da paternidade e maternidade na ciência. "É um fator invisibilizado bastante sério, como se os cientistas não tivessem vida pessoal, fossem máquinas trabalhando", conta.

Ela lembra que sofreu preconceito por ser uma mãe de três filhos enquanto estudava na pós-graduação. "Como a Academia está despreparada para isso! A Academia não está pronta para entender que essa mulher - e esse homem, claro, também - tem uma vida pessoal. E essa vida pessoal inclui filhos. Um sistema patriarcal muito duro onde há professores homens - e mulheres também - com atitudes muito machistas. Eu tive que me desdobrar para mostrar que eu tinha o meu valor".

Ela coordena o projeto Meninas na Física, que começou a ser executado em fevereiro de 2019, embora tenha sido atrapalhado pela pandemia ao longo de 2020. Desenvolvido em Araruna, Cacimba de Dentro e Tacima, envolveu

25 bolsistas financiados pelo CNPq, atingindo 50 estudantes de cinco escolas da região que participaram de atividades no campus, na escola e em praça pública. Essas atividades podiam ser sessões de cinema sobre mulheres na ciência, com discussões depois da exibição, palestra de pesquisadoras, oficinas de astronomia, visitas a laboratórios para entender a ciência acontecendo na prática.

“Eu me senti tão feliz porque, pela primeira vez, não fui questionada. Fui apoiada. Eu me senti uma programadora, e não mais uma mulher que estava se metendo em uma área masculina”

"Mostrar exemplos positivos de mulheres que conseguiram romper esse laço cultural e ter suas carreiras e dar uma grande contribuição dentro da ciência", diz a professora. "Aproximar essas meninas do verdadeiro sentido da ciência. No imaginário coletivo, existe uma ideia do cientista como um homem branco extremamente inteligente. É esse o estereótipo. Precisamos mostrar para essas meninas que a ciência é diversa também, todas as cores e gêneros fazendo parte disso".

Para ela, esse estereótipo começa a ser instalado cedo na cabeça das pessoas: as próprias famílias não incentivam que suas meninas procurem esse caminho. "a segregação horizontal começa no próprio seio familiar: não recebi nenhum tipo de incentivo para estar em lugares como a ciência, por exemplo", recorda. "Como a maioria das meninas adolescentes da minha época, fomos incentivadas ao gerenciamento de um lar. Mas meu espírito rebelde não permitiu isso: sempre acreditei que pudesse estar em outros lugares, onde poderia sonhar".

A professora Vanessa Dantas é uma das fundadoras do grupo IT Girls em 2015, no campus IV da UFPB. A ideia surgiu após uma movimentação das próprias alunas da área de computação, que organizaram um evento para se entreterem, se conhecerem. "Elas se sentiam muito sozinhas na universidade", conta. "Naquele momento, eu me lembrei de situações que eu tinha passado, eu percebi o quanto aquilo era desafiador para elas. E pensamos que não podíamos deixar aquilo isolado".

No começo de 2016, o projeto já estava formatado. Há dificuldades em conseguir verbas oficiais do CNPq ou da própria universidade, mas o grupo consegue alguma verba com vendas de camisetas e outros itens. Em 2017, Vanessa foi convidada para assumir a liderança do Women Techmakers em João Pessoa (<https://www.womentechmakers.com/>), uma comunidade de mulheres que trabalham com a tecnologia da informação. Para ela, o ingresso das

mulheres no campo da computação ainda enfrenta a barreira de um estereótipo "nerd" que, nas últimas décadas, reafirmou que essa área é destinada a ser masculina. O IT Girls dá apoio e motivação a alunas como Isabelle Mello, do 4º período de Licenciatura em Ciências da Computação.

"Desde que eu decidi que ia fazer um curso nessa área, sabia que ia ser muito desafiador", conta ela. "Passei a minha vida inteira escutando que as mulheres deviam estar em áreas mais 'femininas'. Então, chegar na universidade e me deparar com um grupo como o IT Girls, que ensinou a continuar... Eu me senti tão feliz porque, pela primeira vez, não fui questionada. Fui apoiada. Eu me senti uma programadora, e não mais uma mulher que estava se metendo em uma área masculina".

"Tragicamente, existem inúmeros relatos de casos de desrespeito, desvalorização do trabalho e assédio a mulheres no meio científico. E esse cenário vem mudando a passos curtos", analisa Raquel Bandeira, estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ela é vencedora da 2ª edição do Prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher, que nesta edição premia a categoria "Meninas na Ciência", pelo trabalho "Eficácia terapêutica de uma naftoquinona contra a leishmaniose". "Observo que temos ganhado mais espaço. Nosso conhecimento e serviço têm sido mais reconhecidos. Isso é fruto da coragem e do esforço das nossas cientistas que nunca desistiram de lutar por reconhecimento e respeito".



Em sentido horário, a americana Katherine Johnson, a austríaca Hedy Lamarr e a polonesa Marie Curie



Fotos: Reprodução

Cientistas que marcaram a História

Ao longo da história, muitas mulheres deram contribuição fundamental à ciência. Muitas foram ocultadas da notoriedade em favor de colegas homens. Outras, conseguiram, apesar de tudo, se destacar. Eis algumas delas, inspiração para meninas e mulheres de hoje.

MARIE CURIE (1867-1934): Vencedora não de um, mas de dois prêmios Nobel (e em áreas diferentes: Física, em 1903, e Química, em 1911), a polonesa viveu numa época e país em que as instituições de ensino superior nem aceitavam mulheres. Acabou cursando química, física e matemática em Paris, a partir de 1891. Ela cunhou o termo radioatividade e estudou o fenômeno e descobriu, em 1898, os elementos polônio e rádio. Como ainda eram desconhecidos os perigos da radiação, não usava roupas protetoras e a contaminação acabou matando-a em 1934.

KATHERINE JOHNSON (1918-2020): O filme "Estrelas Além do Tem-

po" acabou popularizando a história de Katherine e outras matemáticas negras que eram os computadores da Nasa nos anos 1950, fazendo os cálculos para levar e trazer com segurança do espaço os primeiros astronautas. Essas matemáticas sofriam segregação dentro da agência espacial, obrigadas a trabalhar longe dos brancos e usar banheiros só para negros. Katherine superou tudo isso e era mais confiável que os nascentes computadores.

HEDY LAMARR (1914-2000): A austríaca foi uma das mulheres mais lindas de Hollywood, estrelando filmes como o épico "Sansão e Dalila" (1949). Mas ela também foi uma inventora, e criou um sistema de comunicações na II Guerra Mundial que tinha por objetivo disfarçar as transmissões para evitar que fossem captadas pelos nazistas, mas serviu também como base para a tecnologia dos telefones celulares e transmissões wi-fi que temos hoje.

"Somos mais fortes"

Outro grupo que trabalha com o apoio às mulheres em cursos de ciências exatas é o Women In Engineering (WIE/IEEE - Mulheres na Engenharia). Além de ser um suporte, o grupo divulga a ciência entre crianças nas escolas. lasmin Palma, do curso de Engenharia Eletrônica no Instituto Federal da Paraíba, é líder no grupo e conversou com a reportagem:

O que as escolas deveriam oferecer para os estudantes se interessarem por ciência?

Das vezes que levamos atividades sobre robótica para as escolas, percebemos a ausência de conhecimento sobre o assunto, isso leva a um desinteresse muito grande. As escolas poderiam se aprofundar mais na área das ciências, principalmente tentando ofertar práticas envolvendo robótica, por exemplo, para incentivar os alunos.

Quais foram as dificuldades que você atravessou no decorrer do curso - relacionadas à condição de

ser mulher?

A primeira dificuldade que senti foi o sentimento de inferioridade em relação aos meninos. A sociedade nos impõe essa ideia e a gente, infelizmente e indiretamente, acaba comprando esse julgamento por nunca termos o estímulo suficiente que os homens têm. A segunda dificuldade que senti foi em ser, muitas vezes, a única menina da turma. A gente sente falta de mulheres no nosso dia a dia, é diferente de lidar com homens. E esse sentimento nos faz até questionar se estar ali é o certo.

Como é possível superar essas dificuldades?

O primeiro passo é se engajar em grupos de apoio, como o Women In Engineering. Estar em um grupo de mulheres com as mesmas dificuldades que eu me fez enxergar que podemos superar qualquer preconceito, pois somos mais fortes do que imaginávamos. O segundo passo eu diria que é estar rodeada de pessoas que nos coloque para frente.

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL

ET Eunápio Torres

8º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

INTIMA: ADOLFO DE FIGUEIREDO LOUREIRO | INTIMA: MARILENE ALVES LOUREIRO

Dra. MARIA EMILIA COUTINHO TORRES DE FREITAS, Oficial do Cartório de Registro de Imóveis da Zona Norte, seguindo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 10140712002, datada de 19/03/2018, registrado sob o nº 2/3, na matrícula nº 57.856, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: APARTAMENTO SOB Nº 301 TIPO A DO EDIFÍCIO RESIDENCIAL EL GRECO, SITUADO A RUA JOSUÉ GUEDES PEREIRA, Nº 73, NO BESSA, JOÃO PESSOA/PB, venho intimar os Senhores ADOLFO DE FIGUEIREDO LOUREIRO e MARILENE ALVES LOUREIRO, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período. Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirijam a este Cartório Eunápio Torres, situado na Rua Comendador Renato Ribeiro Coutinho, nº 300, Alipiano Cabo Branco, nesta capital, onde deverão efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário - ITAU UNIBANCO S/A - nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Leonardo Santos do Nascimento, o digital, João Pessoa, 12 de fevereiro de 2021.

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL

ET Eunápio Torres

8º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL

Titular: Bela Maria Emilia Coutinho Torres de Freitas

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

Dra. MARIA EMILIA COUTINHO TORRES DE FREITAS, Oficial do Cartório de Registro de Imóveis da Zona Norte, seguindo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 0033097430000005140, com o scop de garantia do crédito por este concedido à empresa GUERRIERO COMÉRCIO DE VESTUÁRIO DEIRELIME, firmada em 20/10/2017, registrada sob nº 10, na matrícula nº 44.966, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: APARTAMENTO SOB Nº 202, TIPO B, DO EDIFÍCIO FRANTHYA QUEL, SITUADO À RUA JOÃO CABRAL DELUCENA (antiga Rua Círculo Batista R. dos Santos), Nº 252, NO BAIRRO DO BESSA, JOÃO PESSOA/PB, venho intimar os Senhores ITALO LUCENA DE MELO e RAYLANE LIMA TARGINO MELO, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período.

Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirijam a este Cartório Eunápio Torres, situado na Rua Comendador Renato Ribeiro Coutinho, nº 300, Alipiano Cabo Branco, nesta capital, onde deverão efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação, a qual será veiculada por 03 (três dias) em jornal de grande circulação.

Na oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário - BANCOSANTANDER(BRASIL)/S/A - nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Leonardo Santos do Nascimento, o digital, João Pessoa, 22 de janeiro de 2021.

Atestado em

Oficial do Registro de Imóveis
Eunápio Torres - Serviço Notarial e Registral

LEONARDO SANTOS DO NASCIMENTO

Aos domingos com **Messina Palmeira**



1. O bacharel em Direito Acrísio Toscano de Brito (na foto, com as irmãs Roderiza e Adriana Toscano), em razão de sua competência e dedicação, foi nomeado pelo governador João Azevêdo para o cargo de assessor técnico da gerência executiva disciplina civil, da Secretaria de Estado e da Defesa Social.
2. O empresário José Gomes, o grande patriarca da família Gomes e baluarte das lojas "A Primavera", continua firme e forte na loja, instalada no bairro do Cabo Branco.
3. O reitor da UFPB, prof. Valdíney Gouveia com parte de sua diretoria e de empresários (na foto) realizaram uma visita de cortesia à firma "Elizabeth Cimentos", na unidade da empresa, localizada em Alhandra. O objetivo do evento foi fortalecer ações de parcerias entre a unidade superior de ensino e a empresa que gera emprego e renda para a região.
4. A etapa finalista do curso Miss & Mister Continente, etapa João Pessoa, vai acontecer no próximo dia 20, no Nord Luxor Cabo Branco. A convite do empresário Cristian Oliver (foto), os jornalistas Josemberg Lima, Josy Murta e a titular desta Coluna farão parte do corpo de jurados na noite que promete ser especial.
5. O livro "O Pássaro Secreto", da escritora paraibana Marília Arnaud (foto), foi o vencedor da quinta edição do Prêmio Kindle de Literatura. Além do prêmio em dinheiro, no valor de R\$ 40 mil, a autora assina um contrato com a editora Record para a publicação de edição impressa de seu trabalho.
6. Quinta-feira, 18 de fevereiro, marca mais um ano de existência do prof. Francelino Soares (foto), uma vida dedicada à boa docência, cujas atividades no mundo da disseminação cultural vêm marcando época em nosso meio. A data, como sempre ocorre, é comemorada apenas no ambiente familiar.
7. A consultora de viagem Márcia Amorim teve uma grande surpresa na última semana: sua filha Camila convidou algumas amigas para festejar o aniversário da sua querida mãe, no Skaybar, belíssima casa gastronômica, localizada no Complexo Tour Gêneve.
8. Em tempos de pandemia e com o turismo nacional aquecido, o gerente comercial do grupo São Braz, Fabiano Lopes (na foto, com sua esposa, Miara Emerciano Lopes e as filhas Camila e Ana Beatriz) aproveitaram o clima e a beleza de Gramado.
9. Durante evento promovido pela construtora e Grupo Guedes Pereira, o empresário Brayner Júnior, sua esposa, Giuliana Martins, e o filho Igor Martins Cunha representaram a Paraíba Property, imobiliária de sucesso dirigida pela família.
10. Diógenes Sousa Júnior, Flávio Tavares, Renata Guedes, Linda Susan Araújo, Augusto Correia Lima, Kátia Freire, Gera Pereira, Valério Bronzeado, Douglas Monteiro, Raissa Lacerda (na foto, com sua mãe, Ildenize Lacerda), Têca Cariry, Maluh Vinagre e Leonardo Lopes são os aniversariantes da semana.

Saúde e bem-estar

Interesse por jardinagem cresce com a pandemia

José Alves
zavieira2@gmail.com

Com a pandemia e a necessidade de ficar mais tempo em casa, muitas pessoas resolveram abraçar a prática da jardinagem, tanto em casas como apartamento. Segundo a especialista em plantas caseiras, Cássia Ferreira, a "terapia da jardinagem" tem conquistado em maior parte, o público feminino. Ela garante que, além de deixar o ambiente mais bonito, mexer com plantas traz paz, calma e bem-estar.

Cássia, que também trabalha na Flora Shopping, na avenida Beira Rio, informou que diversas lojas do ramo em João Pessoa confirmaram aumento nas vendas desde o mês de junho do ano passado.

Ainda segundo Cássia Ferreira, "cresceu e muito a vontade das pessoas de fazerem hortas neste período de pandemia, seja de temperos, legumes ou até mesmo de plantas frutíferas". Para ela, que também cuida de sua própria horta, plantar em casa hortelã, alface, tomate

e uma diversidade de ervas para chás, temperos, legumes e frutas, é uma ótima alternativa para o bolso e para a saúde.

Segundo ela, um pequeno espaço no quintal ou até mesmo no apartamento pode se transformar em uma pequena horta e virar uma rotina que coloca alimento fresco à mesa. "Em tempos de pandemia, esse cultivo caseiro proporciona um excelente passatempo".

Cássia revelou que as sementes mais vendidas na loja são as de pimenta mala-

gueta, coentro, tomate, cereja, rúcula, mamão, melancia, manjeriço e couve. "O que as pessoas conscientes mais querem são alimentos livres de agrotóxicos.", observou.

Para poder ter uma horta em casa, a pessoa primeiro precisa ter um espaço, para, em seguida, comprar as jardineiras, pedriscos ou vasos, que estão sendo vendidos a partir de R\$ 12. As sementes podem ser encontradas a preços que variam de R\$ 8 a R\$ 12, e mudas a R\$ 5. Além desses objetos, é necessário comprar terra vegetal (com

esterco), ao preço de R\$ 8 ou R\$ 10. O próximo passo é escolher entre sementes e mudas. Ou seja, com cerca de R\$ 40 uma pessoa pode iniciar sua horta.

O pedrisco deve ser colocado no fundo da jardineira para não acumular água. Depois do pedrisco entra a terra vegetal por cima. Aí já pode plantar. Cássia lembra que a maioria das culturas precisa de sol, como as hortaliças. Elas não podem ficar na sombra o dia todo. "Se a pessoa mora em um apartamento que não pega

sol, apenas luminosidade, essas plantas não podem ser plantadas", explicou ela enfatizando que para quem não tem espaço, os vasos são a solução.

Para especialistas, um dos benefícios de se plantar em casa é aumentar a gama de alimentos orgânicos. Para muita gente isso pode significar o início de hábitos mais saudáveis na alimentação. O desenvolvimento de um novo hobby, e principalmente uma atividade que vai proporcionar mais saúde para os que buscam essa opção.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

Contabilize

Consultoria e Assessoria Contábil

PURPLE IGUANA INVESTMENTS

M&A | EQUITY PARTNERS

New Office - João Pessoa - PARÁIBA

Av. Brasil, 3000 - Centro - CEP: 55011-000

Alameda da Liberdade, 111 - CEP: 55040-000

Miguel Coutinho - CEP: 55040-000

Contato: (55) 3311 8884 / 3311 1111 / 3311 1114 / 3311 1115

LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO



Famosas barraquinhas que vendem vários tipos de produtos da região agradam motoristas como Carlos Wellington Oliveira (foto), que fez questão de interromper a viagem para experimentar as frutas típicas do Nordeste

Comércio nas estradas da PB inicia recuperação das vendas

Após amargar um período difícil, os feirantes às margens das BRs afirmam que o movimento começou a aumentar

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

Muitas famílias paraibanas tiram parte do sustento da venda de produtos como frutas e raízes às margens de rodovias. No trajeto entre João Pessoa e Campina Grande, várias barraquinhas construídas com pedaços de madeira expõem uma variedade que atende a todos os gostos. Inhame, macaxeira, banana, jaca, manga, abacaxi, batata doce, feijão verde, mel. Porém, desde o início de 2020, quando a pandemia obrigou a população a permanecer dentro de casa, as vendas caíram e os pequenos comerciantes amargaram prejuízos que só começam a diminuir agora.

“Eu joguei muita coisa fora. Não conseguia vender, não tinha quem comprasse. Se perdeu jaca, batata, inhame, macaxeira. De uma forma geral, eu vendia 50 quilos ou mais por dia de produtos. Depois da pande-

mia, passei a vender de 10 a 20 quilos por dia. Foi muito prejuízo, infelizmente”, declarou José Sérgio Nunes que também vende almoço num pequeno espaço construído ao lado da barraca. “Aqui eu vendia uma média de dez almoços todo dia e depois disso tudo, caiu para três. Não está compensando ainda”, lamentou.

É das vendas em sua barraca que Jefferson Severino da Silva tira o sustento da família. Segundo ele, os primeiros meses de pandemia foram muito difíceis porque era sua única fonte de renda. “A sorte é que temos clientes antigos que não deixaram de comprar, e os familiares ajudaram. Assim, a gente conseguiu se manter no período mais crítico, mas foi bem complicado”, disse ele, que mora com a esposa e um filho. Ele afirmou que as vendas começaram a aumentar no final do ano e a expectativa é que a situação continue melhorando.

“Vendas começaram a aumentar no final do ano e a expectativa é que a situação continue melhorando”

O estudante José Diogo da Silva ajuda o pai a cuidar de uma barraca na beira da BR-230 e confirmou que a queda nas vendas foi vertiginosa. “Assim que começou a pandemia, caiu demais a procura. As pessoas não estavam saindo de casa. A gente vinha, mas era um lucro muito pequeno. Minha mãe é funcionária pública e esse é um meio de reforçar o sustento da nossa família, junto com uma banca que meu pai tem na feira. Ainda bem que, no final do ano, as coisas começaram a melhorar e eu espero muito que tudo volte a ser como antes”, comentou o comerciante.



Motoristas param no caminho para compras

As barracas ao longo da estrada são fundamentais para uma parada estratégica no meio de uma viagem. O consumidor pode degustar uma fruta descascada na hora pelo vendedor ou comprar raízes recentemente colhidas. “Aqui a gente descasca e serve o cliente, lembrando que tem água para lavar as mãos e álcool para higienizar”, ressaltou o comerciante José Diogo da Silva.

A facilidade agradou o motorista de aplicativo Carlos Wellington Oliveira, que saiu de Campina Grande em direção ao Aeroporto Castro Pinto, na Região Metropolitana de João Pessoa, e estava retornando para casa quando resolveu fazer um lanche saudável. “Comer fruta é uma boa opção para quem está viajando, principalmente um produto produzido por aqui e ainda mais sem casca e no pratinho”, comentou enquanto degustava um abacaxi.

A fruta, que é produzida no município de Sapé, está entre as mais vendidas, embora não esteja na safra, conforme lembra o vendedor.

“Aqui sai mais abacaxi e macaxeira. Hoje o abacaxi está saindo a R\$ 1 porque é muito pequeno”, disse. A jaca, que vem da Bahia, custa entre R\$ 7 e R\$ 10. O quilo de batata doce está entre R\$ 2 e R\$ 2,50. O cará sai por R\$ 3 e o inhame, R\$ 3,50.

Na barraca de Jefferson Severino, o abacaxi, um pouco maior, também custa mais caro. A unidade por lá sai a R\$ 3. Pelo quilo do inhame está cobrando R\$ 8. Segundo ele, depende da qualidade do produto e origem.

Na altura de Café do Vento (Km 70 da BR-230), a barraca de Alba Ferreira Barbosa oferta, além de frutas e raízes, sorvete, água mineral, amendoim e pipocas. Ela, que mora com o marido e um neto, disse que conseguiu se manter durante os primeiros meses da pandemia graças a um auxílio recebido pela criança. “Foi muito difícil. O Bolsa Família recebido pelo meu neto foi o que ajudou a dar uma força porque a venda foi fraca. Em seis anos que moro aqui, essa foi a pior época”, constatou.

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Como se constitui equilíbrio e força em um processo de desenvolvimento

Neste espaço de leitura reflexiva, estarei sempre abordando questões relacionadas ao desenvolvimento e a gestão, como se intitula a própria coluna. Para tanto, busco inspiração em vários pensadores estratégicos, contemporâneos e antigos, que com suas ideias induzem transformações no jeito de pensar, de ser e de fazer.

Para fundamentar o início da abordagem de hoje, reportar-me-ei ao que ouvi em encontros recentes de um amigo que reputo como sendo um dos mais competentes pensadores brasileiros no campo da gestão estratégica e do desenvolvimento. Falo do paranaense Sílvio Barros, reconhecido gestor público e detentor de uma capacidade fantástica para formulações estratégicas com ênfases inovadoras.

Sílvio faz uma analogia importante, com clara fundamentação didática, no que refere a questão do equilíbrio e força para que se consolide um processo de desenvolvimento. A imagem que podemos mentalizar é a de uma mesa com três pés, onde um representa o setor público – governo, um outro o setor produtivo e um terceiro pé a sociedade civil organizada. Para que haja equilíbrio neste processo é necessário que os três tenham igual tamanho e força, porque se algum

pé for mais curto nada paira em cima da mesa, não se sustenta. Assim podemos compreender a importância destes papéis e não pensar que apenas um destes atores isolados terá a necessária força e competência para promover sozinho o desenvolvimento econômico, num processo democrático com prevalência da livre iniciativa como se define o nosso Brasil.

Construir este equilíbrio não é uma tarefa fácil porque há muitas pessoas que necessitam desesperadamente que as coisas aconteçam. Há também muitas pessoas que reclamam porque as coisas não acontecem e, há ainda aquelas que criticam tudo o que está acontecendo. O anticorpo para evitar que este cenário se consolide como um fracasso, são indivíduos que conseguem superar adversidades e de forma proativa, comprometida e positivista, fazem acontecer. Como diz o amigo Sílvio: “estas pessoas são indispensáveis, são líderes”.

Temos muitos exemplos em nosso país de “cases” que alcançaram excelentes resultados no campo do desenvolvimento, contabilizando grandes e positivas transformações a partir da estruturação de movimentos envolvendo atores que conseguiram unir na base de sustentação da mesa, o tripé governo – setor produtivo –

sociedade organizada, que gerou o equilíbrio e a força para que municípios, microrregiões e estados, superassem dificuldades e produzissem resultados expressivos na direção do desenvolvimento.

Para ilustrar os casos de sucessos a que me refiro, para quem desejar consultar alguma bibliografia a respeito, em nível municipal eu exemplifico com Maringá no Paraná, movimento iniciado com a criação do Codem - Conselho de Desenvolvimento Econômico de Maringá no final dos anos 90. Em âmbito microrregional destaque o Pacto do Novo Cariri, na Paraíba, iniciado no ano 2000 e, em nível estadual, o Pacto para o Desenvolvimento do Ceará, iniciado nos anos 80. Existem muitas outras experiências exitosas que podem ser consultadas a esse respeito. Uma coisa em comum a todas elas é a constatação do envolvimento equilibrado dos que integram o tripé da mesa, na intensidade do que já foi aqui comentado.

Historicamente vimos surgir movimentos em nome da sociedade, que apenas fazem a política do contra, em diferentes correntes. Aqui me ateno a necessidade de consolidarmos mais movimentos institucionalizados, ou não, em nível de Brasil e em particular na Paraíba, mas que estejam movidos

pelo espírito da governança colaborativa, onde a sociedade civil organizada, o poder público e o seguimento produtivo, possam expressar um desejo de futuro em que todos sejam aliados e construam juntos.

Falo de possíveis conquistas que necessitam de anos seguidos de trabalho para que os resultados desejados sejam alcançados e que não se estabeleçam limites temporais atrelados a mandatos de gestores públicos. Devem ser movimentos planejados, com metas de curto, médio e longo prazos. Normalmente, o imediatismo de alguns planos inibe a completude dos resultados. Definir visões com horizontes temporais mais elásticas, em se tratando de desenvolvimento, torna-se fundamental. Nesta linha de abordagem eu me acosto ao pensamento do celebre Peter Drucker, considerado o pai da gestão moderna, quando afirmou: “O planejamento de longo prazo não lida com decisões futuras, mas com o futuro de decisões presentes”.

Fico particularmente esperançoso quando vejo surgir movimentos com propostas de criação ou ressignificação de movimentos e/ou instituições que valorizem este tripé do equilíbrio e força no processo de desenvolvimento.



Ação de quem faz ligações clandestinas afeta os usuários que seguem as normas, já que há riscos de acidentes

Brasil tem prejuízo de R\$ 8 bi por ano com furtos de energia

Dados apresentados pela Aneel indicam que 3% do valor cobrado na tarifa é destinado para cobrir os desvios

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Popularmente conhecido como “gato”, o desvio de energia elétrica ou a adulteração de características dos medidores de energia são crimes previstos pelo Código Penal Brasileiro. Para quem pratica esse tipo de crime o objetivo é reduzir os custos na conta de energia, mas, segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), em dez anos o Brasil registrou uma perda anual de quase R\$ 8 bilhões (cerca de 2 bilhões de dólares), somando uma média de R\$ 80 bilhões de prejuízos em razão do furto de energia ou adulteração do medidor.

O perito criminal da Polícia Civil da Paraíba, Sérgio Maia, explicou como ambos os crimes se constituem. “O primeiro (desvio) utiliza cabos elétricos para desviar energia da rede de distribuição ou de pontos de energia antes do medidor para unidade consumidora, isto é, literalmente desviando a energia para não passar pelo medidor. O segundo (adulteração de medidor) altera dispositivos elétricos/eletrônicos do equipamento para que este meça uma quantidade de energia inferior à quantidade real de energia consumida”, disse.

Os dados da Aneel foram divulgados ano passado, no relatório que contabiliza as perdas de energia entre os anos de 2008 e 2019. De acordo com a agência, os

prejuízos com os desvios de energia considerados como “gato” representaram um custo de R\$ 7,4 bilhões no ano de 2019 para o país. A partir do cálculo com base na metodologia da empresa, ao considerar um custo de R\$ 5,3 bilhões ao ano, esse valor “representa aos consumidores cerca de 3% da tarifa de energia elétrica, variando por distribuidora”, conforme indicou o relatório, mostrando que o consumidor honesto paga a conta.

Legislação prevê crime

O crime de desvio de energia está apresentado no Código Penal no parágrafo 3º do artigo 155, como punição de reclusão entre 1 e 4 anos, sem pagamento de fiança, podendo ser qualificado e obter uma pena maior, de 3 a 8 anos de reclusão. Já o de adulteração do medidor se enquadra no artigo 171 do Código Penal, que relaciona a obtenção de vantagens ilícitas por meios fraudulentos, e a pena é de 1 a 5 anos, sendo crime inafiançável.

Autor do livro “Perícia em Furto de Energia Elétrica”, Sérgio Maia explica o papel do especialista nesse tipo de caso. “O perito criminal deve possuir, além de conhecimentos criminalísticos, também sobre eletrônica e segurança envolvendo eletricidade. O ideal mesmo é que o perito tenha formação em engenharia elétrica, pois os conhecimentos adquiridos nesse

Consumidor flagrado durante fiscalização pode cumprir pena de reclusão, que varia de 1 a 8 anos

curso, combinados com a criminalística, proporcionarão a base científica para identificação do ‘gato’. No local da irregularidade, segundo Maia, o perito deve iniciar avaliando as condições de preservação dos vestígios no local e de segurança para realização de seu exame. “Na sequência, deve detectar a irregularidade e realizar sua identificação, caso exista”, pondera.

O especialista destaca que nem sempre existirá o “gato” e o exame pericial é essencial tanto para defender o acusado, quanto para comprovar o crime de consumo irregular. “Havendo o flagrante, o consumidor já é conduzido preso até a delegacia. Por isso, percebe-se a importância da presença da autoridade policial e de sua equipe durante o exame. Até porque o exame pericial de furto de energia somente é requisitado pelo delegado de polícia, e não pela concessionária, que apenas registra o boletim de ocorrência, provocando a Polícia Civil a abrir uma investigação”, esclareceu Sérgio.



Perdas somam R\$ 131 milhões na PB

Dados da Energisa na Paraíba, responsável pelo fornecimento de energia elétrica do estado, foram registradas cerca de 15 mil irregularidades no ano de 2020, que resultaram em um prejuízo de R\$ 131,3 milhões para a concessionária. Com relação ao estado, foi contabilizada uma perda pela não arrecadação de impostos de R\$ 55 milhões. Ainda de acordo com a concessionária, 2.800 fraudes já foram constatadas esse ano. Essas irregularidades geraram prejuízo de R\$ 14,3 milhões para a Energisa e R\$ 28 mil para o estado.

Em relação aos números da polícia, é possível perceber um aumento das atividades relacionadas a esse

tipo de investigação. Foram realizados, aproximadamente, 16 exames periciais voltados ao furto de energia elétrica em 2016, 64 em 2017, 112 em 2018, e 132 em 2019. “A Polícia Civil aumentou em mais de 800% sua atuação neste período. Esse fato deve-se à incessante qualificação dos peritos da Polícia Científica e a crescente repressão ao crime por parte da Polícia Civil, bem como, pela tecnologia adotada pela concessionária distribuidora de energia elétrica e pela participação da população na denúncia desses crimes”, completou Sérgio.

Os “gatos de energia” são considerados um dos principais vilões responsáveis pelo aumento da tarifa de energia elétrica anualmente. Além disso, também acabam provocando quedas de energia, além dos riscos de choque elétrico, tanto nas pessoas que praticam o crime, quanto para aqueles que podem, de forma inocente, ter contato com o “gato”.

A população pode fazer denúncia anônima em caso de suspeita da realização de desvio de energia ou adulteração de medidor, por meio do número 197 (Polícia Civil), 0800 083 0196 da Energisa, ou através do site <https://www.energisa.com.br/>. Na ocasião, será necessário apenas informar o crime e o local a ser verificado.

Foto: Marcos Pimentel



Perito criminal Sérgio Maia afirma que aumentou o número de investigações, na Paraíba, em relação ao furto de energia elétrica

Situação dos recifes de corais preocupa pesquisadores da PB

Entre março e julho do ano passado, 90% das colônias das praias do Seixas e do Bessa passaram por uma anomalia térmica

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

As altas temperaturas registradas no verão paraibano, assim como o maior fluxo turístico nesta estação preocupam pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com relação à preservação dos recifes de corais no litoral do Estado. Entre março e julho do ano passado, pesquisadores da instituição detectaram que 90% das colônias de corais das praias do Seixas e do Bessa passaram por um processo de branqueamento em razão de uma anomalia térmica de nível 2 - o mais alto na escala da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA). A situação foi avaliada como grave pelos estudiosos.

As duas praias foram escolhidas como campo de estudo porque, segundo a professora Cristiane Sassi, coordenadora do Laboratório de Ambientes Recifais e Biotecnologia com Microalgas (Lar bim) da UFPB, são nesses locais que estão as piscinas naturais mais visitadas no Estado. No final do ano passado, porém, novos mergulhos comprovaram que 42% desses corais se recuperaram, porém, esse processo é considerado lento pelos especialistas, e pode ser retardado ainda mais devido ao calor típico desta época do ano, associado ao possível aumento de degradação por parte de visitantes na orla paraibana.

Especialistas garantem que práticas como pisoteios, batidas de nadadeiras, ancoragem e óleos de barcos em locais inadequados podem tornar essas espécies doentes e até causar seu desaparecimento. A professora Cristiane Sassi, destacou que ainda existe grande preocupação com relação à recuperação dos corais.

“Vimos que 42% dos organismos já se recuperaram, mas isso é menos da metade. Vale lembrar que um dos fatores que ajudou nessa recuperação foi que, no ano passado, em meses como abril e maio, vivemos um isolamento social mais forte em João Pessoa. Teve um período em que as praias ficaram fechadas e isso facilitou o processo. Mas, se este ano houver o turismo desordenado, a situação só piora”, alertou.

Especialistas garantem que práticas como pisoteios, batidas de nadadeiras, ancoragem e óleos de barcos em locais inadequados podem tornar essas espécies doentes e até causar seu desaparecimento



Fotos: Cristiane Sassi

Novos mergulhos comprovaram que 42% desses corais se recuperaram, porém esse processo é considerado lento pelos especialistas e pode ser retardado devido ao calor e possível aumento de degradação

+ Passeios turísticos nas praias do Seixas e Bessa

De acordo com Cristiane Sassi, na praia do Seixas a presença do turismo desordenado é mais antigo comparado ao Bessa. Grupos de visitantes costumam ser transportados via catamarãs - embarcações que podem comportar cerca de 100 pessoas. No Bessa, os passeios são feitos com caiaques (duplo ou simples), conduzindo um número menor de pessoas. “Mas recentemente foi liberado um catamarã no Bessa também. Isso nos traz preocupação. Os corais nas piscinas naturais do Bessa, mesmo apresentando branqueamento, estão mais conservados, as colônias são maiores e existe uma diversidade grande de corais”.

A professora explicou que o branqueamento é um fenômeno natural térmico, provocado pela perda de uma microalga presente no tecido dessas espécies. Essa microalga fornece oxigênio a esses organismos, sendo

responsável também por sua alimentação. Ao ficarem branqueados, os corais se tornam frágeis, susceptíveis a doenças, e as más ações humanas significam perturbações extras. Esse conjunto de fatores pode adoecer e até levar à morte dessas espécies marinhas.

Outras doenças

Durante o estudo, o coral-estrelinha (*Siderastrea stellata*), que é endêmico do Brasil, mostrou-se bastante resistente. Contudo, os hidróides calcários das áreas em estudo apresentaram uma mortalidade de praticamente 100%. Apesar de serem chamados de coral-de-fogo, os hidróides são animais ainda mais frágeis que o coral. Os pesquisadores ainda detectaram outras doenças nas colônias, como a praga branca (white plague) e a varíola branca (white pox).

SAIBA MAIS

Os corais têm beleza exuberante e são fonte de contemplação, mas segundo a pesquisadora e professora da UFPB, Cristiane Sassi, a presença de turistas precisa ocorrer de forma respeitosa. Por isso, ela ressalta que, tanto os órgãos ambientais, como a população devem estar conscientes no sentido da preservação. “Imagine que em um período normal, sem pandemia, uma piscina natural do Seixas, chega a ter 400 pessoas em um único dia no verão. Queremos que essa visitação continue, mas que as futuras gerações possam também contemplar o que temos de belo”, frisou Sassi.

ATITUDES PARA PRESERVAR OS ORGANISMOS MARINHOS:

- Não pisotear os corais
- Não jogar lixo de qualquer espécie no mar
- Não lançar alimentos nas águas das praias
- Responsáveis pelas embarcações devem ancorar na areia

Órgãos atuam na fiscalização do meio ambiente

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), juntamente com Secretaria de Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma-PB), são alguns dos órgãos na Paraíba que atuam na preservação do meio ambiente. Ambos vêm estreitando os vínculos com as prefeituras para realizar uma fiscalização compartilhada, inclusive no que diz respeito ao turismo predatório.

“A Sudema vem aumentando as fiscalizações e desenvolvendo um modelo de fiscalização educativa, por meio da qual se explica ao infrator os danos e consequências de seus atos. A depender da gravidade do crime ambiental cometido, ele pode ser apenas notificado, sem que seja preciso ge-

rar um auto de infração”, afirmou Emanuela Fernandes, bióloga responsável pela Coordenadoria de Estudos Ambientais (CEA), da Sudema.

Segundo a autarquia, existem restrições para visitação apenas em áreas protegidas, como no Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha. Nesse parque, não se pode fazer mergulho autônomo sem prévia autorização dos órgãos dirigentes; realizar caça submarina e pesca, ou portar materiais próprios para estas atividades; abater, capturar, perseguir ou alimentar animais; coletar conchas, corais, pedras, animais vivos ou parte de organismos; acampar, entre outras práticas.

Tais proibições são fundamentadas conforme prevê o

Plano de Manejo da Unidade. As demais Unidades de Conservação marinhas são a APA de Tambaba e a APA do Naufrágio Queimado, enquadradas como sendo Unidades de Uso Sustentável, sendo, portanto, permitidas as visitações, contanto que se respeitem as devidas restrições

Ações educativas

Além do trabalho de fiscalização, a Sudema realiza atividades pedagógicas junto à população, com um projeto permanente de educação ambiental, que é desenvolvido todos os anos durante o verão, época em que o fluxo de turistas nas praias é muito elevado.

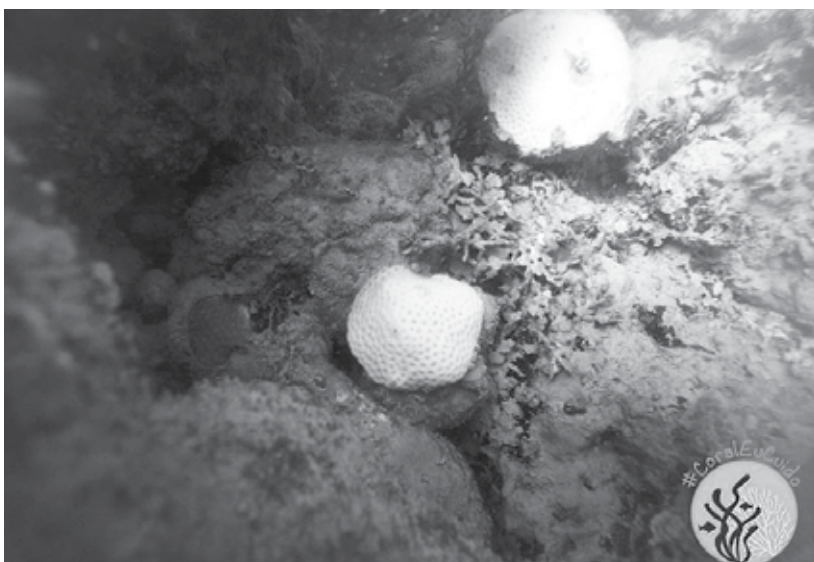
Trata-se do Praia Limpa, que ocorre através de parceria da Coordenadoria de Estudos Am-

TERMÔMETRO AMBIENTAL

Os corais são muito importantes para a natureza e vida na Terra. São fonte de alimento para diversos animais, inclusive peixes de porte comercial. Grande parte do oxigênio fornecido aos seres humanos vem dos mares, boa porcentagem dele, é advinda das microalgas associadas aos corais. A professora e pesquisadora da UFPB, Cristiane Sassi, contou que existem recifes, a exemplo da grande barreira da Austrália, que são construídas unicamente por corais. “Essa estrutura sólida dentro do mar é relevante para reduzir a força das ondas, evitando a erosão marinha”, frisou Sassi. Ela acrescentou que essas espécies são chamados de termômetros do mar, uma vez que, qualquer desequilíbrio ambiental, os corais dão sinal de alerta.

bientais, com a Coordenadoria de Educação Ambiental da autarquia. “Durante as ações nas praias, são distribuídas, aos turistas e banhistas em geral, sacolas biodegradáveis para recolhimento de

resíduos sólidos, ao passo que é feito o trabalho educativo de conscientização. As equipes também realizam uma blitz ecológica com os motoristas, fazendo a distribuição de lixo”, contou Emanuela.



Os corais têm beleza exuberante e são fonte de contemplação, mas, segundo os pesquisadores, a presença de turistas precisa ocorrer de forma respeitosa e consciente no sentido da preservação



Sobe

Mesmo sem público e sem torcida por conta da pandemia, o Brasileirão 2020 vai chegando ao seu final com um saldo bastante positivo, com disputa emocionante pelos primeiros lugares e jogos dramáticos entre os que lutam contra o rebaixamento, numa competição como há muito não se via no futebol brasileiro.

Desce

São muitas as queixas em relação aos profissionais designados para promover a vacinação nos postos de saúde disponibilizados para a população, incapazes de distinguir quem tem ou não direito à imunização dentro dos critérios estabelecidos pela prefeitura. O médico João Medeiros Filho, ex-presidente do CRM e atual presidente da Academia Paraibana de Medicina, teve quase que implorar para ser atendido.

Solidariedade

O presidente Jair Bolsonaro, a quem cabe tomar as decisões do País, anuncia que "acha" que o auxílio emergencial poderá voltar a ser pago pelo Governo, sem precisar a data nem o valor do benefício. Pode isso, Arnaldo?

Solidariedade

A caixa postal e o WhatsApp do médico Antônio Carneiro Arnaud estão abarrotados com as inúmeras manifestações de solidariedade que tem recebido por conta da ação movida pelo Ministério Público solicitando o seu afastamento do Hospital Napoleão Laureano. Com larga folha de serviços prestados à instituição e à saúde da Paraíba, Carneiro tem o apoio dos diversos segmentos da sociedade paraibana. A Justiça Federal rejeitou o pedido.

A sucessora

De acordo com depoimento da desembargadora Fátima Bezerra Cavalcanti, o senador José Maranhão confidenciou, antes de morrer, que gostaria que sua filha Alicinha ocupasse o seu lugar na política paraibana. "Queria que ela fosse a minha herdeira", teria dito o grande líder paraibano. A mãe aprova mas ainda não se sabe o que Alice pensa a respeito. Mas, está feito o desafio.



ELA é um dínamo que em muito lembra a sua amada avó, dona Maria Helena Ribeiro Coutinho, de quem herdou o nome, uma mulher empreendedora e que sempre esteve à frente do seu tempo e foi presença marcante na sociedade paraibana. Assim é **MARIA HELENA MESQUITA**, que se impõe pela sua personalidade forte e inspiradora e que hoje nos contempla com a sua presença bonita e sempre irradiando boas energias.



Dra. Cláudio Studart

"O câncer hereditário é uma realidade que atinge muitas famílias"

Uma das mais respeitadas mastologistas do Brasil, a **dra. Cláudia Studart, diretora da clínica Unimama**, vem realizando aprofundados estudos para identificar a mutação do "câncer hereditário", identificado em inúmeros casos onde os precedentes familiares, mesmo os mais remotos, podem identificar a presença de uma síndrome genética que favorece o surgimento da doença com um percentual preocupante



de 50% de chances de ser diagnosticada. Em entrevista ao programa Vanguarda, na TV Master, a dra. Cláudia contou que esses estudos estão em estágio avançado na comunidade científica internacional e que já é possível afirmar que há uma ligação estreita entre mãe, filha e parentes próximos "que desenvolvem o câncer, de forma precoce, por conta de serem portadores dessa mutação genética.

Empresário Ruy Gaspar, em visita de inspeção ao Hotel Tambaú

"Abandono e falta de manutenção causaram estragos, mas é possível recuperar"



acompanhado de uma equipe técnica de engenheiros e arquitetos, o empresário Ruy Gaspar, líder do grupo A. Gaspar, novos proprietários do Hotel Tambaú, fez ontem a sua primeira visita de inspeção e avaliação do empreendimento que está fechado há quase um ano, período em que esteve sob a gestão de um administrador judiciário responsável pela massa falida. Embora muito deteriorado pela falta de manutenção de muitos dos seus equipamentos, o estado geral do hotel não é tão ruim e o patrimônio, em seu conteúdo, está preservado e pode ser recuperado com os investimentos que serão realizados. A estimativa dos seus novos proprietários é que a reinauguração, já com a nova denominação de Ocean Palace Tambaú Resort, deverá acontecer em outubro deste ano. As obras terão início imediatamente.



(fotos de Roberto Guedes)



14 É hoje!

Aniversariando

Cláudio Lisboa Moreira Filho, Alessandro Arruda, Ângela Célia Henrique Nobre, Edson Cavalcanti

Matias, Eurídice Almeida, Fernando Filho, Gizele Lima, Igor Kawabe, João Batista Gonçalves da Silva, João Enéas Pereira,

Diogenes Sousa Junior

José Maia dos Santos, José Pires Sobrinho Neto, Kintella Junior, Luciana Braga Triplett, Maria Alexina Bezerra Cavalcanti, Maria das Neves Pereira, Maria do Socorro Formiga, Mery Rodrigues, Nirla Aragão, Otanice Farias,

Valdina Luna

Paulo Henrique Gambarra, Raiff Otoniel Carneiro, Ricardo Gomes, Rosali Tarradt Rocha, Tarcisio Marcos Rebouças, Vagner Santos e Waleska Cunha



Estamos prontos para cuidar de você 24H

Urgência & Emergência Cardíaca & Neurológica

Destaca Técnica: Dra. Waleoska Lucena - CRM - 5686



AS DAMAS DA CIDADE BY OSMAR SANTOS

Fatima mendonça marletti Assis

A coluna do Abelardo tem qualidade. E disso nós entendemos muito.

SÃO BRAZ produtos de qualidade



Reflexões atemporais

Os sábios duvidam mais que os ignorantes; daqui provém a falácia destes e a modéstia daqueles.

Marquês de Maricá

Referência mundial

Quem melhor definiu a importância histórica e patrimonial do Hotel Tambaú foi o empresário Ruy Gaspar, novo dono do empreendimento, em conversa com jornalistas:

- No Brasil só existem dois hotéis que são conhecidos no mundo inteiro: o Copacabana Pálice e o Hotel Tambaú cujas imagens percorreram os países dos quatro continentes através dos bilhetes da Varig e das reportagens publicadas em revistas internacionais.

Parece que só os paraibanos, com a sua peculiar baixa estima, é que ainda não descobriram isso.

Lance Livre

O HOSPITAL da Unimed-JP ganhou certificação nacional pelo trabalho realizado em suas Unidades de Tratamento Intensivo.

O NOVÍSSIMO restaurante Marea, do Hotel Oceana, em frente ao Caribessa, promove hoje uma feijoada aberta ao público. Vale a pena conhecer o local que é deslumbrante.

O ARQUITETO e Jornalista Ricardo Castro foi convidado para integrar a equipe que cuidará da reforma do Hotel Tambaú, mas ainda estuda o convite.

A SEGUNDA edição do livro Cesário Alvim 27 - Histórias do Filho de um Exilado, está em fase final de impressão na gráfica Sâmeda, informa o diretor da gráfica Universitária, Natanael Santos.

O BRASILEIRÃO tem hoje dois jogos decisivos para definir o campeão da temporada: Corinthians x Flamengo e Vasco da Gama x internacional.



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

55 ANOS DO HEXA



A equipe que conquistou o hexacampeonato em 1965 ao derrotar o Botafogo. Em pé: Tonho Zeca, Janca, Tícarlos, Zé Preto, Augusto e Ivo; agachados: Zé Luis, Cocó, Ruiter, Araponga e Abelardo

O Campinense foi absoluto e dominou mais da metade da década de 1960 com a conquista de seis títulos estaduais

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.com.br

Aos 20 minutos do primeiro tempo da partida decisiva e acirrada, no dia 19 de fevereiro de 1966, Debinha encontrou espaço onde ninguém encontraria: canto esquerdo da meta do Botafogo-PB, defendida por Fernando. Mesmo sem ângulo, o vice-artilheiro da competição de 1965, que só acabou no ano seguinte, balançou as redes e consagrou o Campinense como hexacampeão paraibano, feito jamais repetido por nenhuma outra equipe, no sexto ano de atuação profissional do clube.

Presente, com a camisa do Rubro-Negro, em cinco das seis conquistas, o capitão do hexa, Zé Lima, à época conhecido como Zé Preto, revela que, até hoje, não sabe como Debinha conseguiu o feito de furar a defesa alvinegra. "Até hoje eu não sei como Debinha conseguiu achar o gol, brinco sempre falando que foi um gol espírita porque não tinha espaço para ele conseguir marcar, não tinha ângulo. O empate dava o título ao Botafogo-PB, ele tentou por cima da risca da área da linha de fundo que não dava para passar ele e a bola, mas ele passou e marcou", revelou o ex-atleta.

A caminhada até a conquista do título de 1965, no entanto, não foi fácil. A Raposa iniciou a trajetória no futebol profissional no ano de 1960, com a inscrição no Campeonato Paraibano. Mesmo com questionamentos ao regulamento, forma da competição e problemas financeiros dos clubes participantes, o Campinense foi o campeão em sua estreia após vencer, de forma invicta, o primeiro turno e o segundo turno com apenas uma derrota. Na época, Zé Lima ainda não defendia as cores da bandeira paraibana, mas lembra que a conquista e, em seguida, a sequência de títulos só foi possível devido a organização da diretoria do clube.

"O Campinense, no meu modo de ver, deu muita sorte porque começou de cima para baixo. Tinha uma diretoria excelente, com muita gente com boa condição financeira que levava o clube muito a sério. E, principalmente, torcedores apoiando, que é o mais importante", afirmou Zé Lima.

No ano seguinte, em 1961, sob o comando do gaúcho Álvaro Barbosa, o Campinense foi campeão ao vencer o rival Treze, levando a torcida rubro-negra a formar um carnaval fora de época na Rua Cardoso Vieira, centro de Campina Grande. E não parou por aqui. Já nos braços da torcida que só crescia, a Raposa manteve a boa fase para o Estadual de 1962, onde foi tricampeão em disputa novamente contra o Galo. Na temporada, o clube chegou a emplacar a sequência de 25 jogos sem perder, conquistou a taça dos torneios Paraíba-Rio Grande do Norte e o de inauguração dos refletores do Estádio da Graça, em João Pessoa. O Campinense ainda foi vice do Torneio Pernambuco-Paraíba no mesmo ano e vice da fase Nordeste da Taça Brasil.

Com o departamento de futebol e rivalidade contra o Treze consolidados, o estadual de 1963 foi, mais uma vez, para o time que ocupa hoje a Bela Vista. Sem muitas surpresas para os torcedores que, antes mesmo da final, já antecipavam as faixas de campeão do paraibano. O título foi confirmado, mais uma vez, no Estádio Presidente Vargas.

"Quem vê de fora hoje, acha que foi fácil. Mas ainda lembro como foi difícil. A sequência [de títulos] contra o Treze e o Botafogo-PB, principalmente. Naquela época a rivalidade era grande demais e se tornava animadora, porque nós [jogadores] nos cuidamos por si próprios. Não tinha treinador ou alguém que falasse para gente dormir cedo, beber pouco. Mas quando era com o Treze, por exemplo, era diferente. A gente começava a se cuidar logo cedo para garantir que estaríamos bem nas partidas. E deu certo", lembrou Zé Lima que ajudou a construir a trajetória do hexacampeonato da Raposa.

Já em 1964, centenário de Campina Grande, o Campinense buscou reforçar o elenco contratando jogadores de João Pessoa. Zé Lima lembra com carinho que a dedicação enquanto atleta foi essencial para a sua manutenção na titularidade no clube. "Para mim é uma grande vitória ter feito parte dessa história. Eu que cheguei de Pernambuco e era de um time amador de Campina Grande, quando fui convidado para fazer uma experiência no Campi-

nense, foi inesquecível. Fui muito disciplinado, fui ficando em campo mais tempo que os outros porque queria demais e trabalhava muito para corrigir todos os meus erros. E então me firmei na equipe. Chegava gente de Recife, Sergipe, Bahia, João Pessoa... e eu continuava titular. Então tenho um orgulho muito grande por fazer parte dessa conquista", declarou.

O elenco formado parava as cidades. Em setembro, o clube foi convidado para a estreia do estádio local na cidade de Arcoverde, em Pernambuco. A edição do impresso Diário da Borborema, de 11 de setembro de 1964, relatava que a cidade decretou feriado municipal para que o Campinense pudesse estreiar na cidade com a festa que merecia.

No Estadual, o time, no entanto, não teve vida fácil. O Treze venceu o primeiro turno e o segundo turno seria complicado para a Raposa devido a carga de jogos fora de casa. Em mais uma decisão entre os maiores, vitória para o Alvinegro no primeiro jogo e para o Campinense no segundo que, mesmo com dez homens após expulsão de Zé Lima, conseguiu virar a vitória de placar simples do rival para 2 a 1.

"A campanha do hexa foi a mais difícil porque houve um racha na diretoria do Campinense, alguns diretores saíram para o Treze junto com jogadores, precisou que o presidente viajasse para Sergipe em busca de novas contratações e acabou que deu certo", destacou Zé Lima.

Para além do racha nos bastidores, dentro de campo a Raposa apresentou uma queda brusca de rendimento. Para tentar corrigir, houve a troca de técnicos durante a campanha, Astrogildo Nery foi substituído pelo húngaro János Tátrai que, em seguida, deu lugar a Pedrinho Rodrigues. No livro "Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na Rainha da Borborema (1954-1965)", da historiadora Giovanna Lopes Marques, ressalta-se que ainda em 1965, mais três técnicos comandaram a equipe: Ibiapino, Rafael Santos e, por fim, Álvaro Barbosa.

Favorito, o Botafogo-PB disputou a final contra a Raposa em um "melhor de três". O primeiro jogo foi de 1 a 0 para o Campinense, o

segundo foi de empate sem gols e o último foi de 1 a 0, com gol "espírita", segundo Zé Lima, de Debinha no Estádio Olímpico de João Pessoa.

A conquista do hexacampeonato, mesmo depois de 55 anos, não foi alcançada por nenhuma equipe paraibana. O único time que se aproximou foi o próprio Campinense, em 1974, quando conseguiu emplacar o tetracampeonato. Nessa época, o antigo Zé Preto, consolidava-se como Zé Lima, treinador da equipe.

Para o ex-jogador e ex-treinador, o feito foi único e não vai se repetir, nem pode ser comparado a outras conquistas do Campinense, a exemplo da Copa do Nordeste. "Eu não acredito que nenhum outro clube vá conseguir essa marca hoje em dia. Porque, primeiro, é muito difícil você conseguir uma diretoria que estrutura tão bem um clube. Não que hoje falte dinheiro, não falta. Mas tem que ser gasto com calma, com pessoas que são conhecedoras do futebol e não qualquer um que gaste todo o dinheiro em jogadores em fim de carreira, bichados. Aí não dará certo nunca. O hexa é histórico, inesquecível e insubstituível. É o maior feito na história do Campinense, com toda certeza é maior que a conquista da Copa do Nordeste, por exemplo", afirmou Zé Lima.

Hoje, aos 80 anos, o ex-atleta trabalha cuidando de um sítio herdado do pai, próximo a Campina Grande. Aguardando ansiosamente a vacina contra a covid-19, Zé informou que já foi contaminado pelo vírus, mas conseguiu vencer mais essa. Consagrado na história do Campinense e com passagens por Sampaio Corrêa-MA, ABC-RN e Treze, encerrando a carreira de jogador aos 31 anos, em 1970. Como treinador, a partir de 1971, Zé Lima fez

parte de 10 dos 11 primeiros títulos do Campinense, o maior período vitorioso do clube. Foram 15 títulos estaduais, sendo nove como treinador. Cinco pelo Campinense (1971 a 1974 e, ainda, 1993), ergueu um Estadual pelo Botafogo-PB (1977), Sousa (1991), Vila Branca de Solânea (1993) e Confiança de Sapé (1997).

Mesmo com o histórico, Zé Lima revelou que encerrou a carreira e precisou se aposentar fora de sua função, treinador, porque os clubes não pagavam as parcelas destinadas ao INSS. Hoje, aposentado, o capitão do hexa relembra a conquista com carinho e acompanha o seu clube do coração de longe, lamentando ainda que os heróis do passado não sejam lembrados no presente. "Às vezes eu comento com os amigos que somos esquecidos. O Campinense, por exemplo, completou 100 anos e nem fomos lembrados. Mas é assim mesmo. Não é por coisas [lembranças físicas] que a gente pode ganhar, falo da história mesmo. De recordar", finalizou Zé Lima.



Foto: Divulgação

Zé Preto, que depois virou treinador, foi um dos destaques da campanha do hexacampeonato. Aos 80 anos, vive num sítio em Campina Grande, herdado do pai

Estádios Almeidão e Amigão liberados para Copa do NE

Sejel entrega formulários ao Ministério Público para a realização das inspeções nos equipamentos do Governo

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Os Estádios Amigão, Almeidão e Perpetão, do Governo do Estado, já podem ser vistoriados pela Comissão de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios da Paraíba. A Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel) já entregou ao Ministério Público os formulários exigidos para a inspeção e confecção dos laudos. Mesmo sem data ainda para a vistoria, estas praças de esportes já estão liberadas para os jogos da Copa do Nordeste e do Campeonato Paraibano, enquanto as partidas forem disputadas sem público.

Assim, a estreia do Botafogo na competição regional diante do 4 de Julho, do Piauí, está devidamente confirmada para o Estádio Almeidão, no dia 27 de fevereiro, às 16h. De acordo com a tabela da fase de grupos da Copa do Nordeste, o Belo sediará quatro jogos. Os outros três serão contra o Sampaio Correa, no dia 13 de março; Ceará, no dia 25 de março e Confiança, no dia quatro de abril.

O mesmo acontecerá com os jogos do Treze nos dias 6 de março, contra o Altos-PI; ABC-RN, no dia 20 de março; Botafogo, no dia 28 de março; e Sport-PE, no dia 10 de abril.

A primeira fase está agendada para terminar em



O Estádio Almeidão, em João Pessoa, já está liberado pelo Ministério Público para receber jogos sem a presença de público com a estreia marcada para o dia 27 de fevereiro entre Botafogo e 4 de Julho-PI

abril, quando serão divulgados os oito classificados para as quartas de final. O Ceará é o atual campeão da Lampions League.

Estádios no interior

As prefeituras de Sousa e de Patos, responsáveis respectivamente pelos Estádios Marizão e José Cavalcanti, ainda não apresentaram os formulários, e por enquanto, não podem sediar jogos com

público e nem receberem vitorias, até a situação ser resolvida. "O prazo é muito grande para que as prefeituras possam finalmente resolver a situação, já que não há previsão para o início da flexibilização que dê direito à realização de jogos com torcida", disse o promotor do MP, Valberto Lira, que é o presidente da comissão.

Em relação ao Estádio Presidente Vargas, em Cam-

pina Grande, que pertence ao Treze, a condição é a mesma, mas a responsabilidade da entrega dos formulários será da diretoria do Galo, para que então seja feita a vistoria, a aprovação dos laudos e a consequente liberação para jogos com torcida.

Laudos

O tenente-coronel Otávio José de Melo Ferreira, presidente da Comissão para

Elaboração dos Laudos de Segurança, no âmbito da PM, informou que os laudos de segurança de todos os estádios estão vencidos. Os últimos foram elaborados no final de 2019 e início de 2021, tendo como prazo de validade um ano. Ele também ressaltou a importância do envio das informações do questionário.

O tenente-coronel Nazareno Oliveira, diretor de Atividades Técnicas do Cor-

po de Bombeiros, enfatizou a missão de zelar pela incolumidade física dos torcedores. Ele informou que, em 2020, houve um grande passo com a elaboração dos projetos de combate à incêndio dos estádios. Até o momento, os projetos dos Estádios Almeidão, Amigão, Perpetão (Cajazeiras), de Cruz do Espírito Santo e de Patos estão aprovados e o do Marizão, em Sousa, está em tramitação.

Basquete Unifacisa dá uma pausa no NBB

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

Com 12 vagas em disputa para os playoffs do NBB, a Unifacisa, representante da Paraíba na principal competição de basquete do Brasil, está bem próxima de garantir a sua classificação para o mata-mata decisivo da Liga, no entanto, a 9ª colocação, posição atual na tabela de classificação está abaixo do projetado para a equipe que esperava brigar entre os seis primeiros. Com 21 jogos já disputados na atual temporada (2020/2021), o time de Campina Grande ainda tem mais nove partidas para realizar e, se quiser chegar mais perto dos líderes, precisará lidar com a inconstância de seus resultados para buscar uma posição melhor.

Em 21 jogos, o Basquete Unifacisa venceu 10 jogos e perdeu 11, portanto, faz uma campanha negativa, mas que pode ser revertida. Para tal, o time não pode mais vacilar e precisa encontrar um caminho de maior constância em termos de resultado dentro da competição que permitam sequências de vitória - algo que

só ocorreu três vezes em toda a disputa - para que o time possa subir na tabela de classificação.

Com 47,6% de aproveitamento na temporada, o time paraibano possui o mesmo rendimento que o Corinthians, décimo colocado, nessa temporada do NBB, porém, a equipe tem vantagem nos critérios de desempate e não pode tropeçar para não perder mais posições na classificação.

Se os playoffs fossem começar hoje, o time paraibano enfrentaria, na primeira rodada, o Fortaleza, time que está na oitava colocação e que, nos dois jogos que disputou contra o time paraibano, foi derrotado, incluindo a última rodada onde a Unifacisa bateu o time cearense por 87 a 75. No entanto, essa é uma situação de momento e que pode ser rapidamente de forma positiva - caso o time obtenha bons resultados nas próximas rodadas - ou negativa - em caso de novas derrotas, pois o time está, por exemplo, abaixo do Mogi (6º colocado) e acima do Pato Basquete (10º) por uma diferença de apenas 5% de aproveitamento.

Na última quinta-feira, a equipe paraibana venceu o Fortaleza por 87 a 75 pela Liga Nacional



O próximo compromisso do time paraibano agora será no próximo dia 24 quando enfrentará na bolha de Mogi das

Cruzes-SP a equipe do Caxias do Sul (15º colocado). Na mesma bolha, o Basquete Unifacisa ainda enfrentará o Clube Pi-

neiros (13º) no dia 26 e o Mogi no dia 28 deste mês. Uma sequência de vitórias nesses embates pode ser decisiva para a

equipe, pois tratam-se de dois adversários que hoje estariam fora dos playoffs e um competidor direto na parte de cima da disputa.

Foto: Divulgação

Foto: Gabriel Costa/LNB

Cafu,
Pentacampeão mundial com a Seleção Brasileira de Futebol

“Futebol brasileiro parou no tempo há 20 anos”



Foto: Divulgação/Catar

Ex-jogador diz que os times nacionais precisam voltar a ser competitivos e superar o medo de enfrentar grandes adversários

Ciro Campos
Agência Estado

O ex-lateral Cafu afirmou que os clubes brasileiros e dos demais

países sul-americanos precisam reagir para combater o domínio europeu no Mundial de Clubes. Em entrevista exclusiva ao Estadão, o capitão da seleção brasileira no tí-

tulo mundial de 2002 avalia que os times nacionais precisam voltar a ser competitivos e superar o medo de enfrentar grandes adversários. Aos 50 anos, Cafu tem traba-

lhado como embaixador da Copa do Catar e garante que o Mundial de 2022 será interessante por dispensar a necessidade de viagens. Pelo país ser pequeno, o torcedor

poderá ver mais de um jogo no mesmo dia e os atletas não vão mais se desgastar com voos e trocas de hotéis. Confira como foi a entrevista:

A entrevista

Por que os sul-americanos não ganham mais o Mundial de Clubes?

A gente parou de jogar. Por isso agora o futebol europeu está deitando e rolando. O futebol europeu agora leva o Mundial com muito mais seriedade. Eu vi isso quando estava no Milan. Tivemos a oportunidade de estar no Mundial. Eu joguei contra o Milan quando estava no São Paulo e depois joguei pelo próprio Milan contra o Boca Juniors, da Argentina. Nesse período agora, os times europeus dão muito mais importância ao Mundial de Clubes do que davam antigamente. Isso é fato. Eu vi isso quando fomos jogar. Eles levam muito mais à sério e quando isso acontece, o chicote começa a estalar para o nosso lado. Mas isso não impede que um time venha concentrado e ganhe de um europeu.

E o que deve ser feito para o futebol brasileiro mudar isso?

Nós paramos no tempo há muitos anos. Falo isso com dor no coração. Eu sou patriota, brasileiro, amo futebol, discuto futebol e sempre quero que o futebol brasileiro seja competitivo e esteja apto a competir com todos os grandes times do futebol europeu. Mas infelizmente paramos no tempo há uns 20 anos. Temos de resgatar isso novamente. E isso já está acontecendo com os grandes jogos que estamos fazendo. Temos de trazer de volta a alegria de jogar futebol.

Qual a receita para um time sul-americano superar um europeu em um Mundial?

O medo de perder tira a vontade de ganhar. Não pode entrar com medo. Tem de saber o seu potencial. É preciso enfrentar o adversário de igual para igual e fazer com o que ele te respeite desde o começo do jogo. Assim que começa, já vai para cima, ataca, mostra que quer ganhar.

O que mais te impressiona no Bayern de Munique?

O conjunto do Bayern é impressionante. Você pega o Müller, por exemplo. Alguns falam que ele está velho, mas quando ele entra, é um cara que administra o jogo, pensa, domina, toca e faz o gol. O conjunto do Bayern é muito bom e até lembra o nosso São Paulo de alguns anos atrás, dos tempos do Telê Santana. O nosso time tinha um elenco forte, com jogadores experientes. Aí chegou o Toninho Cerezo, que todo mundo achou que estava velho, mas foi de extrema importância e ganhou título. O time do Bayern é a mesma coisa. Mescla a juventude com a experiência. Isso tá dando certo. No time deles todo mundo faz gol, todo mundo marca, todo mundo joga...e quem entra não faz ninguém sen-

tir saudades do companheiro que saiu. O conjunto do Bayern é muito forte.

O Brasil vive a era do sucesso de treinadores portugueses. Como você vê essa tendência?

Sempre que chegam ao Brasil treinadores e jogadores que trazem benefícios ao futebol brasileiro, isso é ótimo. O nosso futebol foi um dos maiores exportadores de craques e de treinadores para o mundo inteiro. Agora é o oposto. Estamos trazendo treinadores de outros países. No Flamengo e no Palmeiras isso deu certo. Mesclar essa experiência com outros treinadores que têm uma visão de futebol e de jogo em uma maneira diferente, isso é legal. Não por acaso os resultados vieram com o Jorge Jesus e o Abel Ferreira.

Como embaixador da Copa, o que mais tem chamado a atenção nesses preparativos?

Os estádios, sem dúvida. São impressionantes. Tem estádios com suítes, como se você estivesse em um hotel. A varanda do quarto dá para dentro de um campo de futebol. Então, você vai poder se hospedar dentro do estádio, com ar condicionado em todos os lugares. A facilidade do torcedor poder acompanhar dois ou três jogos

no mesmo dia é incrível. É um país em que você não precisa viajar, trocar de hotel, pegar avião ou outro tipo de transporte. É muita praticidade. Tudo fica perto. Mas para mim a modernidade dos estádios é o destaque.

Não precisar de viagem ajuda também os jogadores?

É benéfico não só para os jogadores, mas para os torcedores também. Todo mundo vai se aproveitar disso, mas os jogadores também. Você ter de sair de uma cidade, vai para outra, pega um voo de três horas, muda de hotel, muda de local de treino, muda o estilo do gramado... isso atrapalha um pouco. E isso atrapalha também a torcida. Aqui todo mundo vai poder ficar hospedado 45 dias em um único lugar e com todos os jogos em estádios próximos. Isso traz um benefício para todo mundo.

Você no Catar acompanhou de perto o Palmeiras. Quais as suas lembranças do tempo que jogou pelo clube?

Joguei em um timaço. Fiquei lá de 1995 a 97. Até na época a torcida costumava apostar de quanto nós ganharíamos os jogos. Infelizmente, aquele elenco ficou pouco tempo junto. Cada jogador foi para um lado. O time não teve condições de jogar por mais tempo juntos, se não daria muito mais trabalho ainda.

“O medo de perder tira a vontade de ganhar. Não pode entrar com medo. É preciso enfrentar o adversário de igual para igual e fazer com que ele te respeite desde o começo do jogo”

Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo



Internacional e Flamengo na briga pela liderança



Colorado pega o Vasco da Gama em São Januário, e o Rubro-negro enfrenta o Corinthians no Maracanã

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

O domingo promete ser de grandes emoções na parte de cima e de baixo da tabela, afinal o Campeonato Brasileiro da Série A está entrando nos seus momentos finais a três rodadas de sua conclusão. E os olhares, pela TV, e ouvidos, ligados no rádio, estarão atentos na cidade do Rio de Janeiro, onde acontecem dois jogos que podem nortear os favoritos ao título, já que Internacional, o líder, separado do Flamengo, vice-líder, por apenas um ponto, jogam neste domingo, no mesmo horário, mas com adversários diferentes.

O Internacional vai ao "caldeirão" de São Januário que vai estar fervendo neste domingo, a partir das 16h, enfrentar o Vasco, equipe que abre a zona de rebaixamento e que precisa pontuar a todo custo para lutar nas duas últimas rodadas pela permanência na Série A. Inclusive, na última sexta-feira, a alta cúpula do time vascaíno se reuniu com o objetivo de traçar um plano emergencial de 15 dias para se livrar do rebaixamento e uma vitória diante do Internacional é encarada como obrigação.

Este ano, o Vasco só conseguiu duas vitórias, sendo uma diante do Botafogo por 3 a 0 e outra diante do Atlético Mineiro por 3 a 2, ambas no Rio de Janeiro e acumula derrotas para Flamengo, Bragantino e Fortaleza, além dos empates com Palmeiras, Bahia e Atlético de Goiás. Disputou 24 pontos e só conseguiu nove pontos, um péssimo aproveitamento.

Já o Internacional que vinha de uma sequência de 12 jogos sem perder - 10 vitórias e dois empates - caiu em casa no meio de semana na derrota de 2 a 1 para o Sport e viu a sua vantagem de quatro pontos para o segundo colocado cair para apenas um. Para piorar perdeu o seu principal jogador, Patrick, que levou o terceiro amarelo, as voltas de Moisés e Thiago Galhardo animam o técnico Abel.

Em três oportunidades no Brasileirão de 2020, o Flamengo já teve oportunidade de assumir a liderança, mas sempre cassou no seu objetivo. Hoje, a partir das 16 horas, no Maracanã, diante do Corinthians, precisa vencer para seguir sonhando com o bicampeonato e torcer por um troçoço do Inter diante do

Vasco para assumir a ponta. Será o centésimo jogo de Arrascaeta no clube e ele se mostra ainda mais motivado para conquistar uma vitória. Diego Ribas está de volta depois de cumprir suspensão e a dúvida de Rogério Ceni será na defesa, já que existe a possibilidade de Rodrigo Caio ser aproveitado.

No Corinthians, o técnico Wagner Mancini tem falado nas entrevistas que seu time vive um momento diferente na competição, não só pela briga por vaga na Libertadores como o fato

de enfrentar nas últimas rodadas os dois candidatos ao título, o Flamengo, hoje, e o Internacional na última rodada. Na oitava posição com 49 pontos, o alvinegro não quer atrapalhar os adversários, mas sim ir em busca de seu principal objetivo.

Outro clube com poucas chances de título é o São Paulo, que ainda não venceu em 2021 e vai ter

uma parada dura contra o Grêmio, em Porto Alegre, revivendo as semifinais da Copa do Brasil, quando o time paulista foi eliminado. O jogo na Arena do Grêmio começa às 20h30.

Quem está de volta à competição é o Palmeiras depois do grande fracasso no Mundial de Clubes. Vai jogar em casa diante do Fortaleza às 18h15, com o objetivo de conquistar uma

vitória para esquecer as derrotas no Catar e se preparar com vistas a decisão da Copa do Brasil, diante do Grêmio, nos dias 28 de fevereiro e 7 de março, com o primeiro jogo em Porto Alegre. A rodada de hoje ainda terá Athletico-PR x Atlético-GO às 18h15, na Arena da Baixada e fecha amanhã, no Castelão, às 18h, com Ceará e Fluminense.

Depois de retornar do Catar, onde disputou o Mundial de Clubes, o Palmeiras volta a jogar pelo Campeonato Brasileiro neste domingo contra o Fortaleza

de enfrentar nas últimas rodadas os dois candidatos ao título, o Flamengo, hoje, e o Internacional na última rodada. Na oitava posição com 49 pontos, o alvinegro não quer atrapalhar os adversários, mas sim ir em busca de seu principal objetivo.

Outro clube com poucas chances de título é o São Paulo, que ainda não venceu em 2021 e vai ter

uma parada dura contra o Grêmio, em Porto Alegre, revivendo as semifinais da Copa do Brasil, quando o time paulista foi eliminado. O jogo na Arena do Grêmio começa às 20h30.

Quem está de volta à competição é o Palmeiras depois do grande fracasso no Mundial de Clubes. Vai jogar em casa diante do Fortaleza às 18h15, com o objetivo de conquistar uma

vitória para esquecer as derrotas no Catar e se preparar com vistas a decisão da Copa do Brasil, diante do Grêmio, nos dias 28 de fevereiro e 7 de março, com o primeiro jogo em Porto Alegre. A rodada de hoje ainda terá Athletico-PR x Atlético-GO às 18h15, na Arena da Baixada e fecha amanhã, no Castelão, às 18h, com Ceará e Fluminense.

Depois de retornar do Catar, onde disputou o Mundial de Clubes, o Palmeiras volta a jogar pelo Campeonato Brasileiro neste domingo contra o Fortaleza

de enfrentar nas últimas rodadas os dois candidatos ao título, o Flamengo, hoje, e o Internacional na última rodada. Na oitava posição com 49 pontos, o alvinegro não quer atrapalhar os adversários, mas sim ir em busca de seu principal objetivo.

Outro clube com poucas chances de título é o São Paulo, que ainda não venceu em 2021 e vai ter

JOGOS DE HOJE

- 16h
Flamengo x Corinthians
Vasco x Internacional
- 18h15
Palmeiras x Fortaleza
Athletico-PR x Atlético-GO
- 20h30
Grêmio x São Paulo

AMANHÃ

- 18h
Ceará x Fluminense

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



Depois de retornar do Catar, onde disputou o Mundial de Clubes, o Palmeiras volta a jogar pelo Campeonato Brasileiro neste domingo contra o Fortaleza



André Resende
andreolimpio89@gmail.com

As sacadas dos casarões deram lugar às fachadas das lojas. A descida, antes feita por carros abertos com pessoas fantasiadas, chamados de corso, sequer é feita por veículos. Restou muito pouco na Avenida Duque de Caxias, no Centro de João Pessoa, que remeta aos antigos carnavais tradicionais entre 1940 e 1950. Conhecida contemporaneamente por uma das maiores festas de pré-Carnaval com o Folia de Rua, a capital já foi palco de grandes mobilizações carnavalescas no século passado.

O historiador José Octávio de Arruda Melo, autor de "Uma Cidade de Quatro Séculos", dentre outros títulos, conta que os carnavais da Duque de Caxias congregavam foliões de todas as classes da sociedade pessoense. "Pessoas mais pobres, da classe média, até os aristocratas participavam, o desfile do corso animava o carnaval, os mais ricos promoviam o corso, os mais pobres aguardavam a descida no meio da avenida. Era um carnaval popular em sua essência", relembra o historiador.

Muitas particularidades justificaram o sucesso do Carnaval da Duque de Caxias. Naquela época, dois dos principais clubes sociais da cidade, Clube Astréa e o Esporte Clube Cabo Branco tinham prédios na avenida, e ambos promoviam orquestras que desfilavam pela avenida. As subidas e descidas do corso na rua estreita, com os foliões dividindo o espaço, as famílias nas janelas dos casarões. As condições favoreciam as festas, uma atmosfera que é vista até hoje, por exemplo, nas ladeiras de Olinda, em Pernambuco.

José Octávio lembra também que as brincadeiras eram também regadas a lança-perfume, período em que o "porre" era liberado naquele tipo de manifestação popular. Ele lembra, a partir do livro escrito pelo jornalista falecido no ano passado, Wills Leal, cujo título é "Nos tempos do lança-perfume", que a proibição do uso, em 1961, por Jânio Quadros, foi determinante para que o carnaval da Duque de Caxias começasse a perder força.

"Em meio ao 'povão' que ficava no meio da avenida, entre as idas e vindas do corso, às ondas feitas pelo desfile das orquestras dos clubes, a festa era muito animada pelo lança-perfume. A proibição fez com que, além de uma soma de fatores, como a mudança do carnaval para a Lagoa, fizesse o carnaval perder sua força", comenta José Octávio de Arruda Melo.

"Na Duque de Caxias, as pessoas seguiam das imediações de onde funcionou o Jornal A União até o largo do Convento de São Francisco. O aperto, a aglomeração, tudo isso era determinante para que o corso fosse um sucesso", descreve o historiador.

As festas populares do Centro da capital costumavam ir até por volta das 18h. Depois desse horário, os foliões se deslocavam para bairros vizinhos, como Jaguaribe, Cruz das Armas e Varadouro. Clubes como o Internacional de Cruz das Armas e os Piratas de Jaguaribe eram alguns que animavam os foliões vindos do corso, como recorda José Octávio de Arruda Melo. Os clubes de bairro tinham apelo popular, mas não tinham o prestígio dos grandes clubes da aristocracia paraibana. Após o apogeu do carnaval da Duque de Caxias, os bailes dos clubes tradicionais, as festas do Clube Astréa e Esporte Clube Cabo Branco eram espetáculos à parte.

Carnavais de sempre

A folia não é mais a mesma nas ruas de João Pessoa, mas a memória guarda as melhores lembranças das festas de antigamente, a alegria encontra seu espaço e é reinventada a cada ano

Foto: Arquivo A União



Aristocratas e todas as classes se encontravam pelas ruas do Centro de João Pessoa. Festa subia as ruas no corso e continuava nos clubes dos principais bairros da capital

Memórias dos antigos carnavais de JP

Foto: Arquivo A União

O antigo desfile do corso da Duque de Caxias dos anos 1940 e 1950, chegou a ser revivido em carnavais posteriores. O advogado Marcos Pires, que tem uma história familiar com o Carnaval. Herança do avô, Manoel dos Anjos, um dos criadores dos Piratas de Jaguaribe, lembra que nos anos de 1960 até o início dos anos de 1970, os jovens da época recriaram o corso na própria Duque de Caxias, quanto na Lagoa do Parque Solon de Lucena.

"Depois de irmos à matinal da AABB, íamos para casa colocar a "roupa de guerra", e brincar no corso, que era geralmente um carro tipo jipe sem portas, que ficavam contornando a Lagoa, subindo até a Primeira Igreja Batista, depois descíamos e o percurso era repetido. Todo mundo brincava sem brigas, era um Carnaval muito bom", conta o eterno folião.

Depois das brincadeiras do corso, com a chegada da noite, os foliões retornavam para casa para vestir suas fantasias e ir para algum dos principais bailes da cidade, geralmente no Clube Astréa ou no Clube Cabo Branco. Marcos conta que, por morar no bairro do Miramar, frequentava o Cabo Branco, muito embora também fosse sócio do Astréa.

"Essa coisa de rivalidade na minha época não tinha mais, a gente ia para os dois clubes. Para outros até, como o Jangada, o late, naqueles tempos, a gente tinha uma programação completa para brincar Carnaval", relembra.

A jornalista Messina Palmeira era outra contemporânea de Marcos Pires nos bailes do Cabo Branco. Ela relata que, juntamente com seus seis irmãos, costumava passar o dia



Desfiles do corso animavam os anos 1940 e 1950 e foram revividos em décadas posteriores

no clube, tanto que seus pais brincavam que ela morava no Clube Cabo Branco e passava férias em casa. "Os bailes do Cabo Branco eram um espetáculo à parte, as ornamentações eram lindas, vinham profissionais de outros estados cuidar dos detalhes. Fazia com que a gente tivesse gosto e cuidado com as fantasias para cada um dos dias", recorda.

As lembranças dos tempos dourados do Carnaval da capital trazem também um recorte da configuração social da cidade. Marcos e Messina são uníssonos em citar que a violência não era

vista nem nos carnavais de rua, nem nos bailes de clube. "Muita gente voltava tarde a pé para casa, a gente não via violência, não se preocupava com o abuso por parte dos rapazes, a gente brincava carnaval, mas sempre havia respeito", enfatiza Messina Palmeira.

Os clubes sociais

O esvaziamento do Carnaval de Rua de João Pessoa coincide com o auge do Carnaval de baile dos clubes, em meados do fim da década de 1950 e início dos anos de 1960. O Clube Cabo Branco, sediado inicialmente em Jagua-

ribe, promoveu a maior parte dos bailes de carnaval para as camadas mais altas da sociedade paraibana antes mesmo do declínio do corso. Essa configuração perdurou por décadas, mesmo com a mudança da sede do clube para o bairro do Miramar.

O Clube Astréa, que chegou ao seu auge já com a sua sede no Tambiá, também promovia grandes bailes para seus associados. José Octávio de Arruda Melo conta que nos primórdios havia um clima de rivalidade, muito por conta dos contextos políticos nos quais os dois maiores clubes da capital estavam inseridos.

"Enquanto o Astréa tinha uma ligação muito mais forte com a UDN [União Democrática Nacional], o Cabo Branco tinha uma relação estreita com o PSD [Partido Social Democrático]. De fato era visto um clima de rivalidade, mas não era de animosidade, tanto que associados de um clube frequentavam o outro", ressaltou o historiador.

Outros clubes nascidos pelos anos de 1950, como a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), na Avenida Pedro II, e outros nas décadas seguintes, como o Jangada Clube, no bairro de Cabo Branco, e late Clube, no bairro do Bessa, deram fôlego aos bailes de carnaval que seguiram seu apogeu até o fim da década de 1970.

Rememorar os carnavais antigos, seja a partir das pesquisas do historiador José Octávio de Arruda Melo, seja pelas lembranças dos foliões Marcos Pires e Messina Palmeira, é resgatar a memória social da capital paraibana. Antes de se tornar a cidade do pré-carnaval, período que antecede um vazio nas ruas em que só restam as munições, a capital paraibana foi dona de carnavais que uniam pobres e ricos embalados pelas marchinhas e pela alegria.

Nauda de Abreu

Uma voz rompendo tabus nas ondas do rádio

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

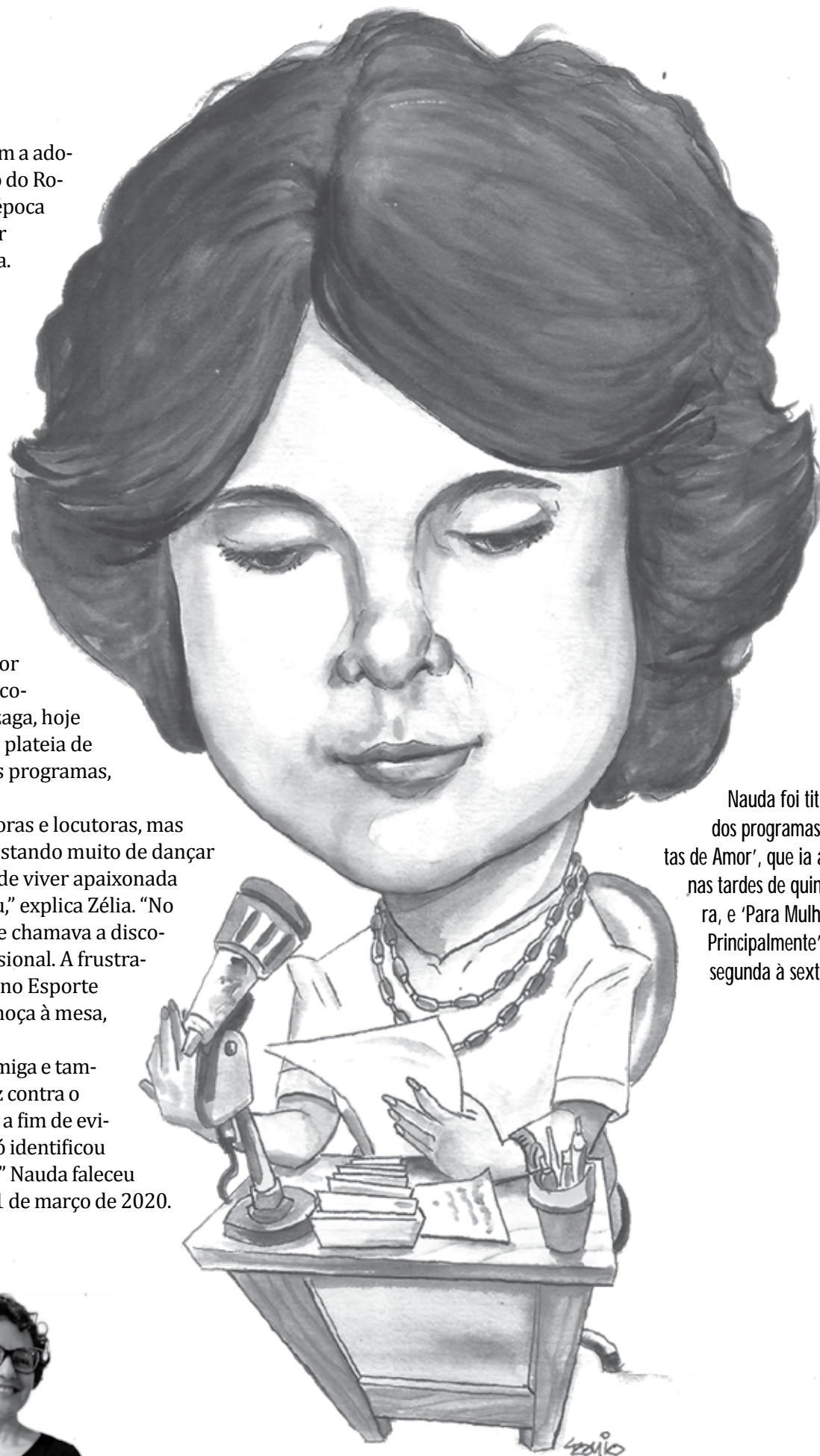
Ela foi registrada como Maria Avani Rego, mas ficou conhecida com a adoção do pseudônimo profissional Nauda de Abreu. Ela nasceu no bairro do Roger, em João Pessoa, no ano de 1931. E foi a voz feminina que marcou época na radiofonia paraibana, sendo a segunda mulher pessoense a assumir os microfones de uma emissora, enfrentando os preconceitos da época. A princípio, conseguiu emprego na Arapuan AM, como discotecária. Depois, tentou ser cantora, mas firmou-se mesmo como locutora, em 1951, substituindo Jaira Maia, a primeira voz radiofônica feminina da Paraíba, descoberta pela Rádio Tabajara. Jaira deixava, então, a Arapuan, após uma passagem meteórica, e retornava à emissora oficial.

Na Arapuan, Nauda foi titular dos programas 'Cartas de Amor', que ia ao ar nas tardes das quintas-feiras, e 'Para Mulheres Principalmente', das segundas às sextas, a partir das 15 horas. Começou na Arapuan AM de João Pessoa, aos 20 anos de idade. Após manter-se, por seis anos, como discotecária, dando exemplo de organização na etiquetagem e seleção de discos, foi promovida a locutora, por meio de teste. Sua voz doce, segundo comenta a radialista-cantora Zélia Gonzaga, hoje residente no Paraná, conquistou uma plateia de ouvintes, que se tornou cativa de seus programas, no período de 1960 a 1980.

Com receio do preconceito da família, Maria Avani Rego adotou um pseudônimo para exercer a profissão que muito desejava

Zélia e Nauda só tinham em comum o fato de ambas serem cantoras e locutoras, mas eram diferentes em tudo. "Eu paquerava muito e era extrovertida, gostando muito de dançar e de ir às festas. Nauda era introvertida, quieta ao extremo e, apesar de viver apaixonada eternamente por um homem cuja identidade não dizia, ela não casou," explica Zélia. "No meio de tantos homens na Arapuan, era tratada com muito respeito e chamava a discoteca de 'a filha que eu não tive', por dedicar-lhe zelosa atenção profissional. A frustração sentimental de Nauda aconteceu durante um baile carnavalesco no Esporte Clube Cabo Branco, onde avistouse seu príncipe encantado com uma moça à mesa, trocando carinhos apaixonados".

Ao aposentar-se, em 13 de abril de 1983, Nauda confidenciou a amiga e também radialista Irece Botelho, que conseguira vencer uma batalha feroz contra o preconceito, por ter sido forçada a adotar pseudônimo como locutora, a fim de evitar críticas. "Eu trabalhava nesta profissão escondida da família, que só identificou minha voz no rádio muitas semanas após eu ser admitida na Arapuan." Nauda faleceu no Hospital Metropolitano D. José Maria Pires, em Santa Rita, no dia 21 de março de 2020.



Nauda foi titular dos programas 'Cartas de Amor', que ia ao ar nas tardes de quinta-feira, e 'Para Mulheres Principalmente', de segunda à sexta

Reconhecimento de colegas e admiradores da radialista

É possível que muitas pessoas não tenham conhecido a voz de Nauda de Abreu apenas pelas ondas do rádio. Era também dela a voz da mensagem eletrônica quando discava-se para a Telpa - Empresa de Telecomunicação da Paraíba - solicitando informações.

O jornalista Petrônio Souto registrou, na data em que faleceu Nauda, uma homenagem no blog Os Guedes: "Ela era considerada a Íris Lettieri paraibana. Quando discotecária, me ajudava com a sua memória exata, por isso devo a ela parte da minha lembrança musical".

O locutor Airton José, conhecido por "Bolinha" (in Memoriam), costumava dizer que a discoteca da Arapuan, na gestão de Nauda, por sua organização, podia ser considerada ao arquivo do Museu Nacional.

O jornalista, radialista e cineasta Jurandi Moura (in memoriam), na época em que foi diretor artístico da Rádio Arapuan, confiava em Nauda de olhos fechados. "Para adquirir um disco de lançamento eu pedia para ela ir buscar onde existisse e solicitava que o ouvisse. Se Nauda dissesse que era bom, eu não me dava ao trabalho de confirmar, pois seu gosto musical era esmeradíssimo", confessou ele, anos atrás, a este repórter.

Conheci Nauda, pessoalmente, na década de 1970, ao levar minha

banda, a Gemini VI, para tocar no terraço externo da Arapuan, durante um evento. Ela e o baterista Mário Fernando Saraiva, criaram uma amizade sólida, pois ambos gostavam da música "A Lenda de Xanadu", gravada, na Inglaterra, pelo grupo musical de Dave Dee.

"Nauda chegou à radiofonia paraibana num momento em que era tabu a participação de mulheres ao microfone, pois a oportunidade de locução era concedida, preferencialmente, aos homens. A sua tenacidade profissional levou-a a brilhar ao lado de outros nomes femininos da época, que com suas vozes encantaram os ouvintes: Zélia Gonzaga, Irece Botelho, Ana Paula e Jaira Maia," lembra o escritor e jornalista Gilson Souto Maior, autor de livros sobre a história do rádio e da televisão na Paraíba.



Nauda faleceu em 21 de março de 2020, tendo gravado seu nome na radiofonia paraibana com a voz e com a seleção musical que fazia nas rádios

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Cinco dicas para o repórter de cultura dominar a pauta

André Cananéia, a quem eu gosto de chamar de Canícula, é hoje o gerente-executivo de Mídia Impressa deste jornal A União. Fomos contemporâneos na época da graduação e depois dividimos plantões, madrugadas, risos e páginas lindas, perfeitamente editadas por ele no caderno de cultura.

Foi justamente a Canícula (Cana para alguns) que recorri quando precisei listar quais seriam os cinco atributos do jornalista de cultura:

1. Ter afinidade estreita com cultura, arte e entretenimento (gostar de ouvir música, de ir ao cinema, frequentar teatros e bibliotecas, conversar bastante com pessoas do meio);
2. Ser um bom leitor, um espectador de sentido aguçado, um ouvinte atento;
3. Ter bastante informação na área a ponto de ter um ótimo senso crítico;
4. Conhecer grandes obras e os grandes nomes de cada área - em especial, a cultura do próprio Estado e da cidade onde vive;
5. Especializar-se em uma área

(Ex.: cinema, literatura, artes visuais, teatro, quadrinhos etc.). Ser especialista em uma área leva o jornalista a transitar bem pelas demais.

Quando pedi a lista acima a Canícula, lembrei-me também de uma frase que li em uma revista antiga e que sempre sorrio quando a leio: "Qual a semelhança entre um ginecologista e um repórter de cultura? Eles trabalham onde os outros se divertem".

Já pensou o que é ter que ver um filme sempre com a mente em frenesi, analisando planos, roteiro, interpretações dos atores? Ou ler uma obra sem conseguir embarcar na fruição do enredo, por que fica o tempo inteiro pensando em fluxo da consciência e foco narrativo? Sim, repórteres e editores de cultura passam por isso. Claro que, em algum momento, criam formas de se desligar (eu imagino). Mas a analogia entre o ginecologista e o repórter de cultura serve para nos mostrar que, na redação, nem sempre tudo é festa.

A pauta divertida, que empolga e rende capa, não será sua todos os dias.



Cananéia defende que jornalista de cultura deve ser um bom leitor, ter sentido aguçado e ouvido atento

Haverá expediente (e serão muitos) com muito "bagulho", digamos assim. Na verdade, se eu fosse escrever aqui a máxima tantas vezes ditas na redação para esse tipo de situação, meu querido André Cananéia não deixaria que esta coluna fosse publicada...

Frases ou histórias impúblicas à parte, lembro ainda que sempre vejo semelhanças entre as equipes de cultura e esportes. São profissionais que vivem e respiram a área em que trabalham muito mais do que outros colegas. Produzem seus textos, imagens e resenhas

também como fãs. Torcem por seu time (do universo esportivo ou cultural) e vibram com as pequenas conquistas da equipe. Até a forma de vivenciarem o estresse da redação em conjunto é diferente do que percebem em outras editorias. Gosto muito dos seres dessas duas tribos e tenho muitos que moram no meu coração (é pieguice, eu sei).

Com esta coluna, encerro minha série criada a partir de um material preparado para participar de uma aula sobre jornalismo especializado, anos atrás, a convite da professora e jornalista Renata Escarião. O conteúdo, formado por um pouco mais que duas laudas, foi obtido após consultas a colegas de trabalho, entre repórteres e editores.

Para mim, jornalismo sempre foi trabalho de equipe, independentemente de qual editoria os atores estão atrelados. Em cultura, economia, esportes, política ou cidades, sempre há espaço para talento, criatividade, astúcia, sensibilidade, organização, senso crítico e bom-humor. Nem sempre um só repórter possui todas essas qualidades, e o sucesso de uma edição depende de como o editor inspira e motiva sua equipe. Se esse editor foi um bom repórter, é porque aprendeu com quem veio antes dele. A todos os que me precederam, sou grata pelo conhecimento compartilhado.

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos - Parte 1 - A Valsa

Como já o fiz anteriormente, quando abordei o tema musical "Trilhas Sonoras", em uma série de quatro colunas, de forma sequenciada e contínua, dou início a uma nova série, só que, desta vez, de maneira intermitente, sobre os sons rítmicos espalhados pelo universo musical.

Desde as minhas mais remotas audições musicais e dos tempos dos antigos 78 rpm, até o já quase ultrapassados CDs, DVDs e Blu-Rays, a valsa sempre esteve presente através da sensibilidade que nos era transmitida pela família Strauss, da longínqua Viena, mormente, neste último caso, nos célebres e famosos *New Year's Concerts*, sob as regências memoráveis de Herbert Von Karajan (austro-alemão - 1908-1989), Willi Boskovsky (austriaco - 1909-1991), Georges Prêtre (1924-2017), Nikolaus Harnoncourt (alemão - 1929-2016), Carlos Kleiber (alemão - 1930-2004), Mariss Jansons (letônio - 1943-2019), Daniel Barenboim (portenho - 1942), Kazushi Ono (japonês - 1960) e Franz Welser-Möst (1960).

Mas as grandes estrelas do estilo musical advêm-nos da antiga Áustria (Viena), berço da família Strauss, prolífica no campo da música clássica.

A valsa, termo derivado do alemão *Walzer* (do verbo *walzen*, que significa "rodar, rodopiar"), por sua vez derivado do termo *länder*, dança de origem austríaca, popularizou-se na Europa com o nome francês de

Valse, de que se originou o termo vernáculo. Foi chamada por muito tempo de dança de salão, sempre composta no compasso ternário (3/4), tecnicamente com predominância forte na primeira batida do compasso. Mas, é mais conveniente ficarmos com o nosso vernáculo valsa com os seus derivados congêneres valsas, valseiro e valsista.

Quanto aos Strauss, a família de compositores e músicos é hoje mais comumente associada à valsa, embora hajam composto outros gêneros, como polcas, marchas e até o que se conhece como opereta e poema sinfônico. Da família dedicada à música, destaque para o pai, Johann Baptist Strauss Sr.(I) - (1804-1849), cuja composição mais conhecida é a *Radetzky March* que, ainda hoje, tradicionalmente, sempre encerra o *New Year's Concerts* a que fizemos referência; e para os filhos Johann Strauss Jr.(II) - (1825-1899), o expert na composição das valsas mais conhecidas: *An der schönen blauen Danau* (Danúbio Azul), *Künstlerleben* (Vida de Artista), *Geschichten aus dem Wiener Wald* (Contos dos Bosques de Viena), *Kaiserwald* (Valsa do Imperador), *Rosen aus dem Süden* (Rosas do Sul); *Josef Strauss* - (1827-1870), com as valsas *Sphärenlange Waltz* (Valsa das Esferas) e *Delirien* (Delírio); *Eduard Strauss* (1825-1916); e *Richard Strauss* - (1864-1949), que nos deu o poema sinfônico *Also Sprach Zarathustra*, como se sabe, baseado no tratado filosófico homôni-

mo, de autoria de Friedrich Nietzsche.

Dentre outros destaques dos valistas do mundo clássico, citarei apenas alguns, cujas audições nos reconfortam: Frédéric Chopin, pianista e compositor polonês, radicado na França (1810-1849) - Valsas "Brilhante" - op.18-no.1 e op.34-no.2, Valsa do Minuto (op.64-no.1), Valsa do Adeus - op.69-no.1, entre tantas outras; Léo Delibes, compositor francês (1836-1891) Valsa Coppelia; Émile Waldteufel (1837-1915), compositor francês de ascendência judaica - *Les Patineurs* (Valsa dos Patinadores); Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) - *Waltz of the Flowers* (Valsa das Flores - op.71) e *The Sleeping Beauty* (A Bela Adormecida - op. 66); Franz Lehár (1870-1948), compositor austro-húngaro - *in The Merry Widow* (Viúva Alegre); Maurice Ravel (1875-1937), compositor francês, que nos deixou, além do hoje festejado "Bolero", deixou-nos *La Valse*, a que

ele chamou de poema coreográfico. Não restam dúvidas de que, modernamente, grandes orquestras populares ajudaram a familiarizar o grande público com a valsa. Como exemplo, basta citar algumas, como as dos arranjadors/regentes/arranjadors Ray Conniff (norte-americano), Paul Mauriat (francês), James Last (alemão), André Rieu (holandês) e do coral alemão Fischer Chöre. E as valsas na música dita popular? Elas serão objeto da próxima Coluna.



96. Strauss. Die Kapelle Johann Strauss beim Probieren.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Pandemia e o caos

Não tem sido diferente em meio ao caos que afetou o ramo de hotelaria.

Para completar, não teremos carnaval esse ano. O que, como já falei outro dia, é sempre uma data esperada por todos para ter um faturamento diferenciado. Mas, em meio a tudo que vem acontecendo no mundo, no nosso Estado não tem sido diferente. E, com isso, reflete nos pequenos e médios empreendedores quando se muda horário de funcionamento e fechamentos. Pois, é o horário em que mais se vende em alguns estabelecimentos do ramo.

Venho recebendo inúmeros *directs* de pessoas que já não suportam mais os encargos, impostos, gás de cozinha

subindo, insumos para produção. E, além de tudo, os valores de combustíveis subindo a cada dia mais. O reflexo chega até o bolso do consumidor que não quer entender o porquê de subir os preços dos alimentos do dia a dia.

Vou citar uma experiência própria. Sábado comprei uma quentinha na feira do Bairro dos Estados no valor de R\$ 10 e na segunda-feira voltei ao mesmo local. Houve um aumento de 20% na quentinha, passando para R\$ 12. No entanto, notei que teve uma diminuição de clientes muito grande, isso é um reflexo do que atinge, infelizmente, sobremaneira, as pessoas de baixa renda da nossa sociedade.

A consequência de tudo isso é o

fechamento de microempresas. São empresas tentando repassar seus pontos comerciais para, ao menos, pagar o que deve e quitar seus encargos trabalhistas.

É uma realidade dura e muito pesada de um sentimento de socorro que muitos deles têm vivenciado. Veio o Natal, Ano Novo com redução de horários. E agora vem o Carnaval. Quem já sofreu por tanto tempo não aguenta mais o famoso pinga, pinga das vendas.

Só venho aqui gritar, por onde posso, por minha classe de hotelaria. E dizer que estamos em coma, podendo chegar a morrer como muitas empresas que faleceram nesta pandemia. Socorro! O oxigênio está acabando!



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Risoto de queijo coalho e peito de peru

Ingredientes

- 300g de peito de peru em cubos
- 500g de arroz arbóreo
- 01 colher de manteiga da terra
- 01 cebola bem picada
- 02 dentes de alho bem picados
- 200g de queijo de coalho comum ralado
- Salsa a gosto
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Noz moscada
- 150ml de cachaça
- 1 litro de caldo de legumes



Modo de preparo:

■ Em uma panela, refogue a cebola e o alho e, em seguida, acrescente o arroz e a cachaça. Depois acrescente, aos poucos, o caldo de legumes no arroz e tempere com a noz moscada, a pimenta do reino e corrija com o sal, e sempre dando uma olhada na necessidade do caldo de legumes, acrescente o restante dos ingredientes e sirva. Antes de servir, finalizar com uma colher de manteiga e mexer bem.

QUENTINHAS

A moda dos Botecos tem tomado conta da capital de João Pessoa, o bairro de maior concentração ainda é o de Manaíra, tendo para todos os gostos e para todos os bolsos.

O Bairro dos Estados tem se tornado um espaço para área gastronômica e tem crescido bastante, sorveteria, lanchonetes variadas, botecos, favas, padarias, espetinhos, bares com música ao vivo e está para abrir uma empanada de franquia muito conhecida já.

A Pizza Fan promete muito em breve abrir sua casa na capital, e o Bairro de sua escolha será no Bairro dos Estados, já vem vendo um bom crescimento gastronômico nesta área.

E por falar no bairro, o bom de tudo isso é que tem gerado um público local e dando um resultado bem especial a cada local deste. Vamos viver nossos bairros, isso é muito importante valorizar aquilo que tem próximo de nossas casas.

PITADAS A GOSTO

A noz moscada veio da Indonésia e da Índia para o Ocidente nos navios dos mercadores muçulmanos. Na época das Grandes Navegações, ela era essencial para conservar os alimentos.

O tempero que conhecemos é a semente ressecada de uma noz de cerca de 1,5 centímetro. Para não perder o aroma, a especiaria deve ser triturada ou ralada apenas na hora de colocar no prato.

Seu sabor levemente adstringente acentua o gosto de carnes de sabor suave, como aves, e é apreciado em purês de legumes e receitas que levam queijos e leite. Também pode ser empregada em doces e compotas de frutas.